

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA - UNIMEP
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACIS

**LAZER E USO DE DROGAS ILÍCITAS: UM DIÁLOGO COM USUÁRIOS DE
COCAÍNA**

LEISURE AND ILLICIT DRUG USE: A DIALOGUE WITH USERS OF COCAINE

DANIELLA MARCHESE

PIRACICABA - SP

2011

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA - UNIMEP
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACIS

**LAZER E USO DE DROGAS ILÍCITAS: UM DIÁLOGO COM USUÁRIOS DE
COCAÍNA**

LEISURE AND ILLICIT DRUG USE: A DIALOGUE WITH USERS OF COCAINE

Dissertação apresentada junto ao Programa
de Pós-Graduação em Educação Física
para obtenção do título de Mestre.

DANIELLA MARCHESE

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil”

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Guanis de Barros Vilela Junior
Presidente e Orientador
Faculdade de Ciências da Saúde - FACIS
UNIMEP – Taquaral

Profª Drª. Cinthia Lopes da Silva
Membro
Faculdade de Ciências da Saúde - FACIS
UNIMEP – Taquaral

Prof.Dr. Afonso Antônio Machado
Membro
Instituto de Biociências - IB
UNESP – Rio Claro

Data da Defesa: 29 de agosto de 2011.

Dedico este trabalho a meu pai.

Agradecimentos

Apesar de não parecer, porque gesticulo muito e normalmente falo demais, não sou muito boa com grandes manifestações de carinho, demonstrações de estima suntuosas e exageros neste sentido. O que não implica de forma alguma na dimensão de minha gratidão e afeto àqueles cuja presença, ausência ou interferência me fizeram concluir algo que muitas vezes acreditei que não conseguiria fazer.

Duas pessoas me fizeram continuar quando estava achando tudo muito chato, monótono ou sem sentido. A Rosana e Zaíra, meu agradecimento por deixarem tudo legal, interessante e apontarem a razão de estarmos persistindo, mesmo quando parece estarmos muito distante do que nos trouxe até aqui;

Amigos queridos e distantes, Jessika e Max, distintamente doutores a sua maneira, ela em como enfrentar turbulências e continuar sorrindo e ele em como abraçar o mundo. Saudades alegres, obrigada por preencherem espaços mesmo estando longe;

Queridos mestres, tantos e tão queridos, mas especificamente a banca, composta por três pessoas importantes em três momentos decisivos. Àquele cuja lembrança e o conhecimento implacável hoje se faz presente novamente, àquela cujo comprometimento, a convicção e humanidade me inspiram continuar e aquele cujo crédito que me foi dado, sem reservas, jamais terei como retribuir. Obrigada.

A minha família de coração, que ganhei de presente e que me faz lembrar como é bom estar em família. Dna. Dê, Seu Nelson, Gê, Marcelo, Carol e J.P., minha velha-nova família, que me equilibra e me põe nos eixos;

Meu amor imenso aos que não estão hoje, fisicamente presentes, mas cuja energia de suas vidas, irá viver em mim para sempre. Me comprometo em mantê-la viva e pulsante;

A pessoa mais amada deste mundo, minha filha linda, que suporta meus papos filosóficos cheios de redundâncias, meus ataques de incerteza e ouve minhas músicas antigas com cara de interesse total. Seu amor me renova, me acalma e me faz renascer. Todos os dias que me forem dados, meu amor será teu, Bruna amada;

Ao amor materializado, que tomou forma e me contaminou. De imperfeição em imperfeição, Tato, temos nosso elo, inquebrável. A inacreditável certeza de saber que mesmo sem você, nada me fez ser menos tua. Ao homem perfeitamente errado, que me traz uma paz impensável em vida. A escolha de viver esta febre enquanto houver suor para abrandar o calor;

A dúvida que nos faz continuar buscando,

Ao incerto que nos faz curiosos,

À beleza improvável,

Àqueles que não têm medo de estarem errados, e por isso, tentam.

Ao movimento, o ar e o vento.

À minha história, que me trouxe até aqui. Exatamente onde eu deveria estar.

.

Sumário

Resumo.....	i
Abstract.....	ii
1. Introdução.....	10
2. Revisão de Literatura:	
2.1. O lazer como possível espaço/tempo para o consumo de drogas.....	18
2.2. História e perspectiva social da cocaína e seus usos.....	36
2.3. O usuário na sociedade.....	47
3. Desenvolvimento da Pesquisa:	
3.1. Método.....	58
3.2. Instrumentos.....	61
4. Discussão:	
4.1. Exposição dos Resultados.....	70
4.2. Análise dos Resultados.....	81
5. Conclusões.....	89
6. Referências Bibliográficas.....	95
Anexos:	
a. Questionário Social.....	104
b. ASSIST (OMS) com Feedback Card.....	106
c. TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).....	110
Apêndices:	
a. Declaração de Identidade de Conteúdo.....	111
b. Declaração de Responsabilidade do Pesquisador.....	112
c. Folha de Rosto para Pesquisa envolvendo Seres Humanos.....	113
d. Check List.....	115
e. Certificado do Comitê de Ética em Pesquisa/UNIMEP.....	116

MARCHESE, D. **Lazer e Uso de Drogas Ilícitas: Um Diálogo com Usuários de Cocaína**. Piracicaba, 2011. 116 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências da Saúde - FACIS, Campus Taquaral, Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP.

Resumo

Podemos constatar diariamente a presença da droga no contexto da sociedade atual. Várias leituras já foram feitas no sentido de tentar compreender esta presença, assim como quem são os adeptos desse uso. No entanto, é possível notar que, costumeiramente, os estudos neste sentido apontam especificamente para dados fisiológicos e patológicos da questão, muitas vezes desconsiderando outros aspectos que compõem tal panorama. Entendendo a necessidade de trazer um novo olhar sobre a perspectiva das drogas, considerando-o em uma esfera contextualizada em uma sociedade pautada para a cultura do lazer de consumo, delineou-se a constatação necessária para o questionamento desta pesquisa. Com o caminho pautado em uma perspectiva biopsicossocial, o presente estudo buscou averiguar a possibilidade da presença das drogas no espaço tempo de lazer. Através de levantamento bibliográfico e usando metodologias combinadas, o estudo apresentou, perpassando o olhar do usuário de droga, (e neste caso específico, a cocaína), como ele entende seu tempo de lazer e como relaciona (e se relaciona) a droga com este tempo e espaço de lazer. O usuário entrevistado através dos instrumentos propostos demonstrou fragilidade ao compor suas relações sem, no entanto, comprometer seu cotidiano. Apesar de fazerem parte de um grupo privilegiado por sua situação socioeconômica, a pauta da presença da droga caracterizou-se pela busca de um prazer, associado ao tempo de lazer, mas dissociado do dia-a-dia destes sujeitos, cujas relações e o prazer são intensificados e parecem só existir pela presença da droga. Configurou-se então, um lazer cuja presença da droga aponta para uma sociedade que privilegia ainda, o efêmero e o instantâneo e um sujeito, cuja droga pode compor sua principal relação com a sociedade.

Palavras-chave: Lazer; Droga; Sociedade.

MARCHESE, D. **Leisure and Illicit Drug Use: A Dialogue with Users of Cocaine.** Piracicaba, 2011. 116 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências da Saúde - FACIS, Campus Taquaral, Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP.

Abstract

We daily witness the presence of drugs in the context of contemporary society. Many readings have been made in trying to understand this presence, as well as who are the supporters of such use. However, it is possible to notice that, customarily, the studies point specifically to that effect physiological and pathological data of the question, often ignoring other aspects that make up this panorama. Understanding the need to bring a new look at the prospect of drugs, considering the ball in a contextualized society based on a culture of leisure consumption, outlined the evidence is required for this research question. With the way ruled by a biopsychosocial perspective, this study searched to investigate the possibility of the presence of drugs in the leisure space and time. Through to the literature review and using combined methodologies, the present study, traversing the eyes of the drug user (and in this particular case, cocaine), as he understands their leisure time and how it relates (and interact) the drug in this leisure time and space. The user, interviewed through the instruments proposed, showed weakness when composing their relations without, however, compromise their daily lives. Despite being part of a privileged group by their socioeconomic situation, the agenda for the presence of the drug was characterized by the pursuit of pleasure, associated with leisure time, but divorced from the day-by-day of these guys, whose relations and pleasure are intensified and seem to exist only by the presence of the drug. Configured, then, a leisure whose the drugs presence points to a society that still privileges, the ephemeral and the quick and a guy, whose drug may make up his main relationship with society.

Keywords: Leisure; Drugs, Society.

Introdução

Em 2009 a Organização Mundial das Nações Unidas, através de seu Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, emitiu o Relatório Mundial sobre as Drogas (WDR – World Drug Report). Neste, foram levantadas informações mundiais sobre uso, tráfico e produção de drogas, o Brasil figura minimamente, se comparado aos números de outros países. No entanto, é possível verificar, que está nas Américas, (88%), o maior número de apreensões do tráfico de cocaína mundial. Ainda neste mesmo documento, é possível verificar que de 88% da cocaína apreendida nas Américas, 45% encontra-se na América do Sul. No Brasil, em 2007, foram apreendidas 17 toneladas da droga e em 2008 a quantidade de apreensão da mesma droga passou para 20,4 toneladas. O aumento do número de apreensões no Brasil em 2008 cresceu em 21%.

Diferente da tendência europeia verificada no relatório, em que o consumo de cocaína tem caído gradativamente, ainda que em detrimento do uso de drogas mais “potentes” ou “modernas”, o consumo de cocaína vem crescendo no Brasil e em outros países da América do Sul. Entre 2006 e 2007, eram 890.000 consumidores de cocaína no Brasil, segundo o WDR – Relatório Mundial sobre as Drogas da ONU, publicado em 2009.

O que impressiona, no entanto, não está especificamente explícito nos números, nem em uma primeira leitura superficial destes dados. É preciso considerar que muitas vezes, os dados ocultam, aparentemente, uma realidade bastante diferenciada do que a apresentada nos telejornais, nas revistas e em outros meios de comunicação. Mais do que informar sobre causas e conseqüências das drogas em nossa sociedade, a “desinformação” parece ser a tônica da presença destes meios no cotidiano familiar. Como citam Gomide e Pinsky, (2004, p. 54-67):

[...] é bastante comum a existência do que se convencionou chamar de “Educação para a Mídia” [...] No Brasil tem sido dada pouca importância a iniciativas do gênero. Assim por omissão da sociedade e por falta de um controle institucional mais rigoroso, programas sem nenhum conteúdo educativo são apresentados como tal e pais desavisados permitem que seus filhos os assistam sem reservas.

A cocaína foi glamorizada¹ ao longo dos anos e aparentemente, como consta do relatório do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC, 2009), não parece perder *status*. É possível citar agravantes neste sentido. Devido a uma diminuição da concentração da droga pura, feitas pelos próprios traficantes, tanto para aumentar a quantidade de produto a ser vendida, como para aumentar a vida “útil” do usuário, a cocaína pode ser usada por anos, pois o organismo acaba por se tornar tolerante a droga e apresentará danos físicos mais graves e limitantes em maior prazo. O usuário parece sentir-se mais produtivo e interativo, mantendo-se assim por tempo do que o usual sob seu efeito. É comum o discurso desinibidor sobre o efeito da droga. Promove uma excitação controlável e o aumento do consumo produz uma espécie de efeito gradativo: mais consumidores, mais oferta, menor preço². E tem sido usada como moeda de troca dos jovens de classe média que viajam à Europa e que trazem ecstasy para ser vendido no Brasil.

Porque se preocupar com a cocaína, enquanto verificamos que existem outras drogas muito mais avassaladoras e baratas no mercado, ou ainda outras drogas de uso constante e em crescimento exponencial no país?

A cocaína estabilizou-se como droga de inserção social e cotidiana, devido a dificuldade de rastrear o usuário da droga, (uma vez que, salvo conhecimento prévio, não possui cheiro forte e característico e pode ser consumida rapidamente), e por trazer a sensação de melhora na produtividade cotidiana bem como nas relações sociais, a priori. E tem diversas funções nesta sociedade de consumo, como foi levantado anteriormente. Pode ser a matéria-prima de novas drogas. Pode ser comprada e usada facilmente. E não parece ser uma droga dos extremos sociais: está enraizada na classe média e alta, porém, cada vez mais, se infiltra na população de baixa-renda. Se a droga era utilizada apenas pelos mais favorecidos economicamente duas décadas atrás, hoje

¹ “A década de 80, muito bem descrita pelo jornalista e escritor Tom Wolfe em *A Fogueira das Vaidades* e *A Palavra Pintada*, entre outros, nos introduz à época pós-guerra fria, do capitalismo selvagem de Wall Street, dos ternos desestruturados dos *yuppies* em seu consumo fanático de grifes e da cocaína como a droga da moda, tempo de badalação dos artistas plásticos em vernissages concorridas [...] criando rótulos a cada semana”. (AMARAL, 2005, p. 2.).

² O preço da cocaína, no Brasil, em 2005, variava entre seis e doze reais. (UNODC / Brasil e Cone Sul, Relatório Mundial sobre Drogas, 2009).

a cocaína está infiltrada nas populações de menos renda, pois pode ser comercializada através dessa população e também é pasta base para o consumo de outras drogas mais baratas, como o crack³. Como explica Souza (1996, p. 431):

[...] um "comando" — pode envolver uma multiplicidade de atores e empregar um elevado número de pessoas, nos marcos de urna hierarquia que vai do "dono" (que pode ser um médio traficante, dependendo do número de bocas de fumo por ele controladas) ao "olheiro" (que avisa sobre a aproximação da polícia), passando pelos "aviões" (entregadores da droga aos clientes), "soldados" (que fazem a segurança das bocas-de-fumo), "gerentes" (que administram o movimento das bocas-de-fumo para o "dono") e pelas pessoas (incluindo-se aí muitas mulheres) que embalam a droga para a revenda. Isso para não falar dos policiais que extorquem traficantes ou, mesmo, pratica crimes a soldo destes. Em outras cidades brasileiras o tráfico tende a estruturar-se de maneira semelhante, se bem que com menor sofisticação... Com respeito ao subsistema varejo não se deve esquecer, contudo, dos restaurantes, boates, apartamentos de classe média e mesmo estabelecimentos de ensino, além, por fim, da venda de rua.

O usuário de cocaína tende a minimizar os potenciais efeitos da droga em seu corpo. Talvez por vivenciar uma sensação de grandeza e fortalecimento durante seu consumo, o usuário reitere sua aplicação como uma espécie de fórmula para estar na pele daquilo que em seu cotidiano, sem o efeito da droga, não consegue ser.

Um pouco além das observações fisiologistas e psicológicas sobre o consumidor desta droga, cabe levantarmos um ponto que não parece ter sido o grande foco de pesquisa nesta relação usuário-droga. Se for considerado socialmente este consumo, e todas as implicações e facetas desta sociedade, (desde a mais simples constatação de haver um usuário neste ou naquele espaço de convívio, até os rótulos e descartes feitos neste contexto), é preciso questionar no caminho oposto ao que tem sido muitas vezes proposto para que possamos compreender o vínculo desta relação. E esta é a tentativa deste estudo. A proposta é compreender o usuário enquanto indivíduo, para que possamos compreender a importância deste elemento (a droga), no contexto social onde o usuário, enquanto sujeito da pesquisa, se encontra. Porque buscar na droga, e neste caso, a cocaína, o caminho para inserir-se ou diferenciar-se do seu meio de

³ É possível citar uma série de outras drogas provenientes da pasta de coca, da cocaína em pó, e também do próprio uso da folha de coca, descriminalizado em países de grandes altitudes, como por exemplo, Bolívia, Colômbia e Peru. Drogas menos difundidas na América do Sul, como a merla, e outras mais conhecidas como o mesclado, o crack, e o novíssimo Oxi.

convívio? Quais caminhos a droga viabiliza ou contrapõe socialmente? Como o adepto visualiza sua participação social através do consumo e principalmente, como podemos interferir/agir, para mudar/melhorar este convívio, fazendo com que a droga não seja ferramenta principal para que este ator possa vivenciar seu papel social?

Ao levantar esta possibilidade de diálogo entre o lazer e o uso de cocaína, onde o lazer pode ser espaço para o consumo, não se pode perder de vista o cenário deste estudo. Entende-se abordar tal questão como fenômeno social, através da concepção de Max Weber, explicada por Santos, (1987, p. 7):

A ciência social será sempre uma ciência subjetiva e não objetiva como as ciências naturais; tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais, métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vista a obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objetivo, explicativo e nomotético.

Ainda que socialmente inserido, o uso de drogas parece estar também atrelado à noção de “ocupação para o ócio” ou ainda como “conseqüência de um tempo livre mal administrado”. Ainda que possamos verificar essa incidência, precisamos ser cuidadosos ao nos referirmos a esse tempo onde, inicialmente, parece estar o momento ideal para o consumo de drogas.

Inicialmente deve-se considerar este uso não especificamente como casual, nem unicamente como de vício. Há diferenças entre esses dois tipos de consumidores. Segundo considerações de saúde pública, sociais e educacionais, a pesquisa feita por Nowlis, (1982) e publicada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), distinguem entre quatro tipos de usuários:

1. Experimentador: limita-se a experimentar uma ou várias drogas, em geral por curiosidade, sem dar continuidade ao uso;
2. Ocasional: utiliza uma ou várias substâncias, quando disponível ou em ambiente favorável, sem rupturas nas relações afetivas, sociais ou profissionais;
3. Habitual ou "Funcional": faz uso freqüente, ainda controlado, mas já se observam sinais de rupturas;

4. Dependente ou “Disfuncional” (toxicômano, drogadito, dependente químico): vive pela droga e para a droga, descontroladamente, com rupturas em seus vínculos sociais, com marginalização e isolamento.

Desta forma, a proposta é identificar também diferenças em como classificar a ocorrência deste uso e onde ele se faz. É preciso considerar, inicialmente, em que “tempo” este consumo se dá. Segundo Marcellino, (1996, p. 8-9):

[...] A consideração do aspecto tempo na caracterização do lazer tem provocado uma série de mal-entendidos. Um deles diz respeito ao conceito "livre" adicionado a esse tempo. Considerado do ponto de vista histórico, tempo algum pode ser entendido como livre de coações ou normas de conduta social. Talvez, fosse mais correto falar em tempo disponível. Mesmo assim permanece a questão da consideração do lazer, como esfera permitida e controlada da vida social, o que provocaria a morte do lúdico, e a ocorrência do lazer marcada pelas mesmas características alienantes verificadas em outras áreas de atividade humana.

O tempo de uso da droga pode ser ou não considerado como tempo disponível. O grau de dependência da droga pode acabar sendo o determinante em relação a este espaço de uso. O usuário adicto⁴, ou seja, aquele usuário cuja dependência física e psicológica em relação a droga é constatada, não pode determinar com segurança quando e onde irá usar a droga, porque já não pode fazer este tipo de escolha, uma vez que faz do vício e da droga que consome seus meios para ser um agente social, segundo sua compreensão. No entanto, existe aquele usuário que consegue optar por fazer o consumo da droga em momentos específicos e determinados por sua escolha. Este sujeito então, caracterizado por um comportamento recreacional em relação a droga, entendido como sujeito desta pesquisa, poderá fazer este uso em seu tempo disponível, e neste momento se fala do uso em um momento considerado de lazer. O

⁴ Devemos entender a dependência química como uma doença biopsicossocial, formada por componentes biológicos, psicológicos e de contexto social. É claro que as estratégias de abordagem do problema devem incluir, igualmente, elementos biológicos, psicológicos e sociais. Por isso não deve ser tratada apenas a doença cerebral subjacente à drogadição, mas tratar, sobretudo, as alterações emocionais do paciente, bem como abordar os problemas sociais. (BALLONE, G.J., 2003, p. 1)

uso de droga como fonte de prazer e de desligamento da cotidianidade⁵, como fuga ou distanciamento, um uso que é feito por escolha, porque não figura como vício.

Cabe então, buscar perpassar esses três importantes aspectos que se apresentam como norteadores do estudo, o que traz uma importante característica para podermos caminhar na exploração de uma pesquisa biopsicossocial: temos o usuário, (que será definido durante o decorrer do estudo); a cocaína, que tem características interessantes por ser uma droga glamorizada, de fácil e barato⁶ acesso, aparentemente estabilizada e crescendo numericamente dentro do Brasil; e o lazer, como possível espaço propício ao uso. As convergências e divergências destes três pontos representam o caminho a ser trilhado por este estudo. Entender inicialmente, o indivíduo consumidor de drogas, que pode fazer este consumo em um espaço/tempo considerado de lazer e como este consumidor entende sua participação neste contexto, pode traçar os passos iniciais deste estudo, que será relacionado com maior aprofundamento na revisão de literatura.

É preciso, no entanto, confrontar alguns questionamentos específicos de cada um dos fatores biopsicossociais desta questão. Teriam os valores da sociedade capitalista contribuído, de alguma forma, para desvirtuar valores através de pré-conceitos sobre “quem e como ser” para ser socialmente aceito? Como nossa

⁵ “Entende-se por cotidiano, toda atividade necessária para a sobrevivência de todo Indivíduo, onde estão postas suas vontades, paixões, idéias e capacidades. O que diferencia então, o cotidiano da cotidianidade, será a ausência de tais características, onde a ação motivada do indivíduo no cotidiano passa a ser alienada, caracterizando a cotidianidade. “Certamente, sempre foi preciso alimentar-se, vestir-se, abrigar-se, produzir objetos, reproduzir o que o consumo devora. No entanto, insistimos que até o século XIX, até o capitalismo de livre-concorrência e até o desenvolvimento do 'mundo da mercadoria', não existia o reino da cotidianidade” (Lefèbvre, 1991, p. 52).

⁶ “O ressurgimento de uso abusivo de cocaína nos últimos 30 anos não é de fácil explicação. No início da década de 70, havia pouca literatura demonstrando a toxicidade dessa droga e suas conseqüências na saúde e no desempenho do usuário. Justamente nessa década, a cocaína ressurgiu como a droga de escolha para um suposto uso “recreacional”, que colaborava para a crença de que a droga é segura, sem risco de causar dependência. Foi a partir dos anos 80, com o aumento da oferta de cocaína no mercado de todos os países americanos, que essa concepção começou a mudar. Esse aumento da oferta deve-se, principalmente, a uma maior produção e a uma distribuição mais eficaz realizadas por alguns cartéis de traficantes sul-americanos. Essa maior oferta, com um preço muito menor, fez com que o uso de cocaína aumentasse e se diversificasse bastante. Segundo informe do NIDA (National Institute of Drug Abuse), em 1994, o consumo ocasional e o regular de cocaína diminuíram, ao passo que o consumo freqüente aumentou”. (FERREIRA, P.E.M.; MARTIN, R.K., 2001, p. 98-99).

sociedade impõe ou sugere necessidades e características de um modelo “normal” de indivíduo? Estariam na droga, pela própria droga e as sensações provocadas pelo seu consumo, a explicação para o uso crescente nas mais diversas esferas sociais? Na tentativa de trazer um novo olhar sobre este panorama, segue esta investigação.

O objetivo deste estudo é conhecer a partir do contexto dos usuários de cocaína e suas impressões sobre este contexto, os significados presentes na possível relação entre uso de drogas ilícitas e suas vivências de lazer, aproximando as discussões referentes ao uso de drogas ilícitas com a temática do lazer. Através da tentativa de compreensão do uso do tempo livre por parte dos usuários de drogas ilícitas, detectar o significado da droga nestas vivências, estabelecer as possíveis relações entre o uso de drogas em situações de lazer e suas implicações para o cotidiano dos usuários.

Na intenção da construção de uma pesquisa de caráter biopsicossocial, faz-se importante a adequação de métodos e instrumentos que colaborem no sentido de explorar a intencionalidade da pesquisa em seu caráter qualitativo. Buscando abordar a proposta deste estudo, será realizada pesquisa bibliográfica com objetivo de nortear a construção teórica e levantar através da mesma, autores que abordam os temas desta pesquisa.

O estudo propõe uma revisão de literatura que se baseia em três tópicos principais: o lazer como possível tempo e espaço para uso de drogas, a história da cocaína e suas implicações sociais e o usuário e seu tempo de lazer.

Para tanto, além da pesquisa bibliográfica, serão feitas aplicações de instrumentos de avaliação, (posteriormente discriminados em capítulo específico), que terão seus dados cruzados para identificar classe social, padrão econômico, instrução, orientação sexual e faixa etária, que serão relacionados ao grau de dependência do usuário, assim como constatação do consumo de outras drogas, avaliados por instrumento específico. Tais instrumentos serão analisados especificamente e posteriormente somados em suas análises para que se possa atingir um maior entendimento dos questionamentos considerado o olhar proposto para o estudo.

Fica delineado então, o caminho proposto para a pesquisa: Buscar averiguar se a droga está presente nos momentos entendidos como de lazer em determinados grupos. E estando, em quais camadas sociais e por quais motivos. Compreendendo se

o usuário se apropria da permissividade de uma sociedade que ameniza suas mazelas através do lazer contemporâneo e sua característica direcionada ao consumo, que rotineiramente os classifica como patologicamente comprometidos, se isentando, muitas vezes, de considerar também os aspectos biopsicossociais da questão. Sobre estas considerações do possível uso da cocaína nas vivências de lazer que irá aprofundar-se a investigação.

2. Revisão de Literatura

2.1. O lazer como possível espaço/tempo para o consumo de drogas

Nos séculos XIX e XX, Sigmund Freud, acreditando ter descoberto possibilidades de aplicação terapêutica em um alcalóide de potente ação estimulante, receitou cocaína para tratar o vício em morfina de seu amigo Fleischl. O amigo morreu em decorrência do então “medicamento” e mesmo observando este quadro, Freud talvez não tivesse notado que seu grau de envolvimento pessoal com a droga não era unicamente científico. Os estudos e o conhecimento formalizado sobre a droga prescrita por Freud evoluíram drasticamente desde sua conferência para a Sociedade Psiquiátrica de Viena, onde argüiu sobre a capacidade de aumentar a sensação geral de bem-estar pertinente ao uso terapêutico da cocaína. (BURNS, 2002; GURFINKEL, 2008). No entanto, mesmo com o fracasso freudiano e a evolução dos estudos no sentido de erradicar a droga, sua presença ainda hoje é recorrente entre as diversas classes sociais, seja para uso ou comercialização. Para justificar o paradoxo da evolução dos estudos e da persistente presença da cocaína na sociedade, usuários dizem do tédio, do marasmo de quem tem tudo que podia almejar e busca novas emoções em experiências limítrofes. Dizem da busca por algo que no cotidiano não se alcança, não se pode vivenciar. Dizem da miséria e do desemprego de quem encontrou no tráfico, uma chance para poder sustentar não apenas a si próprio, mas também sua família, seus dependentes. Estaria na busca de um lazer associado ao prazer inseqüente, o caminho que leva o usuário ao vício? Estaria no desprazer de um lazer capitalizado a presença da droga como fuga daquilo que não se pode ter? Estaria na falta de perspectiva (e então perpassando conceitos importantes e básicos como educação e saúde), a presença onipotente da droga na cultura de um país?

Antes de traçar as possibilidades de lazer enquanto espaço/tempo para o consumo de drogas, é preciso compreender a estrutura social sob a perspectiva deste estudo. Para cada mudança social, então entendendo a sociedade de forma contextualizada, pode-se conseqüentemente observar mudanças no comportamento dos seus atores sociais. Apontando neste sentido, para tentar explicar a construção dos aspectos fundamentais desta sociedade, explica Elias, (2000, p.5):

[...] a sociedade ocidental procura descrever em que constitui seu caráter especial e tudo aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras (costumes), o desenvolvimento de seu conhecimento científico ou visão de mundo, e muito mais.

A idéia da “dinâmica social” segundo a leitura de Elias caminha para a verificação de uma sociedade que cresce e baseia-se nos sentimentos próprios do que se entende, por civilidade. De acordo com o autor a sociedade que surge desta dinâmica, é marcada por sentimentos “crescentes de vergonha e repugnância, em concomitância com uma maior tendência a esconder, nos bastidores da vida social, aquilo que as causa”. (ELIAS apud Landini, 2005, pg. 2).

Desta relação entre ator e sociedade aquilo que não causa mudança do ator social por si só, de acordo com o que transparece socialmente como correto e aceitável, pode ter normas e regras controladas pelo próprio Estado. Aquilo que inicialmente poderia ser entendido como repressão e violência passa, ao longo dos anos e do crescimento desta estrutura social, a ser incorporado como “costume”, possivelmente transformado em um traço cultural da sociedade em questão.

Não se trata, no entanto de uma *redução processual sociológica*. Segundo Landini (2005, p.6), é possível compreender melhor a preocupação ao definir sociedade e seu caminho contextual em Elias:

Na sociologia, a redução processual pode ser vista em distinções conceituais entre o “ator” e sua atividade, entre estruturas e processos, objetos e relações. Conceitos tais como normas, valores, papéis, classe social, etc., muitas vezes parecem existir independente dos indivíduos, o que, para Elias, é inapropriado.

Este inapropriado diz respeito especificamente ao compreender que tal sociedade, inevitavelmente composta por indivíduos, não pode ser entendida nem ser sustentada se não for concebida de forma plural. Ou seja, esta sociedade na qual se insere o lazer neste estudo, deve ser compreendida através de relações constituintes e base de sua construção e crescimento. E desta mesma forma, os sujeitos que figuram tais relações.

Ainda que o lazer não seja uma invenção da sociedade contemporânea, nela seu conceito apresenta-se, não como acessório ou prêmio para a produção e recompensa

do trabalho. O lazer neste prisma é manifestação própria do indivíduo, pelo prazer que está inserido nestas vivências, e não em detrimento de outras atividades que o complementam ou são necessárias para proporcionar tais manifestações.

Ao iniciarmos um diálogo abordando lazer e consumo de drogas, é necessário compreender algumas características específicas do lazer. Para tanto, o estudo apropria-se de uma das reflexões mais importantes na compreensão desta questão. Segundo Marcellino (1998, p. 53):

A questão do lazer é marcada pela ambigüidade: pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes críticas e criativas com relação às esferas pessoal e social, ou, simplesmente, acentuar o conformismo, levando a processos de acomodação.

Como, no entanto, a questão do lazer aparece neste estudo intrinsecamente relacionada à questão social, é necessário estar atento a outras possibilidades destas vivências, que não especificamente apenas alienar ou apenas criticar. O espaço e o tempo de lazer podem figurar como momento para o consumo de drogas e deve-se compreender com maior amplitude essa esfera de vivências, sob um prisma mais amplo. Ainda em Marcellino, (2007), é possível verificar mais profundamente esta questão, na qual lazer e sociedade relacionam-se como “[...] cultura vivenciada (praticada, fruída ou conhecida), no tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares, sociais, combinando os aspectos tempo e atitude [...]”.

Porém, esta mesma cultura, entendida e contextualizada no decorrer deste estudo, se apresenta repleta de valorações e sentidos que muitas vezes se perpassam e sobrepõe esta classificação, uma vez que, em uma sociedade onde a cultura passa ser também fator de identificação do sujeito e de seu grupo, existe e se perpetua no meio, não parece depender de um espaço e um tempo específico para que se manifeste. Como explica Hall, (1997, p. 26-27):

[...] devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico. Portanto, é fácil

perceber porque nossa compreensão de todo este processo teve que ser completamente reconstruída pelo nosso interesse na cultura; e por que é cada vez mais difícil manter a tradicional distinção entre “interior” e “exterior”, entre o social e o psíquico, quando a cultura intervém.

E desta relação, surge à possibilidade de compreendermos o diálogo do espaço/tempo de lazer através do contexto onde o mesmo encontra-se, como prossegue Marcellino (2007), ao colocar que “[...] o lazer gerado historicamente e dele podendo emergir, de modo dialético, valores questionadores da sociedade como um todo, e sobre ele também sendo exercidas influências da estrutura social vigente”.

Diálogo esse que pode constituir-se como caminho para uma redefinição do que compreende-se, limitadamente, sobre a importância destas vivências de lazer na estrutura social e inclusive educacional, ainda segundo Marcellino (2007, p.3):

[...] um tempo que pode ser privilegiado para vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural, necessárias para solapar a estrutura social vigente; portador de um duplo aspecto educativo - veículo e objeto de educação, considerando-se, assim, não apenas suas possibilidades de descanso e divertimento, mas também de desenvolvimento pessoal e social.

Deve-se considerar mais atentamente a questão dialética desses valores. Ao emergir como um diálogo questionador entre o lazer e a sociedade vigente, o lazer trás consigo, além da inserção historicamente situada, (e que conseqüentemente permeia aspectos de toda a esfera social onde ele se encontra), o espaço fértil para a manifestação de aspectos desta sociedade, subjugados em outras perspectivas do contexto histórico onde se encontra. Marcellino, (2007, p.3) complementa:

A vivência desses valores pode se dar numa perspectiva de reprodução da estrutura vigente, ou da sua denúncia e anúncio - através da vivência de valores diferentes dos dominantes - imaginar e querer vivenciar uma sociedade diferenciada.

Ao abordar o lazer neste sentido, se aceita a possibilidade de valorações diversas e diferentes daquelas consideradas como comportamento *desejável* e *dirigido* para tais momentos. O lazer não é só aceito na sociedade contemporânea, como sob determinada ótica, muito bem-vindo. Passou a ser meio de produção riquíssima de

valores e também meio de produção, de consumo. O caminho do lazer contemporâneo é vasto de possibilidades para o enriquecimento da cultura e sua propagação fértil, mas muito comumente podemos verificar o uso deste espaço/tempo de lazer com intuitos diferenciados dos usualmente entendidos como atividades de lazer. No entanto o fenômeno cultural tem muito mais de consumista do que citou Adam Smith⁷, quando entendeu ser o capitalismo o valor dos indivíduos que buscam seus interesses próprios, opostamente ao entendimento de servir o bem comum. Ainda que intermediado por iniciativas de cunho cultural e educativo, o *lasseiz-fare*⁸ produzido pela máquina consumista da sociedade capitalista atual impera. E neste estereotipo de lazer de consumo, podemos identificar características específicas dos atores sociais. Riesman (1975, p. 312), identificou três tipos específicos de sujeitos sociais, que colaboram para um caminho na compreensão deste lazer contemporâneo:

Os ajustados são[...] aqueles que correspondem em sua estrutura de caráter, às exigências de sua sociedade ou classe social [...] os que não se conformam com o padrão caracteriológico dos ajustados podem ser anômicos ou autônomos. Anômico é a tradução de anomique, de Durkheim, ou seja, sem regras, desgovernado [...] Os autônomos são aqueles que, no todo, são capazes de se conformarem às normas comportamentais de sua sociedade – uma capacidade que falta em geral nos anômicos – mas que são livres de escolher entre se conformarem ou não.

Longe da intenção de rotular os sujeitos desta sociedade do lazer de consumo, podemos verificar com esta colocação de Riesman, (1975), uma tendência questionável. Salvo os extremos, onde o primeiro (ajustado), parece ser o “consumidor” ideal para este lazer produzido e aparentemente de mão única, e o segundo (o anômico), cujo lazer figura como “válvula de escape”, onde as vivências passam a ser prêmio para o tempo de trabalho e espaço para consumo fazendo uso do capital produzido por sua mão-de-obra, parece-nos existir apenas no autônomo, a flexibilidade e criticidade necessárias para fazer do lazer um espaço fecundo.

⁷ Adam Smith, 1776, em sua obra “A Riqueza das Nações”.

⁸ Doutrina segundo a qual caberia aos governos assumirem exclusivamente as funções que apoiassem e estimulassem as atividades lucrativas, e a interferência governamental era proibida nos demais assuntos econômicos. Este liberalismo proporcionou as bases filosóficas do sistema capitalista industrial.

No entanto não é possível creditar apenas aos autônomos sociais a possibilidade de desenvolvimento do lazer contemporâneo conceituado como espaço crítico e criativo. Indivíduos em tempo de lazer carregam em si todas as significantes de uma sociedade capitalista que impõe algumas *necessidades* a serem preenchidas para que seu papel social seja pleno. Enquanto se espera educar para compreensão de que o lazer é espaço/tempo de crítica e criatividade, como elucida Marcellino, temos na contramão desta tendência todos os valores de um meio de produção que determina quem pode o quê. Parker, (1978, p. 31), explica que “[...] a expansão econômica necessitava de homens dispostos e aptos a consumir os produtos e serviços da indústria. Encontrou-se um mercado novo e lucrativo para tais produtos e serviços no lazer das massas populares”.

O mesmo trabalhador que terá seu tempo e espaço de lazer, assim mesmo como suas ações dentro deste lazer consumista, determinados por aquilo que pode produzir, será o que irá imediatamente parecer sensível a uma possível inadequação a este sistema. Seu trabalho e salário acabam por intervir em seu acesso às ofertas de vivência do lazer compreendido nesta estrutura social, assim como a de sua família, sejam esposa, filhos, ou qualquer outro dependente de sua renda. O produto do trabalho deste ator social, dentro desta relação econômica, será o que irá determinar à quais possibilidades e ofertas de lazer ele e conseqüentemente sua família, terão acesso.

De certa forma, devido à diversidade de fatores que “restringem” este ou aquele ator de uma participação efetiva e descompromissada das vivências do lazer (salientando que nesta estrutura social e econômica muito provavelmente esta relação estará, direta ou indiretamente, permeada por uma noção comercializada do entendimento de lazer e que se delineaia através do produto do trabalho), o perfil do praticante de lazer e por conseqüência, suas práticas, serão reflexo desta sociedade e daquilo que obtêm financeiramente através de seu trabalho. E em uma afirmação de Marcellino, (2000, p. 24) fica claro que “[...] a classe social, o nível de instrução, a faixa etária, o gênero, entre outros fatores, limitam as oportunidades de prática do lazer”. Dentro destes outros fatores citados, ainda que não apareça relacionado, o produto do trabalho é determinante para que o lazer seja vivenciado, nesta estrutura econômica e

social e, portanto, no entendimento do ator. Tais práticas não se enquadram no entendimento do lazer idealizado nas teorias que descrevem os aspectos mais importantes de tais vivências.

Para que se possa compreender melhor o caminho traçado nesta característica do lazer contemporâneo, podemos fazer uso da proposta de Rojek, (1999). Ao observar o lazer no meio de produção industrial e do trabalho assalariado, o autor apresenta aspectos daqueles que estão excluídos das camadas previstas nas relações de trabalho idealizadas, por estarem momentaneamente impossibilitados de trabalhar, mas que ainda assim são camadas sociais previstas na estrutura econômica industrial. No entanto, o que não constava daquela conformação social prevista, era a demanda que ao longo do tempo acabaria por ser precursora de um *estrato* social para o qual não havia mais empregos. E para os quais, a classificação temporária de desemprego, não conformava sua situação na sociedade. Tais trabalhadores buscaram através da produção independente (e compreenda-se aqui, independência por autonomia⁹ de produzir seu capital sem estar associado a quaisquer vínculos empregatícios formais ligados a indústria), passaram a ter acesso ao mesmo lazer daqueles que produziam através dos meios compreendidos como comuns a sociedade onde se inseriam e também a manifestar novas possibilidades de vivenciar este lazer, já que os valores de produção de capital destes indivíduos deixaram de estar associado diretamente aos da indústria. Portanto, em sua inadequação junto às camadas sociais previstas, surgem as primeiras manifestações classificadas por Chris Rojek como *Classe de Lazer Alternativo*. Enquanto outros trabalhadores produziam e consumiam o produto de seu trabalho, através de sua recompensa pelo trabalho, ou seja, o salário, os

⁹ Tal autonomia supracitada, bem como outras vezes em que tal termo for cunhado durante o texto, não carrega consigo a definição proposta por Kant, (1773), em sua “Fundamentação da Metafísica dos Costumes”. Ainda que a intenção do termo seja diferenciar o trabalhador formal do trabalhador citado por Rojek como “marginal”, (termo cuja explicação sucede), não é possível identificar neste comportamento uma postura autônoma kantiana. Tal sujeito, marginal enquanto compreendido como trabalhador autônomo, uma vez que não está submetido ao *modus operandi* do trabalho formalizado desde a revolução industrial pela própria indústria, submete-se ou escolhe capitalizar sua mão de obra de maneira “alternativa”, para poder ter acesso ao produto desta estrutura social, e desta forma, heteronômica é parte desta sociedade, uma vez que busca o mesmo lazer do trabalhador formal, por outras vias de produção de capital.

desempregados desta sociedade ideologicamente estruturada eram sementes de manifestações e novas possibilidades de produção de capital:

Eles rejeitam o trabalho assalariado e a monogamia como opções de estilo de vida viável, muitas vezes são céticos ou hostis aos valores da sociedade "correta", que eles consideram como sendo uma limitação indevida ou pessoalmente prejudicial e eles não possuem capital privado, e voluntariamente trocam a opção do trabalho assalariado e / ou casamento para uma existência sem raízes e, muitas vezes nômade (ROJEK, 1999, p.85).¹⁰

Porém, não se trata aqui de compreender esta "nova" camada em surgimento com preconceito, tampouco como vítimas desta sociedade. O ponto crucial desta análise está em confrontar os valores desta organização, sendo o trabalho o fator mais importante da vida dos trabalhadores e conseqüentemente, atribuir a idéia lazer como um momento de recompensa, de prêmio pelo trabalho. A comparação com os atores sociais até então compreendidos como desempregados voluntários, ou seja, que momentaneamente figuram sem trabalho, é inevitável. Mas o lazer alternativo citado traz consigo outras implicações. A princípio, por se diferenciar daqueles que fomentam sua produção através do vínculo direto a indústria e conseqüentemente por sua autonomia em relação ao trabalho. Circunstancialmente, a expectativa das vivências do lazer em ambos os grupos pode assemelhar-se. No entanto, a autonomia em relação ao meio de produção parece trazer consigo elementos de possibilidades de vivências de um lazer também mais autônomo. E nessa esfera do lazer, na qual o trabalho não é mais o ponto alto da vida produtiva do trabalhador, que se inserem valores antinomiais. Rojek (1999, p. 87) afirma que:

É razoável propor que o lazer é um dos espaços indispensáveis para o surgimento e disseminação de valores antinomiais. Ao contrário do trabalho, o lazer ocorre em relativamente poucos contextos de vigilância. A cultura incentiva pessoas a relaxarem, dizer o que lhes vem à mente e serem eles mesmos. Evidentemente, o papel da atividade transgressiva na mudança social tem sido muito bem explorado.

¹⁰ Rojek, C. Deviant Leisure: the Dark Side of Free-Time activity. Traduzido por Marchese, Daniella, UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba, 2009.

Ainda que nos pareça a marca deste lazer “alternativo” ser a criticidade e a criatividade, o que culminaria num processo interessante para maior aproveitamento desse espaço/tempo de lazer, a exploração pela indústria cultural da postura de consumo diretamente atrelada ao prazer necessário para a manifestação do lazer pleno, tem sido crucial para a manutenção e crescimento da idéia de marginalidade como caminho para mudança social. A noção de consumidor ideal acaba traçando indiretamente um perfil daquilo que se espera que seja vivenciado nos momentos de lazer do ator social em conformidade com a estrutura social onde ele está inserido. Portanto, quaisquer manifestações desprendidas daquilo que pode ser entendido como lazer vivido em consenso aos valores da sociedade, tramitam entre a iniciativa de apropriação de um lazer que busca suprir déficits do cotidiano do ator social e aquilo que fica socialmente compreendido como cultura marginal, porque está à margem dos valores sociais hegemônicos. Marginalidade entendida, em um primeiro sentido, como característica daquele ator social que, segundo o que se entende por ator inserido na estrutura social, passa a questioná-la e fazer uso de suas divergências como processo para crítica e questionamento desta mesma estrutura. Tal postura faz do espaço/tempo de lazer seu campo fértil de atuação. Tal posicionamento pode ser identificado nesta marginalidade, porém é preciso lembrar que não necessariamente esta marginalidade será composta exclusivamente de sujeitos dispostos a confrontar a estrutura social construtivamente. As mesmas manifestações que promovem esta postura crítico-construtiva podem deflagrar atitudes e posturas opostas a tais valores. E de certa forma, um mesmo indivíduo pode se comportar ora construtivamente, ora de forma oposta.

O indivíduo que participa e se apropria destas manifestações do lazer, através das mais diversas facetas que entende que devam fazer parte de suas vivências, pode apenas, em seu conformismo, (e neste ponto retomo a classificação de Riesman (1975), estar conscientemente fazendo uso de seu tempo livre, onde dispõe do capital gerado pelo seu trabalho, para distrair-se da sua cotidianidade. Como nos explica Lefebvre, (1991, p. 82):

Ao se delinear as necessidades, procura-se prevê-las; encurrala-se o desejo. Isso substituiria as auto-regulações espontâneas e cegas do período da concorrência. A cotidianidade se tornaria assim, em curto prazo, o sistema único, o sistema perfeito, dissimulado sobre os outros que o pensamento sistemático e a ação estruturante visam. Nesse sentido a cotidianidade seria o principal produto da sociedade dita organizada, ou de consumo dirigido, assim como sua moldura, a Modernidade.

Parece-nos então, que tais apropriações podem tomar uma proporção importante em alguns momentos do lazer em determinados grupos. E em tais apropriações, podemos nos deparar com as mais diversas manifestações inseridas neste contexto, seja para abarcar uma necessidade subjetiva ou comum ao grupo. É possível aqui, citar passeatas pacíficas e não-pacíficas, pichações, grafite, vestuário, cultos religiosos, depredações, drogas, que podem emergir subjetiva ou coletivamente, para confortar, distrair e contestar. Estão presentes em diversas camadas e pelos mais diversos motivos. Parecem encontrar espaço na permissividade de uma sociedade que ameniza suas mazelas também através do lazer e acaba por fazer uso dessas vivências, muito mais do que um espaço frutífero para manifestação cultural e exercício crítico e criativo, momento para dispor de uma liberdade adquirida formalmente, da maneira que entende seu espaço/tempo de lazer. Ao classificar e marginalizar essas atitudes “patológicas” no lazer, o movimento de tentar compreender seus aspectos biopsicossociais, fica comprometido. Porque é preciso dar sentido (ou ao menos buscar este sentido) ao risco que se busca ou se alcança, e tentar aproximar-se deste sentido. Nesta aproximação, faz-se possível conjecturar possibilidades novas para o lazer contextualizado no hoje. Já se caminhou intensamente suprimindo as lacunas desses questionamentos apenas delegando-as significado fisiopatológico. Como interesse principal deste estudo, a droga surge neste contexto, onde tantas outras manifestações inserem-se, porém com o agravante físico pela ação química da droga no organismo do usuário. Estudos no sentido de entender a droga enquanto agente químico, fisiológico e que interfere na saúde do usuário são constantes. Buscar novos olhares nestas significantes pode ajudar a compreender melhor a sociedade em questão.

Marcellino, (1996, p.52), aponta um direcionamento para a presença do risco consentido nas vivências do lazer:

Muitas vezes, por trás desta distinção, vamos encontrar não só preconceitos, mas também manifestações ideológicas que nada mais são do que defesas para não abalar a posição dos dominantes, ou dos pontos de vista de grupos e instituições rançosamente tradicionais [...] Entretanto, mesmo levando em conta toda a carga que essas pressões trazem em si, não se pode deixar de considerar que algumas atividades, levadas a efeito no tempo disponível, não são desejáveis do ponto de vista social porque, vão frontalmente contra os valores de desenvolvimento da pessoa humana nas suas relações.

Ao mesmo tempo, por diversas vezes compactuamos com condutas de valores opostos aos moralmente compreendidos como socialmente aceitáveis e as premiamos. É notório que, numa sociedade que privilegia e premia o melhor, o mais audaz e astuto, o risco, ainda que não transpareça, é muitas vezes motivo de orgulho e prêmio. Em vivências de lazer, podemos sempre permear o risco. Trata-se então de delimitar o “bom e o mau” risco? O risco válido e o risco inválido? E subjetivamente, quais parâmetros usar para identificar o que valorativamente é passível e compreensível, quando se tratam de lazer, sociedade e escolha?

É possível recorrer a La Mendola, (1999, p.73), para compreender melhor esta posição neste questionamento:

As tentativas de afirmação de um EU livre e responsável, passam por recursos que por definição comportam um aumento no nível do perigo. É também verdade que, às vezes, esse processo se inscreve em processos de tipo autodestrutivo. Mas o perigo é estruturalmente presente mesmo em muitas práticas que são largamente legitimadas do ponto de vista social.

O estudo do lazer, de suas manifestações e conteúdos, nesta perspectiva, aponta para outra limitação da compreensão destes aspectos. Ainda é possível observar de maneira recorrente, a concepção do lazer de maneira funcionalista. Para tais, o lazer ainda é espaço improdutivo, marginal, inconcebível em uma estrutura social produtiva. E que por diversas vezes acaba norteador por buscar uma excitação que possa suceder ou quebrar uma rotina impregnada de tensões. “Se as tensões devem ser avaliadas, pura e simplesmente, como perturbações das quais as próprias pessoas se procuram ver livres, porque é que no seu tempo de lazer elas voltam sempre a procurar uma intensificação das tensões?” argumentam Elias e Dunning, (1992), levantando um importante questionamento para este estudo.

Fica claro neste ponto, a possibilidade da presença de tensões cotidianas que nos momentos de lazer são aliviadas através de novas tensões. Tais tensões teriam como ser classificadas como boas ou ruins, que não consideradas específicas de cada indivíduo, dentro daquilo que compartilha com outros sujeitos? E tais tensões provocadas, estando inseridas no lazer, (manifestação contida em um panorama social), poderiam se configurar como um caminho fértil para desvelar facetas desta sociedade onde este mesmo lazer se insere?

Para aprofundar a assimilação dos questionamentos propostos através da constatação da existência destas tensões, e para que tais questionamentos possam provocar maior reflexão a respeito da possibilidade da presença das drogas nas vivências de lazer, pode-se buscar na conceituação de Caillois¹¹, (1990, p.32-33):

Numa extremidade, reina, quase que absolutamente, um princípio comum de diversão, turbulência, imprevisto e despreocupada expansão, através do qual se manifesta uma certa fantasia contida [...] Na extremidade oposta, essa exuberância alegre e impensada é praticamente absorvida, ou pelo menos disciplinada, por uma tendência complementar, contrária em alguns pontos, ainda que não em todos, em sua natureza anárquica e caprichosa: uma necessidade crescente de subordinar regras convencionais, imperiosas e incômodas, de cada vez mais a contrariar criando-lhe incessantes obstáculos com o propósito de lhe dificultar a consecução do objetivo desejado. Este se torna, assim, perfeitamente inútil, uma vez que exige um número sempre crescente de tentativas, de persistência, de habilidade ou de artifício.

O interessante, em considerar tais definições, (e inicialmente ampliar a concepção da mesma, propriamente dita), aponta para a possibilidade de a droga surgir neste lazer como parte de tais vivências e encontrar neste espaço, oportunidade e sentido para que aconteça. E sendo assim, se transportar como ferramenta para vivência do lazer, o que pode fazer sentido ao usuário dentro de seu contexto social. Porque para a definição compreendida dentro da temática de Caillois, podemos fazer uma breve passagem perpassando as possibilidades de tais posturas citadas pelo autor, possam ser compreendidas, ou surgirem como um pequeno passo inicial para

¹¹ Na definição de Roger Caillois, o jogo possui possibilidades cujo autor entendeu categorizar de acordo com suas características, em quatro categorias. Tais categorias (*Agôn*, *Alea*, *Mimicry e Ilinx*), e os jogos nelas categorizados, são passíveis de uma progressão análoga, que os hierarquiza em dois pólos antagônicos, *Paidia* e *Ludus*.

que se faça uma observação menos preconceituosa e mais inserida, do lazer como possível espaço para atitudes patológicas, que não só aquelas compreendidas superficialmente.

Considerando a perspectiva da droga inserida nas vivências de lazer, é possível uma aproximação onde, através dos questionamentos anteriores, (lazer, sociedade e escolha), entende-se ser, assim como outras manifestações vivenciadas, observadas e categorizadas em Caillois, uma manifestação cultural como outras passíveis de tal categorização. A droga, nesta perspectiva, surge então como possibilidade, dentro das vivências do usuário nesse espaço/tempo.

Para justificar tais argumentos, e para ampliar o espectro deste estudo, além daquilo que deseja questionar, Dumazedier (2003, p.11-16) colabora no sentido de demonstrar como tal abordagem faz-se necessária e compreende parte importante do entendimento sobre a droga inserida socialmente, além da abordagem fisiológica recorrente:

A maioria dos documentos sobre o fenômeno, relatado por médicos, carece de base científica. Entretanto, é a eles que dão crédito os homens políticos, educadores e pais. Isso não quer dizer que não haja médicos capazes de tratar os viciados em drogas pesadas. Não me refiro ao tratamento, falo simplesmente do conhecimento sociológico do fenômeno, das suas dimensões, do seu significado. Para tratar tal problema, um médico não é mais qualificado que um engenheiro, um operário ou um comerciário.

Porque ao levantar o questionamento da droga, e ao perpassá-la por uma leitura do lazer, não abrimos mão de importantes facetas dos estudos já aprofundados nesta questão, como as implicantes fisiopatológicas já citadas. Tais estudos vêm se constituindo ao longo dos anos como base para a constatação de aprimorarmos nosso olhar sobre a presença das drogas em outras esferas que não delegá-las a marginalidade de um grupo dissociado do ator socialmente inserido. E é justamente porque tais facetas são aprofundadas e divulgadas, cabe pontuar no sentido de verificar a presença da droga no lazer, possível ou não, no entanto, perceptível, para que seja viável explorar outros desdobramentos do uso de drogas no contexto deste estudo. A possibilidade é a de aplicar uma lente menos pontuada por pré-classificações, com a intenção de trazer novas constatações sobre a manifestação da droga em outras

facetas da sociedade. Ainda que não haja uma regra que determine esta característica, busca-se a soma do conhecimento adquirido, às necessidades de conhecimento percebidas ao longo dos estudos. Ainda em Dumazedier, (2003, p.11-16):

[...] na realidade, encontramos-nos diante de um fenômeno social, sócio-cultural, e a escola, a universidade, quase nunca o mencionam a não ser para proibir, para reprimir, para mostrar o “mal”. Mas, de modo geral, não se dá formação para o prazer, para fazer entender os problemas do lazer, para analisar as atividades que podem ocupar o lazer, não se dá formação alguma sobre as drogas de recreio, os prazeres que podem trazer o seu uso moderado para alguns e os perigos exatos que acarreta seu uso imoderado. Quando se fala, não se diz a verdade, mente-se, nossa ciência está falsificada. E os jovens são enganados. Uma educação ignorante, hipócrita, de nada adianta.

E, brevemente, ao traçar um paralelo entre lazer e prazer, podemos compreender de maneira mais clara toda trama envolvida nestas facetas complexas e bastante ricas. Porque foram levantadas características de uma sociedade na qual o lazer e a droga se inserem, perpassam e mais do que coexistem, interexistem. Lazer delineado de tal maneira que, ainda que se deva acreditar e intervir para que seja ambiente de construtos críticos e criativos, é manifestação fruto de um produto de trabalho e cada vez mais associado ao potencial de “capitalização” do seu meio de produção. Portanto, mais ou menos acessível, para uns que para outros. Mais ou menos palpável para este ou aquele indivíduo.

E sendo desta forma, o lazer migra de sua conceituação idealizada, para um aspecto bastante subjetivo: este lazer que tratamos acima, nem todos podem ter. Nem todos podem vivenciar, nem todos podem participar. Fica clara então a intenção de Dumazedier ao denominar “hipócrita”, a educação que repete os vícios da sociedade, sem questioná-la.

Segundo Baudrillard (1995, p.35), a conseqüência de tal postura social perante a produtividade e o lazer pode ser considerada a seguir:

[...] A pressão psicológica e social da mobilidade, do estatuto, da concorrência a todos os níveis (rendimento, prestígio, cultura, etc.) torna-se cada vez mais pesada para todos. Necessita-se de mais tempo para se recriar e reciclar, para recuperar e compensar o desgaste psicológico e nervoso causado por múltiplos danos: trajeto domicílio/trabalho, superpopulação, agressões e stress contínuos.

Em última análise, o preço mais elevado da sociedade de consumo é o sentimento de insegurança generalizada que ela engendra...

E é neste sentimento de insegurança que a droga pode surgir no espaço/tempo de lazer. Não porque especificamente a droga seja ocupação ou ferramenta para abarcar os medos e anseios de uma sociedade que cobra do indivíduo produzir para uma necessidade que ela mesma institui. Mas porque através dessa trama impregnada de valores que não partem especificamente de uma necessidade intrínseca de realização pessoal do ator social, a droga parece contemplar tais carências ou contestações.

Neste sentido, a proposta de uma análise biopsicossocial destas manifestações parece pertinente. Porque na esfera social, encontra-se o lazer, suas manifestações e vivências. O sujeito que o vivencia é viabilizador de mudanças, criações e recriações no âmbito do lazer. E a droga pode surgir como um contraponto entre este sujeito e seu espaço de ação (neste caso, o lazer), ao mesmo tempo em figura como o objeto de encontro entre as partes deste estudo. Como explica Elias, (1992, p.164):

O estudo do lazer, como dissemos, é um dos numerosos casos em que não é possível descurar o problema da relação entre os fenômenos do nível social e os que se encontram nos níveis psicológico e fisiológico. A este respeito, não se pode evitar o trabalho de uma análise múltipla dos níveis, isto é, o de considerar, pelo menos em traços gerais, como é que no estudo do lazer os três níveis – sociológico psicológico e biológico – se relacionam.

No relevante a importância da análise do consumo de drogas ilícitas associada ao lazer, é possível afirmar que através destas vivências, ainda que severamente impregnadas dos conteúdos característicos da sociedade contextualizada e atual (retoma-se aqui o caráter “comercial” do lazer), possivelmente ainda constituem em momento oportuno para uma constatação mais aprofundada de nuances menos evidentes, em uma sociedade marcada pelas “pocas oportunidades para manifestações coletivas de sentimentos intensos”. (Elias e Dunning, 1992, p.72).

Segundo Giacomello e Reis, (2005, p.5):

É possível afirmar que as atividades de lazer [...] devido ao alto grau de relevância que possuem no contexto social, sejam caminhos extremamente importantes e interessantes para a compreensão das relações existentes em nossa sociedade... Entender porque as pessoas buscam as atividades de lazer e perceber o processo das mesmas enquanto geradoras de emoções colabora para o entendimento das relações humanas e as suas evoluções.

Longe de julgar ou identificar posturas como certas ou erradas neste comportamento, identificar neste caminho (busca, atitude, postura) sua intencionalidade e o que ela pode proporcionar em contraponto a outras atividades prazerosas, arriscadas e desafiadoras, que não o uso de substâncias ilícitas, delinea o caminho no sentido de verificar as possíveis relações da presença das drogas no lazer, por entender a droga como manifestação individual, porém sempre considerando o indivíduo inserido no contexto das relações sociais. E estando inserido inevitavelmente neste contexto, interfere na construção e crescimento desta sociedade.

Seriam as drogas um caminho mais rápido e eficaz de liberar tensões e restaurar novas através de excitações agradáveis? Se for possível afirmar que sim, devemos assumir a necessidade dessas tensões, e o espaço que o lazer proporciona para tal. Gebara, (2002, p.85) explica a necessidade humana de vivenciar estas tensões, e como elas se equilibram:

As relações entre lazer e o não-lazer tornam-se um equilíbrio entre tensões flutuante. A função do lazer, se é que assim podemos nos expressar, não é liberar tensões compensatórias e sim, restaurar tensões agradáveis e desrotinizadoras, capazes de recuperar e integrar todas as esferas da vida.

Cabe então salientar que, ao levantar o questionamento deste estudo, o norteador inicial está no campo das relações. E como citado anteriormente, relações que serão observadas em uma perspectiva biopsicossocial. Relações interindivíduos, entre o indivíduo e a sociedade, entre o indivíduo e a droga. Verificar de maneira pertinente, se o tempo entendido como de lazer pode proporcionar a existência dessas relações, e como o usuário entende seu tempo de lazer, no entanto, considerando a possibilidade de que este espaço/tempo, não se constitua como efetivo espaço para este uso. A busca deste estudo é, então, verificar qual a função exercida pela droga para contemplar o que o usuário entende como “tempo de lazer”.

Parte-se então da busca pela compreensão da necessidade deste tempo, independente, inicialmente, de quais vivências serão exercidas por quem usufrui deste lazer. Giacomello e Reis, (2005, p.5), colocam algumas possibilidades para o entendimento desta questão:

Entender porque as pessoas buscam as atividades de lazer e perceber o processo das mesmas enquanto geradoras de emoções colabora para o entendimento das relações humanas e as suas evoluções [...] O prazer vivenciado nestas práticas propicia um efeito catártico, renovando e restaurando o corpo e a mente. As recentes atividades que se incorporaram ao leque de opções de lazer, como os esportes “radicais” também parecem ser a busca por emoções mais fortes.

E dentro daquilo que contempla estas necessidades, o indivíduo busca estabelecer-se. De certa forma, estabelecer-se socialmente, implica em conduzir ações para o prazer de sentir-se socialmente inserido, capaz, reconhecido. E ainda assim, poder satisfazer necessidades pessoais de prazer, desejos e liberdade. O limite para a complexa realização destes anseios pode parecer muito óbvio se aplicado às regras sociais, no entanto tem um entorno bastante complexo quando se considera o indivíduo sob a pressão das posturas que se entendem por “socialmente aceitas e corretas”. Romera, (2008, p. 77), explica esta relação:

Nesse sentido, os controles desenvolvidos nas sociedades modernas¹², que provocam por um lado certa restrição da demonstração de sentimentos podem provocar, por outro lado, a busca por válvulas de escape para a livre expressão dessas mesmas emoções reprimidas.

Tem-se então delineados, diversos fatores que constituem o lazer contextualizado neste estudo. Mesmo que traga consigo algumas pretensões de sociedades menos complexas, porque esteve presente nos mais diversos momentos desde o entendimento da perspectiva de civilização, e que ainda seja encarado rançosamente por este ou aquele braço de poder que delega valor inferior a sua presença e necessidade neste contexto atual, o lazer é absolutamente componente

¹² Moderno aqui entenda-se por contemporâneo, segundo recorte da pesquisa do autor.

irredutível das relações sociais, que são base da evolução de uma sociedade. Romera, (2008, p. 78) explica:

A dificuldade de aceitação do prazer vivido no tempo livre, caracterizado como tempo de lazer, ou ócio, tem causado, desde a antiguidade, certo temor à sociedade, e principalmente aos seus dirigentes, políticos e religiosos. Influências dos dogmas religiosos, que sempre visaram ao controle do homem, de suas emoções e pensamentos, de seus desejos e de sua liberdade... Assim como, também, por influência da visão capitalista que valoriza produção e consumo de bens, numa sociedade na qual o ser humano é medido e avaliado pela posição profissional, e conseqüentemente social, que ocupa as atividades vivenciadas no campo do lazer, e especialmente aquelas praticadas pelo público jovem e distantes da filosofia capitalista, tornam se alvos de crítica, temor e incompreensão e, portanto, proibição, concretizando uma visão reducionista do lazer.

Ficam então, caracterizados, pontos importantes sobre a tríade aqui proposta. Seja ela compreendida através do olhar biopsicossocial proposto, (lazer, droga, usuário), ou de forma mais subjetiva, (lazer, sociedade, escolha), o componente que proporcionará os desdobramentos no sentido de verificar a apropriação dos questionamentos levantados, se dá na esfera do lazer e suas apropriações. Desta forma, é possível caminhar para uma reflexão no sentido de compreender a presença da droga na sociedade, sempre confrontado com as referências neste tema, buscando dissociá-las de preconceitos. Mais do que pano de fundo da presença da droga no cenário social, o lazer é ferramenta importante para compreensão dos valores do usuário sobre a sociedade que compartilha e ajuda a construir.

2.2. História e perspectiva social da cocaína e seus usos

Ao delinear o caminho do presente estudo e por entender neste caminho a necessidade de direcionar os questionamentos para um grupo de sujeitos específico, a cocaína surge como a droga a ser estudada, e conseqüentemente, o perfil dos usuários será sempre norteado pelo seu consumo. A intenção não é denunciar a droga em sua essência química e vastamente explorada. É bastante comum encontrar alguém que possa falar dos efeitos desta droga ainda que nunca tenha feito uso desta substância. As diversas campanhas e filmes publicitários parecem ter explorado vastamente os descaminhos de seu uso e suas conseqüências. No entanto, é preciso buscar novas possibilidades para abordar a droga e seus usos, inseridos socialmente. E para que possamos compreender este uso contextualizado, devemos investigar seus caminhos até a sociedade atual.

A folha da coca é usada a mais de 1200 anos pelos povos nativos da América do Sul. Era suporte para amenizar o cansaço, a fome e a sede, principalmente em regiões de grandes altitudes. A planta foi levada pelos espanhóis, (que durante as tentativas de converter os índios ao cristianismo, declararam sua “demonização”), para a Europa em 1580. Foi usada na produção de vinhos, cujo Papa Leão XIII degustou, aprovou e homenageou. Outros usos foram feitos pelos americanos pela concorrência com o vinho, momento onde surge então a Coca-Cola. A popularização da cocaína em sua forma mais pura, extraída da folha de coca, começa a aparecer no tratamento para dependência da morfina e como anestésico local. Porém é através da produção de cocaína na forma de cigarros, pó e líquido injetável e incentivada pelo poder da mídia, que a empresa Park Davis implementa seus principais atrativos, que mais nos aproximam do seu uso comum atual vendendo a idéia de que seu uso podia "substituir a comida; tornar os covardes corajosos, os silenciosos eloqüentes e os sofredores insensíveis à dor" (QUEIROZ, 2008, p. 17). É possível encontrar na literatura diversas citações sobre a presença da droga e sua escalada para o mundo ocidental. De propriedades fitoterápicas ao uso alopático, o uso da droga surge de maneira crescente e estimulada pela mídia, desde as indicações medicinais freudianas até o uso da coca pasta e em pó.

Seus efeitos negativos logo foram constatados. Durante a década iniciada em 1970 até a metade da década de 1980, a droga tinha status glamourizado nos Estados Unidos, como citam Dualib et al., (2007, p.45-46):

However, in the late 1970s and early 80s, the substance regained popularity in Western societies as a glamour drug, attuned with the big-city workaholic environment. This setting, in which cocaine had become the main attraction, contrasted with the emergence of crack less than ten years later.¹³

Após este período de glamour, a droga chegou à população de baixa renda e aos afro-americanos. No entanto, muito mais do que assustar a classe alta (até então usuária costumaz da droga) pelos seus efeitos devastadores, tal constatação causou um pânico racista devido ao seu “rebaixamento”. Os efeitos nocivos pareciam estar atrelados às camadas sociais e não especificamente a droga em si.

Assim como nos Estados Unidos e países da Europa, a restrição à cocaína chegou ao Brasil. O que era antes vendido como remédio para os mais diversos males, passou a ser proibido com diversas restrições. Como documenta Carlini et al., (1996, p. 227), ao comentar que socialmente “[...] desenvolve-se a idéia de que, em torno de 1914, a cocaína passou por uma mudança de lugar no imaginário social brasileiro e começou a ser vista como um comércio perigoso, que ameaçava a integridade e a vida das pessoas”.

Por muitos anos, a cocaína ficou esquecida pelos brasileiros. No primeiro levantamento feito pelo governo, em 1962, sobre dependência em drogas no país, o Brasil então com 70 milhões de habitantes somava apenas quatro casos de internação por consumo ou dependência de cocaína. (Carlini et al., 1996, p. 177). Em um comparativo de dados, fica possível compreender a ascendência da droga no país. Um levantamento feito em 682 prontuários de adolescentes internados no ano de 1999 por uso de drogas em Curitiba verificou que as substâncias mais utilizadas foram a maconha (69,7%), a cocaína na forma de crack (49,7%) e o álcool (38,8%), seguidos de

¹³ No entanto, no final dos anos 70 e início dos anos 80, a substância recuperou popularidade nas sociedades ocidentais como uma droga do glamour, em sintonia com o ambiente “workaholic” das grandes cidades. Essa configuração, na qual a cocaína se torna atração principal, contrasta com o surgimento do crack, dez anos depois.

cocaína na forma de pó (28,7%). Considerando-se a cocaína conjuntamente com seus derivados, no caso o crack, soma-se então 77,7% de internações por cocaína e seus derivados. (ALVES, 2001). Constam do Relatório Mundial sobre Drogas¹⁴, feito no ano de 2008 e publicado em 2009, números que compactuam com as informações acima. Segundo o relatório, o Brasil é o segundo maior consumidor de cocaína das Américas, com 870 mil usuários, atrás apenas dos Estados Unidos, com 6 milhões de usuários. Entre 2001 e 2005, houve aumento do consumo da droga de 0,4% para 0,7%, em uma faixa etária de 12 a 35 anos.

Quando surge a proposta de relacionar a droga em questão como fenômeno social, o entendimento está na tentativa de verificar por um caminho diferente o crescimento desta droga no país. As classes de trabalho são sempre alvos do ideal consumista e capitalista. Consumidores ávidos do produto estrangeiro, principalmente o norte-americano. E compreende-se como produto estrangeiro, não apenas o palpável e material. O consumo também abarca seus modismos, trejeitos, ideais e torna-se palpável realizar essas “necessidades” através das possibilidades de um olhar estadunidense de mundo. Como explica Baptista, (2005, p.91):

Há porém que constatar a tendencial universalização deste modo de vida, tal como ocorrera como o modo de vida urbano, que identifica a generalização dos processos de urbanização a todas as sociedades contemporâneas, e com o *american way of life*, que designa a identificação com o modelo ideológico e cultural dessa sociedade de referência, por sinal construída de raiz como uma sociedade urbana, da mobilidade e da mesclagem.

Da mesma forma, Canclini, (2001, p.14) aponta como a intensificação das relações comerciais com os Estados Unidos, vem incluindo componentes não específicos da cultura do Brasil e também da América Latina, ampliando os traços culturais deste país em nossa cultura específica:

É inegável que, nas últimas décadas, a intensificação das relações econômicas e culturais com os Estados Unidos impulsiona um modelo de sociedade no qual muitas funções do Estado desaparecem ou são assumidas por corporações

¹⁴ O UNODC, (Escritório sobre Drogas e Crime) da ONU (Organização das Nações Unidas), é responsável pelo levantamento e publicação anual do relatório.

privadas, e a participação social é organizada mais através do consumo do que mediante o exercício da cidadania.

Desta forma, a possível relação da crescente incidência do consumo de cocaína no Brasil com a intensificação das relações com o comércio exterior, viabilizou a emancipação da droga e de sua glamorização no país, ainda que de forma indireta. Porque, inserido na cultura norte-americana e europeia herdada, estratifica-se culturalmente o modelo estrangeiro de vida, incluindo a presença da droga nesse emaranhado cultural. Da mesma forma que o consumidor, nesta esfera, absorve costumes não característicos de sua própria cultura e passa a alimentar a percepção de novos desejos e necessidades oriundos desta “apropriação cultural”, as implicações do uso da droga nesta cultura mista, podem contemplar estas mesmas possibilidades. Ao abraçar tais costumes e estrangeirismos, sem ater-se a uma reflexão de tal consumo, o indivíduo busca atender às pressões e expectativas geradas por este acultramento¹⁵ em sua camada social, como explicam Adorno e Horkheimer, (1985, p.118):

Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos – e entre eles em primeiro lugar o mais característico, o filme sonoro – paralisam essas capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva. São feitos de tal forma que sua apreensão adequada exige, é verdade, presteza, dom de observação, conhecimentos específicos, mas também de tal sorte que proíbem a atividade intelectual do espectador, se ele não quiser perder os fatos que desfilam velozmente diante de seus olhos.

Não é possível descartar o consumo de drogas desta perspectiva, ainda que pareça improvável que o consumo deste tipo de produto se dê sob estes preceitos. Mesmo através da ilegalidade, busca-se ansiosamente a realização pessoal e socialmente inserida através do *American Way of Life*. Como evidencia Bahls e Bahls (2002, p. 177-181):

¹⁵ Segundo Cuche, (2002, p. 114): “A palavra não designa uma pura e simples *deculturação*. Em *aculturação*, o prefixo “a” não significa privação; ele vem etimologicamente do latim *ad* e indica um movimento de aproximação”. Já para Burke, (2003, p. 44): “[...] uma cultura subordinada adotando características da cultura dominante”.

Entretanto, observou-se o ressurgimento da disponibilidade e do consumo da cocaína no início de 1970 nos Estados Unidos da América. Primeiro, uma considerável parte da população nasceu e cresceu em meio ao consumo de drogas. O consumo de maconha e alucinógenos na década de 1960 por um grande número de jovens norte-americanos resultou na diminuição do temor das restrições legais. Segundo desenvolveu-se um conceito social e médico de que o consumo de cocaína apresentava segurança em relação às conseqüências e não envolvia potencial de abuso ou dependência. Socialmente ocorreu uma apologia sobre o seu uso e artigos populares em revistas como Time e Newsweek sugeriam ser uma das maravilhas do mundo.

De certa forma, observa-se que tanto o uso como as restrições parecem acontecer de maneira cíclica, socialmente. Períodos de extremo controle governamental acabam culminando com a aparente diminuição de consumo e apreensão. Como dito anteriormente, a América do Sul, e neste caso o Brasil estão na contramão da Europa e de outros países. Enquanto alguns países têm notado a diminuição do consumo desta droga, no Brasil o uso da cocaína está crescendo exponencialmente. No estudo realizado e publicado por Carlini et al., (2001), nas 107 maiores cidades do país, a prevalência de uso na vida foi de 2,3%, um equivalente estimado de 1.076.000 pessoas no país¹⁶.

Como os efeitos da popularização da cocaína nos Estados Unidos e Europa culminaram com os movimentos da década de 1960 e 1970, período no qual o Brasil vivia ainda sob as forças militares e do AI-5, parece-nos que a “repopularização” da coca se deu num período posterior ao Norte-Americano e Europeu, reafirmando a tendência deste fluxo entre o consumo do Brasil em comparação aos outros países. A entrada da droga no país, diferente das manifestações da contracultura no exterior que de certa forma encontraram espaço para divulgação do uso das drogas como instrumento de contestação principalmente pelos jovens inseridos neste contexto, culminam com a presença militar no Brasil. Segundo Trad, (2009, p.98), “... somente nos anos 1980, com a abertura política e os efeitos tardios da contracultura, emergiram

¹⁶ Essa porcentagem é relativamente próxima às encontradas no Chile (4,5%), Espanha (3,2%), Reino Unido (3,0%), Holanda (2,6%); e superior à observada na Dinamarca (1,7%), Colômbia (1,6%), França (1,5%), Grécia (1,3%), Suécia (1,0%), Bélgica (0,5%) e Alemanha (0,2%) e bem inferior ao constatado nos EUA com 11,2% do total.

novos discursos sobre as drogas e a prevenção, em oposição à política repressiva da ditadura militar”.

Tais discussões têm um fundamento diferente do que as concebidas atualmente. A preocupação da sociedade e Estado em geral, incumbia-se muito mais sob a fachada de uma preocupação tradicionalista com os adventos da modernidade do que com os danos específicos dos psicotrópicos. Ainda em Trad, (2009, p.103), podemos verificar esta afirmação:

[...] substâncias como a cocaína, a morfina e o ópio também foram alvos de denúncia nesse período. Dessa vez, eram os meios de comunicação a se preocuparem com os venenos elegantes, bastante populares nas classes altas e nos prostíbulos... a imprensa da época, seguindo a tendência do jornalismo moderno, apostava no .sensacionalismo. das reportagens que tivessem ingredientes como jovens da elite, prostituição e drogas associadas à modernidade, como a cocaína e a morfina [...] o interesse da imprensa pelos vícios elegantes expressava, ainda, uma preocupação das elites conservadoras e tradicionalistas com os novos costumes da modernidade. Mesmo assim, tanto a imprensa quanto a classe médica não tinham, como finalidade maior, a proibição total das drogas, mas um controle mais rígido do Estado sobre a sua dispensação.

Tal emancipação, que no exterior fica delineada através dos jovens e a contracultura, que surgem através da geração Beat¹⁷, na década de 1950, culminando em manifestações culturais como Woodstock, em 1969, resultam em uma postura questionável do Estado: não se responsabiliza pela insatisfação social, usando como contraponto a proliferação destes movimentos diretamente associados às drogas e faz deste discurso base de combate ao movimento social, mascarado pelo problema “generalizado” das drogas. Roszak, (1969, p. 196), explica este processo:

Sem dúvida, o movimento da contracultura desempenhou um papel decisivo na percepção contemporânea sobre as substâncias psicoativas. Nos EUA, o movimento foi marcado pela crítica da juventude ao ideal de progresso e organização social oferecido pelo mundo industrial. Entretanto, estado e sociedade civil, sem reconhecerem qualquer culpa pela insatisfação dos jovens,

¹⁷ Segundo Bueno e Góes (1984, p. 10): “A Geração Beat foi uma geração em movimento: ia dos poemas às estradas, passando por bares, cafés, festas e drogas, comunidades e qualquer outro palco onde estivesse a vida. Portanto, muito mais do que um grupo de intelectuais reunidos em torno de um projeto estético definido num programa, muito mais do que um grupo de acadêmicos estereis tentando salvar o mundo dentro dos confortáveis muros da universidade”.

optaram por acreditar que o uso de drogas se devia ao comunismo e à máfia, que insuflavam o comportamento rebelde, promíscuo e alienado dos jovens.

Enquanto isso, no Brasil, a presença militar no poder continha a presença da droga de maneira mais intensa. Mesmo sentindo os reflexos do contexto norte-americano e europeu, a repressão tinha cunho político. Batista, (1985, p. 113), contribuiu para explicar este momento no país:

A influência desses novos significados pôde ser sentida no Brasil, especialmente, graças à difusão do uso da maconha entre os jovens da classe média. Por outro lado, o fato desse movimento de contestação acontecer em plena ditadura militar suscitou uma reação mais contundente do Estado. Na tentativa de desestabilizar os setores clandestinos de oposição à ditadura, as drogas e o tráfico foram relacionados à subversão política, intensificando-se a repressão contra as drogas ilegais e seus usuários.

Em seqüência ao fenômeno contracultural acontecido nos Estados Unidos e Europa, as discussões sobre o tema tem um novo foco no país, após o término do período de ditadura militar juntamente com a sensação aparente de que a democratização do país teria de certa forma, colaborado para uma emancipação da população em geral, que entendeu “reconquistar” o controle de suas vidas.

Com o fim da ditadura e o processo de redemocratização, emergiram novos discursos que destoavam do paradigma proibicionista. O uso de drogas passou a ser relativizado, surgindo os apelos à legalização da maconha, as críticas contra a inconsistência dos critérios que justificariam a sua proibição, a priori, e as preocupações da sociedade com o consumo de drogas. (Batista, 1985; Adiala, 1986; Henman, 1986 in TRAD, 2009, p.106)

Olmo, (1990) cita a presença das drogas no contexto político nacional ao fim da ditadura militar e a abordagem então estabelecida para aplacar a presença da droga no país, comentando que no passado, o uso de drogas era associado à prostituição, à criminalidade e à loucura, mas salienta que com a contestação dos jovens, novos significados foram incorporados ao imaginário social, como a delinqüência juvenil e a alienação político-social.

O Brasil parece assimilar da cultura européia e estadunidense, não apenas os costumes advindos da colonização, mas também os hábitos de consumo e os

modismos, ainda que tardiamente. E tanto a cultura advinda de outros países, como os próprios meios de comunicação em massa, contribuíram e contribuem para a propagação da idéia de uma sociedade concebida para o consumo, ampliando o poder das necessidades sugeridas pela mídia, muito diferente da realidade da sociedade brasileira, agregando ao panorama cultural, a idéia de que o prazer e a inserção social estão associados diretamente ao que se pode consumir através do produto do trabalho. De Grazia, (1966, p. 130) explica essa influência cultural nos idealismos do jovem latino americano:

O fato de que a população dos Estados Unidos seja jovem, e o venha sendo desde há algum tempo, aumenta a influência da atitude dos jovens. Sem dúvida, esta influência não penetra profundamente nas gerações mais velhas. Tinge muitas atividades americanas de juventude e espírito esportivo, desenhando a história da América como o Novo Mundo, o continente inexplorado e um país jovem.

Associada a essa idéia, o ator que se encontra inserido nestas circunstâncias, pode buscar esse prazer “necessário”, das mais diversas formas. Schivelbush, (1995, apud Trad, 2009, p.105) propõe uma possibilidade para o crescimento do uso de drogas neste contexto:

Ao mesmo tempo, a massa de simpatizantes das drogas que emergiu da contracultura também contribuiu para conferir outros significados a estas substâncias, como o enaltecimento do prazer, instituindo, assim, uma nova era, nesse campo.

A contextualização da cocaína pode nos ajudar a compreender o caminho de chegada desta droga e os motivos pelos quais o uso foi disseminado. No entanto, é importante buscar compreender a droga e seu poder de sedução. Segundo McRae, (2001, p. 25-34):

[...] a noção do consumidor como sujeito ativo, não necessariamente dotado de uma personalidade patogênica, mas alguém que, como todo ser humano, utiliza símbolos para se comunicar consigo mesmo e com seu ambiente. Estes elementos simbólicos, ao escaparem a toda determinação estrita, significam que a subjetividade e, portanto a identidade do indivíduo, não é adquirida em definitivo e é constantemente posta em questão cada vez que ele interage com

seu meio. Assim uma substância química só se torna uma droga provocando dependência dentro de um determinado contexto de relações entre atividades simbólicas e ambiente.

Faz-se importante compreender também, o componente emocional que une o usuário à droga. Seja curiosidade, medo, fuga, prazer, carência, excitação, o uso da droga exponencialmente se reporta a um fator emocional. Bucher (1989, p. 28) destaca três funções sociais do consumo de drogas: "... superar a angústia existencial, entrar em contato com forças sobrenaturais e obter prazer... A droga permite escapar à consciência de transitoriedade da existência e à angústia que isto provoca, pelo menos temporariamente".

E que pode ser vivenciado de outras diversas formas que não através do consumo de drogas. No entanto, apesar de não legitimar as drogas, a sociedade imprime um importante papel na transgressão de regras como caminho de auto-afirmação.

Neste sentido, é importante compreender a droga para saber quando, mesmo que inadvertidamente, ocorre o estímulo para um comportamento transgressor. Transgressor, muitas vezes, compreendido de maneira equivocada. Enquanto há autores que entendem que transgredir é necessário para alimentar o espírito crítico, a droga surge neste contexto como ferramenta para transgressão, suscitando a idéia de que através da mesma é possível confrontar valores prescritos socialmente. Desta forma, a transgressão valorizada no intuito de desconstruir para construir algo novo, converge muitas vezes para uma esfera muito diferente do espírito transgressor valorizado socialmente. Buzzi, (1993, p. 167), caracteriza um "afrouxamento" nas questões relativas ao comportamento transgressor, ao longo das décadas:

A população juvenil sempre se caracterizou por uma propensão transgressiva maior em relação às normas morais e legais da sociedade [...] Todavia os modos e as formas com que se manifestava a transgressividade entre as novas gerações pareciam bastante estáveis durante a década de 80, dando a entender que o inconformismo perante os valores e as normas dominantes podia ser considerado um aspecto fisiológico da condição juvenil. Em tempos mais recentes, as tendências de crise, manifestas ou latentes, que surgiram sempre mais numerosas no contexto nacional, sem dúvida enfraqueceram o sentido da legitimidade. Isso provocou um relaxamento dos princípios éticos na população

juvenil e talvez não só nela. É sob esta luz que provavelmente deva ser lido o aumento da propensão transgressiva registrada no início dos anos 90.

Contudo, muitas vezes transgressões convergem para a esfera da violência, passíveis legalmente de punição. O ato transgressor pode migrar para a violência e, ainda que haja como delimitar e normatizar onde começa uma transgressão e onde o ato transgressor transforma-se em violência, existe uma tênue linha que delimita tais atitudes.

Aqui então culminam os esforços de achar um cruzamento entre o uso da cocaína e os valores da sociedade contemporânea, neste contexto. Porque é possível que ainda, muitas vezes, se faça a compreensão do usuário por duas lentes incorretas. Uma delas é atribuir ao usuário o rótulo de *socialmente indesejável*, porque contrapõe aos valores de seu grupo de convívio, e o de *vítima social*, onde a droga é o meio através do qual o usuário confronta suas tentativas frustradas de inserir-se. Na tentativa de transformar esta leitura do usuário e da droga, em seu papel social, Olivenstein, (1989, p. 90) aponta um direcionamento com clareza:

O não-dito social nasce da censura de tais identidades duais e múltiplas, que prefere a duplicidade ao reconhecimento de domínios psíquicos contraditórios que poriam em risco os fundamentos da ordem econômica e familiar. O próprio toxicômano participa da fabricação do não-dito protetor de uma ordem social que ele respeita e deseja ao mesmo tempo em que não é capaz de suportar.

E porque se caminha na tentativa de demonstrar que através das emoções é possível identificar os sentidos e significantes do uso da droga, entender como esta abordagem se delinea, pode colaborar para uma maior compreensão dos construtos da cultura e da sociedade. E em contraponto, como estas, cultura e sociedade, atuam na formação da identidade que determinará as escolhas deste indivíduo heteronômica. Retomando Olivenstein, (1989, p. 90-91):

Nesse tecido de contradições tudo se mistura: a ordem e a desordem, o desejo e o não-desejo, a lei e a transgressão, a recordação enfeitada, o terror do presente e um futuro amputado, o fim da busca da unidade identificadora e a nostalgia de uma imagem de um Narciso a se descobrir num espelho perdido [...] No fim das contas, o não dito na toxicomania se funda no duo, discurso inaudível/escuta

impossível, tantos são os segredos pesados de carregar e as verdades que colocam o outro em questão nas raízes do desejo e na aceitação do consenso social.

Iniciado o levantamento da emaranhada trama do usuário e da droga, e assim contextualizado, em tempo, em sua sociedade, o estudo prossegue através desta análise, usando o levantamento bibliográfico exposto, tanto em relação ao espaço e tempo de lazer e do delineamento breve da droga específica (a cocaína) e sua interação histórica e social, para buscar compreender características e peculiaridades do sujeito deste estudo, colocado aqui, como ator social, através do qual o estudo se desdobra. Tal ator passa a ser o norteador dos questionamentos propostos e posteriormente analisados através dos métodos e instrumentos desta pesquisa, posteriormente detalhados. É preciso lembrar que mesmo interpretado por sua característica de consumidor da cocaína, não se trata aqui de rotular sua ação neste sentido, mas de perpassá-la pelas possibilidades deste uso se dar em suas vivências de lazer.

2.3. O usuário na sociedade

Diante das possibilidades de identificação dos sujeitos com seu entorno social, a moral estigmatizada recomenda que, para que esta inclusão ocorra, efetivamente, a droga não deve estar presente. Para tanto, é possível verificar uma densa política, no intuito não apenas de erradicar a presença do consumo de entorpecentes, mas também apontar para a redução do abuso destas drogas, inicialmente, como sendo este o caminho para total interação dos sujeitos sociais com seu meio. Da mesma forma, é sabido que a opressão a presença da droga pelo Estado, perpassa outros interesses que não apenas preservar o cidadão. A droga enquanto produto clandestino, não colabora para o enriquecimento da máquina do Estado. Ao mesmo tempo, a clandestinidade coexiste em meio à pressão legal e política porque fomenta poderes paralelos para poder manter-se ativa. De certa forma, tais políticas parecem apoiar-se na idéia de que uma vez usuário de drogas, o indivíduo se torna incompatível com a integração sócio-cultural idealizada pela ética hegemônica, o que parece colaborar para o aumento da marginalidade do usuário, estigmatizando a prática do consumo de drogas e nivelando, muitas vezes a condição do usuário à do traficante. Ainda que se saiba que em outras realidades sócio-econômicas usar ou não drogas é uma questão de escolha do indivíduo e não do Estado, no Brasil o discurso vigente dita como primeira ordem reprimir e reduzir danos. Mac Rae, explica esta abordagem reducionista (2007, p. 1-2):

[...] na falta de um debate público e com a repetição de idéias falseadas, autoritárias e preconceituosas, tem-se operado uma desqualificação e demonização do usuário e do "traficante" (também tratado de maneira pouco matizada). O reducionismo dessa esteriotipação ao encobrir alguns dos reais problemas estruturais da sociedade criando um inimigo imaginário, que tem sua utilidade na manutenção do status quo, acaba por aumentar a marginalização dos usuários assim como leva à cristalização uma "subcultura da droga" de pouca permeabilidade a agentes de saúde ou a representantes de qualquer tipo de discurso oficial. E, como uma profecia que cumpre a si mesma, isso leva à criação de novas ameaças à ordem e à saúde nessa sociedade. Igualmente, ao dar tanta ênfase ao uso das drogas ilícitas, envolvendo uma minoria da população facilmente estigmatizável, desvia-se a atenção da necessidade de um maior controle da produção e comercialização das drogas lícitas, de uso generalizado, altamente lucrativas e responsáveis pela grande maioria dos problemas relacionados aos psicoativos em geral.

Segundo a tradição das políticas públicas citadas por MacRae, o que deveriam ser medidas tomadas para um trabalho de conscientização e diminuição do consumo de drogas ou até mesmo sua erradicação, ataca àqueles que deveriam ser os principais beneficiados por tais políticas. Indiretamente, essas medidas obscurecem as chances de conscientização do problema por parte daqueles que deveriam dar suporte aos usuários (família, amigos, escola, trabalho) e conseqüentemente, aos próprios usuários. O que deveria colaborar para inclusão (ou restabelecimento) dos usuários e seus vínculos sociais parece afastá-los ainda mais.

No entanto, independente de tais políticas e até mesmo dos fatores legais pertinentes a droga, os usuários em questão sofrem constantes pressões, pois uma vez em convívio social, transitam entre o uso e seu cotidiano normatizado por suas necessidades enquanto indivíduos pertencentes aos mais diversos grupos de uma sociedade. Família, trabalho, amigos, fazem parte da estrutura social onde este usuário se insere. A partir do momento em que a droga passa a fazer parte destes grupos, (seja individualmente, por parte do próprio usuário, ou coletivamente, por compartilhar um espaço e uma atividade ilícita com outros), tais pressões tornam-se recorrentes. Por parte da estigmatização já mencionada e em outra perspectiva, pelas suas próprias expectativas em relação às suas necessidades enquanto cidadão e indivíduo. MacRae (2007, p.3), demonstra como tais pressões, que em um primeiro olhar parecem contribuir para conscientização a respeito do consumo de drogas, acabam por figurarem como um ciclo alternante entre o consumo e o convívio social:

Por "estrutura de vida" são entendidas as atividades regulares, tanto as convencionais quanto as relacionadas à droga, que estruturam os padrões da vida cotidiana. Aí também se incluem as relações pessoais, os compromissos, obrigações, responsabilidades, objetivos, expectativas, etc., mesmo que não primariamente direcionados à droga. Uma disponibilidade adequada das substâncias, que evitasse que a sua simples aquisição se tornasse o único foco de interesse do usuário, também seria importante para permitir o desenvolvimento das sanções e dos rituais sociais. As normas, regras e rituais determinariam e constrangeriam os padrões de uso da droga, evitando uma erosão na estrutura de vida. Uma vida altamente estruturada permitiria que o usuário mantivesse a estabilidade na disponibilidade da droga, essencial para a formação e manutenção de regras e rituais. A auto-regulação do consumo de drogas e seus efeitos seriam, portanto, questão de um equilíbrio (precário) em uma corrente de retroalimentação[...].

Como buscar um caminho para o entendimento das motivações que levam o indivíduo, inserido socialmente, e como colocado anteriormente, apto e ativo em suas funções sociais, a buscar a droga? Um passo importante neste sentido, a compreender que a mesma droga, tem diferentes reflexos e incidências nas mais diversas sociedades e estratos sociais. Trata-se então de compreender a heterogeneidade do uso e tentar identificar o usuário sob esta mesma ótica. Espinheira (2004, p.11), compactua com esta abordagem:

A dinâmica do consumo e as formas mutáveis de como a economia das drogas se organiza fazem com que o “problema das drogas” seja reconsiderado sempre, eliminando a visão simplista de que se trata de uma mesma *coisa* que persiste, *apesar de tudo*, e esse *tudo* compreende a ação legal, o discursos morais e as formas de atendimento aos usuários abusivos. A cena da droga nunca é a mesma, assim como não o são os seus agentes e isto não apenas no tempo, mas também nos diferentes espaços da cidade. Em outras palavras, as formas de consumo nunca são iguais, assim como os produtos não são os mesmos, nesses espaços diferenciados. E podemos afirmar, ainda, nos casos de as substâncias pertencerem à mesma *espécie* ou *identidade*, que estas não se igualam em termos de qualidade química nos espaços diferenciados.

À atividade ilícita, tem-se dado tratamento homogêneo, por parte das políticas públicas, bem como por parte dos envolvidos na questão. No entanto, os usuários parecem estabelecer limites próprios para determinar quando e como a droga irá surgir em seu contexto cotidiano. Desconsiderando sujeitos institucionalizados, em tratamento, consideraremos todos os demais usuários, cujo uso da droga não limitou o convívio social. Cabe salientar que, ainda que institucionalizados, os sujeitos que se afastaram do convívio por buscarem o tratamento específico para seu vício, configuram parte dos sujeitos abordados nesta questão. Uma vez porque, já foram parte do grupo que se encontra ativo socialmente, antes de buscarem a institucionalização para o tratamento, mas principalmente, porque são usuários, portanto compartilham com maior ou menor intensidade, das mesmas motivações dos não institucionalizados. Como explica Espinheira, (2004, p. 11-12), não se trata então, do poder da droga, mas sim, do indivíduo em seu contexto:

Seria possível [...] que os consumidores não se igulassem diante do consumo de um mesmo produto? As respostas são afirmativas. As drogas não têm o mesmo efeito para pessoas socialmente diferentes! E elas não são as mesmas

para clientes diferenciados por renda e classe social. Se a questão é posta nesses termos, não são as drogas, mas as razões de consumo e a natureza do que se consome que caracterizariam a ação social de uso das drogas e, mesmo, a toxicomania? Estamos novamente diante de respostas positivas e, assim, elas nos conduzem à atitude de evitar os reducionismos que fazem equivaler consumidores e drogas e mascarar a realidade, tornando o consumidor um tipo estigmatizado, idealizado, como um ser fraco, doente; a droga, como uma força poderosa e insinuante a corromper as pessoas.

Através desse delineamento, é possível considerar então, uma importante faceta em relação ao aspecto motivacional da presença da droga: a característica afetivo/emocional que se faz presente, e que, em uma abordagem menos reducionista, deve ser seriamente considerada. Entendendo ser este usuário parte de um grupo heterogêneo, é possível interpretar o consumo ilícito sob um viés que permite ao investigador buscar somar às abordagens estabelecidas e amplamente divulgadas, (de cunho político, legal e fisiológico), um fator que perpassasse esses olhares sobre a questão do uso de drogas. O tratamento dado ao relacionamento droga-usuário deve considerar sua realidade social, suas relações em seu grupo social e de que forma essas relações e seu meio colaboram (ou inibem) a prática do consumo de drogas, muito antes culpar exclusivamente a droga como responsável pelas mazelas do usuário. Bucher (1996, p. 46), descreve a interação da droga enquanto fator presente em um quadro social representativo da relação usuário-sociedade:

Assim, precisamos estar atentos ao significado do consumo de drogas na configuração social atual, pois este representa uma das (sub)produções altamente diferenciada e rica de ensinamentos sobre a organização da sociedade e seus infortúnios [...] pelo seu modo de produção e distribuição de bens e rendas, pelas metas de lucro a qualquer preço, pelas ambições descontroladas, se não perversas de ganâncias fáceis, pelas leis de mercado, da oferta e da demanda, apoiadas em uma legalidade duvidosa.

Portanto, o usuário não seria fator de descaracterização da sociedade e suas normas. Nem tampouco estaria na sociedade e suas pressões por um estereótipo ideal de cidadão, (sujeito, indivíduo), a formalização dos motivos pelos quais a droga vem resistindo ao longo do tempo inserida na cultura das mais diversas sociedades. Ambos fatores são importantes neste contexto. Tanto sociedade como usuários contribuem

para as significantes da droga e sua presença nas diversas culturas ao longo dos anos¹⁸. Silva, (2007, p. 15), demonstra:

Podemos considerar que o funcionamento social é tão doentio quanto as doenças que produz [...] posicionamentos que levam a conclusões unilaterais, apontam que precisamos ir além dos questionamentos que buscam explicar e justificar como o usuário de drogas interfere na vida da família, da comunidade e da sociedade onde vive, nos permitindo, também, analisar como essas organizações interferem na vida desses sujeitos ao ponto deles se verem excluídos, marginalizarem-se ou entregarem-se às drogas. Pois, seguindo uma lógica unilateral, o usuário, de exposto a fatores de risco, é transformado em fator de risco para os outros.

Ao observar os aspectos do relacionamento usuário sociedade, é compreensível que surjam questionamentos quanto à forma de quantificar em que momento da vida do usuário começa o uso e por quais motivos. Mesmo cientes da interação da sociedade e do sujeito usuário de drogas, seria possível delimitar um momento, ou em quais momentos e por quais motivos a droga surge e ganha espaço no cotidiano do consumidor? Porque ainda que haja o conhecimento prévio desta via de mão dupla entre as normas sociais, os grupos que nela se inserem e das expectativas do sujeito em relação a sua presença e papel em seu meio social, se torna importante para compreensão do papel da droga nas mais diversas camadas sociais e culturas, um entendimento focado na perspectiva daquele que se apropriou da droga em seu cotidiano. Considerando o aspecto afetivo/emocional do usuário, Olivenstein, (1989, p.85-86) busca interpretar um primeiro momento onde a droga passa a denotar sentido, em uma espécie de auto-indulgência, auto-permissão para o uso da droga:

Seja o que for que faça, a droga está aí, na sua realidade de objeto, químico ou cultivado e dando o prazer-gozo. O que não se pode dizer do objeto é a possibilidade alucinada que ele oferece, no auge do transe solitário, de anular as únicas proibições atuais: a recusa de nascer e a recusa de morrer. A quem está

¹⁸ Diversos autores demonstram a cultura da cocaína ao longo dos anos como Karch, (1998); Ferreira e Martini, (2001); Carneiro (1993) e Carlini et al (1996): Consumida milenarmente pelos povos pré-incaicos e pré-colombianos, a cocaína popularizou-se na Europa e Estados Unidos a partir do século XIX, na forma de tônicos gaseificados e vinhos. O princípio ativo foi obtido em meados desse mesmo século, e, na virada para o século XX um grande contingente de usuários consumia a substância com propósitos médicos e recreativos. O surgimento de complicações agudas e crônicas em massa culminou com a proibição da substância nos principais países ocidentais, a partir dos anos 10 e 20.

aberta essa possibilidade de ir tão longe, senão a alguém que chegou a se recusar e a se eliminar enquanto sujeito, que imagina que tem uma dívida a pagar e que ao mesmo tempo que o prazer, introjeta em si a dívida (e o pecado original) porque a dívida lhe parece impossível de se expiar e pagar? [...] O sujeito que ousa isso tem uma história. Somente ele o autoriza a tentar, com esse objetivo vindo do exterior, abolir o sujeito, isto é, fazer nascer nele a questão do sujeito enquanto abolido. Essa história é a da dívida, da falta inicial, da abertura inicial, que toma no futuro toxicômano uma proporção desmensurada.

É possível interpretar a colocação de autor como a busca de sentido, através de algo que faz da falta de sentido sua esfera de ação. Ou seja: por não compreender-se (ou sentir-se incompreendido) em seu meio social, ou até mesmo contestá-lo, o usuário não consegue se sentir partícipe desta sociedade. Está aí, a ausência do sentido. Por precisar de sentido, (enquanto ser humano, independente da droga, busca-se um fio condutor que norteie suas esferas de ação e organize sentimentos), o indivíduo traça um paralelo das sensações químicas da droga e pode vivenciá-las como retomada de controle. No entanto, por ser droga e provocar sensações quimicamente, este controle se perde junto com o efeito químico da droga e a ausência de sentido se refaz. A reincidência do uso, uma segunda vez ou por anos, demonstra esse ciclo. No entanto, uma vez que o usuário passa a buscar na droga o sentido perdido cotidianamente e se joga em outro vazio para abrandar o primeiro, instala-se uma desordem ainda maior do que a inicial. Le Breton, (2009, p. 40), explica como esta conduta é repleta de significados, mesmo pautada em ações que convergem para falta de sentido:

O que ele não encontra mais em si mesmo – o jovem¹⁹ procura em outra parte, de maneira desordenada e em corpo a corpo com o real. As condutas de risco

¹⁹ Vale destacar que, o termo jovem, empregado pelo autor, não representa especificamente uma camada da população, que se encontra entre esta e aquela faixa etária. O jovem é plural no mundo contemporâneo, onde a infância parece ter sido encurtada e ser adulto é uma possibilidade a ser protelada e adiada. Kehl, (2007, p. 47-48), explica: “O efeito paradoxal do campo de identificações imaginárias aberto pela cultura jovem é que ele convoca pessoas de todas as idades. Quanto mais tempo pudermos nos considerar jovens hoje em dia, melhor. Melhor para a indústria de quinquilharias descartáveis, melhor para a publicidade, melhor para nós? O fato é que nas últimas décadas, viramos jovens perenes. Por que não? Se no tempo de Nelson Rodrigues todos queriam ser velhos; se cada época elege um período da vida para simbolizar seus ideais de perfeição, que lei, moral ou natural, deve determinar os critérios de maturação humana, os padrões de longevidade, o limite para o que podemos exigir ou desfrutar de nossos corpos? Se ainda não se sabe do que a máquina humana, feita de apetites e de linguagem, é capaz, por que o poder da cultura, do dinheiro, do cinema e da televisão não pode congelar cinco, seis gerações num estado de juventude perpétua?”.

têm em suas raízes um sentimento confuso de não ser, de sofrimento difuso. A intenção não é de modo algum morrer, mas testar uma determinação pessoal, procurar uma intensidade de ser, um compartilhar com os outros, um momento de soberania, e também expressar um grito, um mal-estar, tudo isso misturado em uma busca que muitas vezes não encontra seu significado senão no acontecimento. [...] Ao manipular a hipótese de sua morte voluntária, o jovem aguça o sentimento da própria liberdade, desafia corajosamente o medo indo à frente dele, convencendo-se de que a qualquer momento possui uma porta de saída caso o insustentável se imponha a ele. [...] Nesse período da vida, o corpo é o campo de batalha da identidade.

E é exatamente nessas significantes ocultas na atitude e nas escolhas do indivíduo usuário de drogas que encontramos novas possibilidades para compreensão e abordagem de um tema tão complexo e controverso. Este sujeito, perpassado por pressões sociais e questionamentos internos, não pode ser interpretado apenas por sua condição de usuário. Inicialmente, deve-se compreender seu meio, e suas relações com este meio. Não para categorizá-las, generalizando uma característica de seu grupo social que não necessariamente são compactuadas por todos os indivíduos que coabitam neste contexto. Mas para usar destas simbologias e características como ferramentas para uma maior compreensão do próprio sujeito e conseqüentemente observar a presença da droga neste ambiente de maneira menos tendenciosa e preconceituosa. É necessário um exercício de identificação (ainda que tal realidade pareça distante daqueles que nunca fizeram uso de drogas), tanto em relação ao meio social do usuário como na forma de encarar o sujeito que as vivencia.

Porque, a sua maneira, o usuário, através da droga, busca identificação. Identificação não encontrada em determinado momento de sua vida, seja com seus parentes, seja com seus amigos, seja com aquilo que, ainda que intrinsecamente, o usuário compreende que a sociedade solicita de seus atores sociais. Olivenstein, (1989, p. 92), fala desta busca que pode ser amenizada através do que o autor chama de pseudo-identificação:

[...] Do mesmo modo, não se deve ficar admirado pelo fato de que, de um lado, a sociedade e seus representantes escolham uma relativa surdez e, de outro lado, um certo número de toxicômanos renuncie, opte por morrer, se abisme num deserto solitário ou na mais infame das medicâncias, ou ainda, que troque sua dependência por outra, vindo a ser adepto de personagens carismáticos que manipulam a seu bel-prazer o sadomasoquismo e lhe propõe uma pseudo-identificação.

A droga, para o usuário, contribui no sentido de trazer ao indivíduo que faz este uso, uma espécie de retomada da busca por uma identidade perdida em meio aquilo que realmente interessa ao usuário, enquanto ser humano, repleto de necessidades e vontades, e aquilo que é dado pela sociedade aos seus sujeitos. É possível, ainda que se faça necessária uma leitura cuidadosa deste paralelo, comparar tal busca a mesma vivenciada por indivíduos que desafiam a morte, (novamente em busca de sentido para vida), por outros meios que não as drogas. E o risco de morte faz sentido, quando não há, aparentemente, sentido motivador para vida. Em maior ou menor grau, expor-se a possibilidade de morte, a vertigem, a sensação de afastamento temporário da realidade cotidiana, mesmo que por segundos ou horas, pode alimentar o desejo de vida ou a sensação de controle sobre a mesma. Como elucida Le Breton, (2009, p. 41):

As condutas de risco são também maneiras ambivalentes de lançar um apelo aos mais próximos, àqueles que se importam. Constituem uma maneira última de forjar sentido e valor. Atestado da resistência ativa do jovem e de suas tentativas de repor-se no mundo, opõe-se ao risco muito mais incisivo da depressão e do desmoronamento radical do sentido. Não obstante os sofrimentos que acarretam, possuem pois, uma vertente, apesar de tudo, positiva: possibilitam ao jovem conquistar a autonomia, procurar balizas próprias; às vezes abrem caminho para uma imagem melhor de si mesmo; são um meio de construir uma identidade para si. Nem por isso são menos dolorosas em suas conseqüências, por meio das dependências, dos ferimentos ou das mortes a que levam. De todo modo, não nos esqueçamos, porém, que o sofrimento está contra a corrente, perpetuado por uma conjunção complexa entre uma sociedade, uma estrutura familiar, uma história de vida. Paradoxalmente, para alguns jovens, o risco é melhor que ficarem enclausurados em seu desgosto de viver, com talvez, algum dia, uma sida radical. As turbulências provocadas pelas condutas de risco ilustram a vontade de livrar-se do sofrimento, de debater-se para enfim ter acesso a si mesmo.

E complementa, explicando que apesar de flertar com a possibilidade de morte, não é necessariamente esta a busca que faz quaisquer pessoas que se expõe a esse risco:

Elas são absolutamente distintas da vontade de morrer, não são formas ineptas de suicídio, mas sim desvios simbólicos para assegurar-se do valor da própria existência, expulsar para o mais longe possível o medo de sua insignificância pessoal. Constituem os ritos íntimos para forjar o sentido. (LE BRETON, 2001 apud Le Breton, 2009, p. 41).

Porém, ainda existe o questionamento a respeito do momento em que a decisão de buscar este sentido, ou ainda, em que momento o indivíduo se dá conta desta ausência. Perceptivelmente, estes questionamentos encontrarão fundamento em respostas subjetivas. No entanto, na subjetividade da busca está a riqueza do significado da droga, a contribuição que o usuário pode dar para a compreensão deste fenômeno presente nas culturas e a possibilidade de caracterizar, através da cultura da droga, a sociedade em que o usuário tramita.

Esta sociedade que contribui para a constatação do indivíduo de uma falta de sentido, ao mesmo tempo é a mesma que traz a possibilidade de convergir para um sentido, porque sejam quais forem, as vivências dos indivíduos encontram espaço de ação no contexto em que estão. Portanto, o uso de drogas ilícitas é condenado e encontra espaço, ao mesmo tempo, em uma mesma conjectura social. Os espaços e tempos das drogas podem figurar os mesmos espaços e tempos de outras atividades. Não se faz necessário a princípio, um espaço específico para que a droga surja. Ela surge por uma questão individual, que se encontra em um contexto onde tantas outras questões podem surgir. Mas emerge através do embate entre o indivíduo e seu ambiente de relações. A constante associação do ócio ao consumo de drogas ignora o sujeito que age por intermédio deste uso. Um estudo de Carvalho e Carlini-Cotrim, (1992), aponta para o fato de que “o consumo de substâncias psicotrópicas pela juventude é muitas vezes associado à “falta do que fazer”. Mas este mesmo estudo aponta para uma constatação diferente identificada por Crawford, (1987, apud Carvalho e Carlini-Cotrim, 1992, p. 147):

Os dados do presente trabalho indicam que, pelo menos em relação à população estudada (jovens estudantes do meio urbano brasileiro), a prevenção ao consumo de álcool e drogas através do simples preenchimento do tempo livre parece ter pouco efeito. Dados semelhantes foram detectados recentemente em relação a 1.779 estudantes norte-americanos que freqüentavam o “college”: usuários e não usuários de drogas participavam indistintamente de atividades esportivas, clubes, associações e organizações políticas.

Estas estratificações a respeito do que é importante para diminuir e erradicar a presença das drogas acabam por colaborar ainda mais para a marginalização de

determinados grupos sociais “desocupados”²⁰ em função de seu estrato social menos favorecido economicamente. Dessa forma, a abordagem pautada pelo revés entre o ócio e a ocupação, põe de lado outra camada da sociedade que apesar de se “ocupar” por quase todo seu tempo disponível, também é suscetível á presença da droga. Ainda em Carvalho e Carlini-Cotrim, (1992, p.147), esta realidade é posta em questão:

Os presentes achados põem em discussão algumas idéias bastante difundidas na sociedade brasileira, que tendem a conceber o tempo livre como propiciador de comportamentos de risco. Tal concepção implica na identificação do estudante pobre, que gasta seu tempo livre nas ruas, como um sujeito potencialmente drogado. Implicam ainda, com grande freqüência, numa sobrecarga do cotidiano de crianças e adolescentes de classe média e alta que passam, muitas vezes de modo não-voluntário, a freqüentar cursos de dança, judô, música, línguas, computação e outros, numa verdadeira maratona produtivista.

Não se trata, porém, de invalidar a idéia de ocupação do tempo livre como ferramenta para a prevenção e o combate ao uso de drogas ilícitas. Trata-se de validar tais ferramentas buscando primar pela qualidade daquilo que é oferecido em detrimento ao prazer proporcionado pelas drogas. E da mesma forma, encarar ambos estratos sociais, (ainda que se saiba que heterogeneamente não é possível fragmentar as sociedades em dois estratos únicos), como repletos de sujeitos potenciais usuários de drogas. E aqui, retomamos a questão do indivíduo e suas subjetividades, anseios e busca de prazer e sentido. Sendo assim, a ocupação exercida pelo indivíduo deve ser prazerosa, o que implica em um novo olhar inclusive para a questão do trabalho como atividade plena que invalida quaisquer desvios porque incumbe ao sujeito que trabalha a questão da produtividade e da responsabilidade. Carvalho e Carlini-Cotrim (1992, p. 148-149), questionam essa premissa:

Os achados do presente trabalho não invalidam, no entanto, a utilização de estratégias de ocupação do tempo livre como instrumento auxiliar em programas

²⁰ O conceito de “desocupação”, neste caso, não significa ausência total de atividade, como é possível constatar na citação seguinte. (Carvalho e Carlini-Cotrim, 1992, p. 147). O desocupado em questão é tendenciosamente rotulado como de baixa renda, ocupado apenas com suas obrigações cotidianas e nada mais. No caso do estudo, cita-se a questão da escola como única ocupação, mas é possível transferir estas proposições para aqueles que se ocupam “apenas do trabalho”, “apenas das tarefas domésticas”, etc., por não terem acesso a outras atividades que demandam uma condição econômica mais privilegiada como freqüentar clubes, academias, ir ao cinema, ao teatro, etc.

preventivos do consumo de psicotrópicos, nem tampouco a importância de se reivindicar espaços de lazer e convivência para os jovens de grandes conglomerados urbanos. Os resultados encontrados parecem apenas deslocar a discussão do "fazer x não fazer" para a do *como* fazer, tendo como pressuposto que um jovem realizado em suas potencialidades (e não apenas ocupado, ou assimilando padrões e códigos) deve ser a meta adequada de programas que visem a saúde mental do adolescente. A ânsia de ocupar o jovem a qualquer custo passa, nesta perspectiva, a ser substituída pela preocupação com a qualidade - em termos de vivência, criatividade, espaço para questionamento que atividades não curriculares possam vir a oferecer. Tal raciocínio poderia ser a base também para se discutir a existência de maior número de usuários de álcool e drogas entre estudantes que trabalham, quando comparados com seus colegas que só estudam. O fato de ter seu tempo fora da escola ocupado, mas em uma atividade possivelmente pouco gratificante, fruto das condições em que o trabalho infantil é realizado no Brasil, atuaria no sentido contrário ao da crença de que "o trabalho enobrece (sempre) o homem".

Delineado desta forma, o usuário de drogas é sujeito complexo tanto quanto quaisquer outros sujeitos, no entanto, soma-se a esta subjetividade o fator da droga, não como objeto onipotente e de dominação do indivíduo, mas como instrumento manifesto para um ator social em busca de sentido. A investigação do homem por trás das drogas, antes mesmo dela, é importante para apontar as relações deste indivíduo e como tais relações não foram capazes de levar este homem a construir sua identidade de forma autônoma. Os pseudônimos da droga parecem autorizar este sujeito a alcançar esta identidade, porém revelam muito mais do que apenas um momento na história do usuário. Estes significados da droga são construídos através das vivências deste usuário e de suas percepções sobre a família, os amigos, o trabalho, a religião. São fator importante no entendimento da questão das drogas e sua cultura nas mais diversas sociedades. E conseqüentemente, relevam muito mais sobre a sociedade onde a droga surge do que simplesmente apontam para um desvio de caráter. Relacionam o sujeito que faz uso de drogas ilícitas, enquanto indivíduo e cidadão. Sob este prisma, o usuário colabora para que se entenda mais sobre ele próprio (e como a droga pode trazer sentido mesmo que seja através do risco), mas também para que se possa resignificar o sentido das vivências em uma sociedade que fomenta, ao mesmo tempo em que repele, a prática do consumo de drogas.

3. Desenvolvimento da Pesquisa

3.1. Método

Na intenção da construção de uma pesquisa de caráter biopsicossocial, faz-se importante a adequação de métodos que colaborem no sentido de explorar a intencionalidade da pesquisa em seu caráter qualitativo.

Na busca de uma *ruptura epistemológica*, se faz importante dialogar além do senso comum com os temas-chave da pesquisa. Segundo Bruyne, (1982): “A ruptura epistemológica deve consagrar o distanciamento sempre recomeçado do objetivo científico diante dos objetos do senso-comum, pré-noções, evidências de “bom senso”, mitos e ideologias”.

Compreendendo a subjetividade da análise, uma vez que pressupõe conteúdos passíveis a análise do pesquisador, é possível identificar como dialético o caminho deste estudo. Ainda em Bruyne, (1982), podemos compreender este caminho a ser percorrido:

A dialética é assim um processo epistemológico crítico essencial, cujo campo de pertinência se situa não ao nível da teoria enquanto formulação analítica das soluções, mas ao nível pré-teórico dos problemas que fundam a possibilidade da teoria. A dialética é a articulação entre o epistemológico e o conceitual na teoria, cada problema dialético produz um campo simbólico (teoria) no qual se exprime.

Trata-se então, o caminho percorrido neste estudo, compreendido pela sua intencionalidade, como investigação qualitativa. Os dados que serão apresentados, primam por apresentar dos indivíduos e não privilegiarão numericamente a posterior análise. No intuito de verificar a riqueza dos diálogos entre sujeitos e investigador, a metodologia utilizada soma-se a instrumentos “fechados” para o levantamento dos dados, no entanto, na perspectiva de poder contextualizar e embasar o grupo pesquisado, colaborando, inclusive, na análise dos discursos. Como explicam Bogdan e Biklen (1994, p.16):

Utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas [...] Privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação [...]

A escolha por esta abordagem parece fomentar os questionamentos do estudo e seu caráter biopsicossocial. Os detalhes observados tanto no discurso quanto na representação do próprio sujeito destas análises, onde características que normalmente desaparecem na apresentação de dados numéricos, ganham importância e podem apontar um olhar mais esclarecedor sobre as particularidades da questão. Porque entendido e colocado como biopsicossocial o caminho da pesquisa, o diferencial desta postura investigativa é trazer características da tríade (droga-sujeito-sociedade), onde podem ser relatados dados que representativamente apontarão para aspectos muitas vezes subliminares desta relação. Apesar de numericamente uma pesquisa de abordagem quantitativa que de certa forma privilegia a quantidade de sujeitos relacionados no intuito de captar uma realidade mais abrangente, qualitativamente viabiliza-se a observação e análise de pormenores muitas vezes determinantes para encaminhar a temática estudada questionamentos muitas vezes não identificados em uma abordagem menos particular. Desta forma, Bogdan e Biklen, (1994, p.47-51), enumeram características importantes relacionadas à pesquisa qualitativa proposta, bem como ao perfil do investigador que propõe esta abordagem:

Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal [...], a investigação qualitativa é descritiva [...], os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos [...], os investigadores qualitativos tendem a analisar os dados de forma indutiva [...], o significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

Ao apresentar tais características, surge a ação do investigador como determinante na reprodução dos dados, porque irá apresentá-los como assim os interpreta. E como o tratamento dado a esta análise compreende uma tendência indutiva do investigador que faz seu estudo pautado na abordagem qualitativa, é preciso esclarecer que, ainda que subjetiva, a análise qualitativa pode pressupor a

presença de uma perspectiva histórica que norteia a análise dos discursos. De certa forma, o referencial teórico apresentado indica esta tendência, já que apresenta uma perspectiva do comportamento humano e social anterior ao questionamento do estudo. Bogdan e Biklen, (1994, p.61) compreendem esta característica como um “estudo cultural”:

[...] a perspectiva dos estudos culturais insiste que todas as relações sociais são influenciadas por relações de poder que devem ser entendidas mediante a análise das interpretações que os sujeitos fazem das suas próprias situações [...] toda investigação se baseia numa perspectiva teórica do comportamento humano e social [...] Os estudos sócias enfatizam a importância dos métodos qualitativos para apreenderem a intersecção entre a estrutura social e a ação humana.

Para contemplar os objetivos propostos, a pesquisa pode então ser entendida como objeto das ciências sociais, que se dá através de um estudo cultural, em uma perspectiva biopsicossocial. E como ciência social, pressupõe considerar os dados com consciência histórica, apontando para a relação entre o sujeito e o objeto de estudo. Minayo, (2009, p.12-13), demonstra esta constatação:

O objeto das ciências sociais é histórico. Isto significa que cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço e se organiza de forma particular e diferente das outras. [...] Igualmente, as sociedades vivem o presente marcado por seu passado e é com tais determinações que constroem seu futuro, numa dialética constante entre o que está dado e o que será fruto de seu protagonismo [...] O objeto de estudo das ciências sociais possui consciência histórica. Noutras palavras, não é apenas o investigador que tem capacidade de dar sentido ao seu trabalho intelectual. Todos os seres humanos, em geral, assim como grupos e sociedades específicas dão significado às suas ações e a suas construções, são capazes de explicitar as intenções de seus atos e projetam e planejam seu futuro, dentro de um nível de racionalidade sempre presente nas ações humanas. [...] existe uma identidade entre sujeito e objeto [...] lida com seres humanos que, por razões culturais de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, tem um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos [...]

Concluída a conceituação dos principais aspectos norteadores da metodologia aplicada nesta pesquisa, a apresentação dos instrumentos escolhidos para coleta e análise dos dados irá ajudar a compreender mais especificamente o processo de investigação proposto.

3.2. Instrumentos

Buscando abordar a proposta deste estudo, a realização de pesquisa bibliográfica tem como objetivo embasar a construção teórica através da leitura e interpretação de autores que abordam os sub-temas desta pesquisa (cocaína, lazer e usuários de drogas ilícitas).

Em soma às leituras feitas através da pesquisa bibliográfica, foram utilizados instrumentos de avaliação que, analisados inicialmente de maneira específica e numérica, posteriormente, tiveram seus dados cruzados e analisados comparativamente, para que fosse possível identificar com maior riqueza contextual o panorama do estudo em questão, assim como coletar informações que direcionem um maior entendimento dos questionamentos da pesquisa. Tais instrumentos compuseram uma análise subjetiva dos discursos dos sujeitos, apoiada no conteúdo da revisão de literatura.

Partindo destes pressupostos na adequação do método, fizeram parte da pesquisa, sujeitos voluntários, inseridos na maioria, que declararem ter feito uso da cocaína, independente de sua periodicidade e que serão acessados via amostragem em *snowball* (bola-de-neve), técnica por meio da qual os participantes iniciais indicam novos participantes.

A amostragem em *snowball*²¹ tem-se mostrado bastante utilizada em pesquisa na área de ciências sociais, pois se mostra eficiente como critério de indicação de sujeitos, inicialmente porque colabora no intuito do estudo em atingir populações compreendidas em faixas mais “ocultas” da população, neste caso, usuários de cocaína. Ainda mostra-se interessante porque cria uma rede social que colabora para análise dos dados coletados, bem como traz a possibilidade de uma análise mais rica e concisa da amostragem encontrada durante a pesquisa de campo, bem como de suas características sócio-culturais. Como explicam Atkison e Flint, (2001, p.1):

²¹ Autores como Goodman, (1961), conceituam o *snowball sampling* de forma matemática, utilizando-se de fórmulas para quantificar a expressividade do número de amostras e para a equação dos resultados obtidos através das mesmas. No caso deste estudo, tais formulações não interessam para aplicação do método, (o que não impede seu uso), já que o objetivo para a captura dos sujeitos consiste em apropriar-se da técnica, porém, usando um instrumento diferente de análise, a saturação dos dados.

Treading an uneasy line between the dictates of replicable and representative research design and the more flowing and theoretically led sampling techniques of qualitative research, snowball sampling lies somewhat at the margins of research practice. However, the technique offers real benefits for studies which seek to access difficult to reach or hidden populations. These are often obscured from the view of social researchers and policy makers who are keen to obtain evidence of the experiences of some of the more marginal excluded groups. Policy makers and academics have long been aware that certain 'hidden' populations, such as the young, male and unemployed, are often hard to locate. Other groups such as criminals, prostitutes, drug users and people with unusual or stigmatised conditions (e.g. AIDS sufferers) pose a range of methodological challenges if we are to understand more about their lives. This issue describes the processes and the advantages and difficulties of using snowball sampling techniques.²²

Desta forma, não houve a possibilidade determinar previamente o número de participantes, sendo encerrada a amostragem sob critério de saturação dos resultados. Em um estudo de Costa, (2007), a técnica de saturação dos dados foi utilizada, em uma pesquisa em ciências sociais. A autora cita que “a adequação do emprego de amostras pequenas é consensual”, e explica:

Números de participantes são raramente estipulados *a priori* na medida em que o principal critério usado para determinar se as entrevistas realizadas são suficientes para a investigação de um determinado assunto é o da *saturação da informação*. Por saturação da informação entende-se o fenômeno que ocorre quando, após um certo número de entrevistas, o entrevistador começa a ouvir, de novos entrevistados, relatos muito semelhantes àqueles que já ouviu, havendo uma rarefação de informações novas. (COSTA, 2007, p. 68).

A dúvida por compreender como não foi subjetiva a determinação pela quantidade de sujeitos entrevistados, ainda que pautada na amostragem por saturação supracitada, cabe salientar que, ainda que aberta, esta amostragem parece estabelecer

²² Atravessando uma linha desconfortável entre os modelos ditados de réplica e representatividade nas pesquisas e a maior fluência e teoricidade dos exemplos de técnicas de pesquisa qualitativa, a amostragem bola de neve parece surgir às margens da prática deste tipo de pesquisa. Entretanto, esta técnica oferece benefícios reais para os estudos que procuram alcançar populações de difícil acesso ou escondidas. Estas são muitas vezes obscurecidas do ponto de vista dos investigadores sociais e das decisões políticas que desejam obter dados de investigações sobre os grupos excluídos mais marginalizados. Decisões políticas e acadêmicas têm ciência de que determinadas camadas "ocultas" das populações, tais como os jovens do sexo masculino e desempregados são, muitas vezes, difíceis de localizar. Outros grupos como criminosos, prostitutas, usuários de drogas e pessoas com condições incomuns ou estigmatizadas (por exemplo, doentes de AIDS) representam uma série de desafios metodológicos se quisermos compreender mais sobre suas vidas. Esta questão descreve os processos e as vantagens e dificuldades da utilização de técnicas de amostragem snowball.

um parâmetro de observação que se preocupa em integrar o discurso dos indivíduos e sua constituição histórica, no universo da pesquisa. E o comprometimento e conhecimento prévio deste universo desejável para o investigador, colaboram nas determinantes da saturação. Fontanella, Ricas e Turato, (2008, p.20), apontam para diferenças circunstanciais entre este e outros métodos de determinação do número de amostras:

Diferentemente das pesquisas quantitativas, a seleção dos elementos amostrais em pesquisas qualitativas não decorre da mensuração da distribuição de categorias como nos estudos matematizados de características clínicas e biosociodemográficas (como diagnósticos nosográficos, perfis de personalidade, eficácia de terapêuticas medicamentosas, idade, sexo, procedência, tipo de moradia, situação conjugal, escolaridade etc.). Isso não é necessário porque os critérios a que os estudos qualitativos visam não obedecem aos mesmos padrões de distribuição de parâmetros biológicos ou dos fenômenos naturais em geral. A seleção dos elementos decorre, sobretudo, da preocupação de que a amostra contenha e espelhe certas dimensões do contexto, algumas delas em contínua construção histórica.

Os mesmos autores também destacam a importância do pesquisador, durante suas análises, explicitar os pontos determinantes que foram entendidos como àqueles cuja presença e reincidência culminaram para atingirem o ponto de saturação dos dados:

O ponto de saturação da amostra depende indiretamente, do referencial teórico usado pelo pesquisador e do recorte do objeto e diretamente, dos objetivos definidos para a pesquisa, do nível de profundidade a ser explorado (dependente do referencial teórico) e da homogeneidade da população estudada. Entretanto, por ser uma ferramenta inerentemente influenciada por fenômenos cognitivos e afetivos da dupla pesquisador-pesquisados na prática da pesquisa qualitativa, o encontro desse ponto de saturação está sujeito a imprecisões. Consideramos fundamental para o rigor científico e transparência das pesquisas qualitativas a menção, no relatório, do conjunto de fatores identificados que possam ter contribuído para a decisão de um determinado ponto de saturação amostral. Deve-se evitar a simples menção à utilização desse recurso metodológico, algo possivelmente representativo de uma ilusão de transparência de um procedimento complexo, que contribui decisivamente para a validade científica do instrumento de coleta e análise de dados. (FONTANELLA, RICAS e TURATO, 2008, p.25-26).

Para que todos os participantes tenham garantia de sigilo sob seus dados pessoais, um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)²³ foi assinado por ambas partes (pesquisador-pesquisado), desta forma também, concordando e estando cientes de sua participação na pesquisa. Todos os protocolos estabelecidos pela pesquisa bem como o acesso aos sujeitos participantes foram submetidos ao CEP (Comitê de Ética em Pesquisa), da UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba) e devidamente aprovados sob o protocolo nº 29/10²⁴, em 14 de dezembro de 2010, estando de acordo com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS, de 10/10/1996.

Os dados foram obtidos através de dois instrumentos aplicados: questionário²⁵ social e ASSIST (Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test)²⁶.

No questionário social, adaptado subjetivamente para a pesquisa, foram levantadas as principais características sócio-econômicas dos sujeitos. Tal questionário surge como importante ferramenta de conhecimento para o pesquisador sobre universo dos sujeitos entrevistados. Através deste questionário é possível verificar fatores importantes para encaminhar a análise de maneira mais rigorosa e rica, pois ele aponta fatores como emprego/desemprego, nível de escolaridade, independência financeira, escalas hierárquicas na família, e encaminha a aplicação do ASSIST, porque aborda a questão da droga enquanto vínculo afetivo/emocional. No mesmo questionário surgem também, questionamentos cujo desenvolvimento da resposta por parte dos sujeitos pôde colaborar para uma maior compreensão do universo do usuário.

O ASSIST, (2002), aplicado posteriormente à conclusão do questionário social, aprofundou a temática da droga encaminhando para análise pautada no vício e sua intensidade. Apesar de não haver interesse em verificar especificamente a presença de

²³ Vide anexos, p.110

²⁴ Vide apêndices, p. 116

²⁵ Vide anexos, p. 104

²⁶ O ASSIST é um instrumento de pesquisa validado pela Organização Mundial de Saúde (WHO), utilizado para mensurar o grau de comprometimento dos sujeitos com a droga e a presença do uso de outras drogas paralelamente a droga de principal consumo. Em anexos, p. 106

outras drogas, (já que os indivíduos são selecionados por critérios que estabelecem de antemão o uso da cocaína), constatar esta presença pode ajudar a delinear a penetração da droga em questão (a cocaína) e suas associações. De certa forma, através do ASSIST, se torna possível analisar a presença da cocaína (pré-estabelecida) ao uso prévio ou posterior de outras drogas lícitas e ilícitas. É preciso considerar a possibilidade de a droga colaborar para outros desvios ou de outras drogas encaminharem para a cocaína. Somado ao questionário social, o ASSIST pode ajudar a esclarecer, então, a presença da droga em outro aspecto, diferente do questionário social, porque aborda a questão do uso enquanto vínculo fisiológico e de associação.

Após este levantamento, fechado o ciclo de investigação de cada sujeito participante, o intuito foi o de verificar de forma mais aberta e menos indutiva, as reflexões dos entrevistados em relação à droga, seu entendimento de lazer e suas vivências de lazer. Valendo-se dos instrumentos citados anteriormente, as respostas dadas foram úteis como direcionamento para que o investigador verificasse pontos do questionário que receberam maior atenção e foram mais explorados, como prevê Minayo, (2009, p. 64):

[...] conversas com finalidade e caracterizam-se pela sua forma de organização, [...] que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada.

É importante considerar que o questionário social tem um viés de extrema importância na elaboração da análise dos dados coletados. Através dele é possível elaborar uma descrição mais contextual dos outros instrumentos, portanto, interagindo para que se possa verificar os questionamentos de maneira a contemplar o interesse do estudo em verificar a dinâmica social do sujeito, da droga e do lazer como possível espaço para o uso de cocaína. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 135-136), a condução da entrevista irá determinar a característica qualitativa da pesquisa:

[...] As boas entrevistas caracterizam-se pelo facto de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista. As boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes. As transcrições estão repletas de detalhes e de

exemplos [...] Os pormenores e detalhes particulares são revelados a partir de perguntas que exigem exploração [...]

E por ser este instrumento (o questionário social) e a forma como foi conduzido, características da pesquisa qualitativa em ciências sociais, onde a intenção é atingir “uma forma privilegiada de interação social [...] sujeita à mesma dinâmica das mesmas relações existentes na própria sociedade” (MINAYO, 2009, p.64), entende-se que, através do mesmo, foi possível caminhar para desenvolver a premissa biopsicossocial que norteia a investigação. Inicialmente porque permitiu ao entrevistador desenvolver, durante sua aplicação, os temas que julgar relevantes para posterior análise e em um segundo momento, porque apresentou respostas fundamentadas no indivíduo entrevistado, e não nas questões em si. Os discursos demonstraram a vivência do indivíduo no assunto proposto, o que implicou em revelar relações, práticas, cumplicidades e omissões que pontuam o cotidiano.

O conteúdo do questionário social foi tratado para que fosse determinante tanto para a análise, bem como para indicar a saturação dos dados.

Após a coleta destas aplicações, os dados foram relacionados e a observação, identificação de semelhanças e diferenças através e análise dos conteúdos, buscou interpretar seus componentes contemplando os objetivos desta investigação, pautando-se nestas coletas, bem como em metodologia específica para as análises, entendidas através de suas especificidades e também como análises que privilegiam o conteúdo direto e indireto dos dados.

A análise de conteúdo surge como possibilidade de interpretar, codificar e categorizar o conteúdo produzido através do questionário. A interpretação do que foi coletado dos sujeitos participantes é entendido neste sentido, como uma linguagem clara daquilo que o discursante quer expressar. Como explica Bardin, (1977, p. 42):

A Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens.

No que se refere aos procedimentos utilizados para a análise escolhida, os dados coletados foram categorizados a partir das semelhanças e diferenças e posteriormente recategorizados para novas categorias que surgirem. Desta forma, o intuito é fazer uso do material lingüístico dos dados. Segundo Ceregnato e Mutti, (2006, p. 684): “[...] a Análise de Conteúdo espera compreender o pensamento do sujeito através do conteúdo expresso no texto, numa concepção transparente de linguagem”.

A análise do conteúdo dos dados coletados acaba por ser uma representação do que foi expresso pelos sujeitos, onde se busca categorizar, sejam palavras ou expressões, de acordo com a frequência em que ocorrem, através de uma expressão ou categoria. Como explica Bauer, (2002), “[...] a Análise de Conteúdo permite produzir de forma rápida e objetiva, inferências no conteúdo da comunicação que são replicáveis em seu contexto social.”.

Cabe salientar que, mesmo determinada como análise de conteúdo, existem ainda duas possibilidades a serem acerdadas: a mesma abordagem de análise pode ser tanto quantitativa, como qualitativa. Para determinar esta característica presente na análise dos dados coletados, é possível descrever que:

[...] Com a acentuação do debate entre a pesquisa quantitativa e qualitativa nas ciências sociais, passa-se a discutir também a utilização da análise de conteúdo tanto por uma, quanto por outra abordagem. Nesse caso, as análises quantitativas preocupam-se com a frequência com que surgem determinados elementos nas comunicações, preocupando-se mais com o desenvolvimento de novas formas de procedimento para mensurar as significações identificadas. Por outro lado, os enfoques qualitativos voltam sua atenção para a presença ou para a ausência de uma característica, ou conjunto de características, nas mensagens analisadas, na busca de ultrapassar o alcance meramente descritivo das técnicas quantitativas para atingir interpretações mais profundas com base na inferência²⁷. (CAPPELLE, MELO E GONÇALVES, 2003)

Desta forma, fica também compreendido dentro da abordagem escolhida para interpretação do discurso dos sujeitos participantes, o caráter qualitativo da análise, uma vez que, o que se buscou através do questionamento principal, é compreender o fenômeno através de uma perspectiva biopsicossocial, onde a produção de inferências

²⁷ O ato de inferir significa a realização de uma operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude de sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras. (BARDIN, 1977, p. 39.)

antes da análise descritiva do conteúdo promoveu a confrontamento entre o conteúdo teórico e o produzido pelos interlocutores, como explica Campos, (2004, p. 613):

[...] produzir inferência, em análise de conteúdo significa, não somente produzir suposições subliminares acerca de determinada mensagem, mas em embasá-las com pressupostos teóricos de diversas concepções de mundo e com as situações concretas de seus produtores ou receptores. Situação concreta que é visualizada segundo o contexto histórico e social de sua produção e recepção.

Contudo, a análise de conteúdo neste estudo também se apresenta “não-apriorística”²⁸, tendo em vista que as inferências encontradas na análise dos instrumentos, surgiram durante as releituras dos depoimentos cedidos pelos participantes através do questionário social. Desta forma, é preciso salientar que fica entendido o caráter subjetivo da categorização, uma vez que as inferências surgiram de acordo com a interpretação dos dados através da leitura do pesquisador, porém, ao mesmo tempo, tais dados estão compreendidos e alinhados pelo contexto histórico e cultural que norteia tanto o pesquisador quanto os sujeitos participantes.

O método, portanto, fica designado como análise de conteúdo qualitativa e não apriorística. Enfatizar tais características da metodologia de análise convém ao pesquisador, uma vez que “regulamenta” seu olhar sob os dados e facilita a leitura dos resultados por quaisquer leitores. Da mesma forma, deixar explícito que os dados pertencem a determinado contexto, compartilhado em uma tríade, pelo pesquisador, pelos sujeito e pelo fenômeno, colaborou para compreensão dos conteúdos destes dados.

Foram utilizados para composição e aplicação desta pesquisa, papel sulfite, caneta e questionários impressos. Todos os itens da pesquisa foram subsidiados pelo pesquisador bem como necessidade de custos com deslocamento para entrevista com os sujeitos indicados para participação. Para pesquisa bibliográfica foram utilizadas

²⁸ Como elucida Campos, (2004, p. 614): “No caso da escolha pela categorização não apriorística, essas emergem totalmente do contexto das respostas dos sujeitos da pesquisa, o que inicialmente exige do pesquisador um intenso ir e vir ao material analisado e teorias embasadoras, além de não perder de vista o atendimento aos objetivos da pesquisa”.

bases de dados de indexadores (disponíveis via Internet) e acervo de bibliotecas de universidades da região de Piracicaba.

4. Discussão

4.1. Exposição dos Resultados

Os dados que surgiram durante o processo de análise, tanto dos instrumentos qualitativos quanto dos instrumentos quantitativos, foram alcançados através da amostragem *snowball*, previamente explicada no capítulo 3.2. Portanto, para quantidade final de sujeitos, temos o número de 20 participantes, determinado pela saturação dos dados. Os dados surgem como saturados, especificamente, pela incidência de respostas semelhantes, o que foi notado inicialmente a partir do décimo quinto sujeito, independente de gênero. Outros dados relevantes para que ficasse entendida a saturação dos dados, aparecem no ASSIST, e também nas entrevistas semi-estruturadas. Desta forma, a apresentação dos dados numéricos inicialmente e posteriormente a categorização dos dados empíricos, indicam os fatores que contribuíram para a saturação dos dados recolhidos e conseqüentemente o número final 20 sujeitos participantes.

Para exposição dos resultados, fica entendido que, apresentados os instrumentos, os resultados foram expostos por quantidade de incidências mais relevantes de acordo com as possibilidades de resposta encontrados em cada item, onde, para perguntas fechadas no instrumento Questionário Social, as respostas aparecerão numericamente sabendo de antemão que o número total de sujeitos entrevistados somaram 20 participantes. Para o instrumento ASSIST, a média do score²⁹ final para cada droga citada pelos entrevistados será exposta e será exposto também o grau de comprometimento dos sujeitos para a cocaína, e para outras drogas, levando assim, a novos dados e associações sobre o uso da droga. Para respostas abertas no instrumento questionário social, a análise dos dados será demonstrada através de inferências recorrentes nos discursos, evidenciadas durante a releitura dos questionários, pelo pesquisador. Ambos instrumentos encontram-se em anexo.

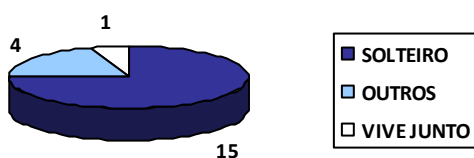
²⁹ O score do ASSIST é calculado através da pontuação atingida por cada entrevistado ao responder sobre a frequência de uso, abstinência, necessidade, comprometimento emocional, material, social, sobre cada droga já utilizada pelos sujeitos. O cartão de feedback para o cálculo dos dados está em anexos, (p. 109).

Para tanto, inicia-se através da exposição dos dados do questionário social (Anexos, p. 104), em sequencia serão apresentados os dados do ASSIST (Anexos, p. 106) e finalizando, será apresentada a discussão dos dados encontrados nas coletas e entendidos como mais relevantes à pesquisa.

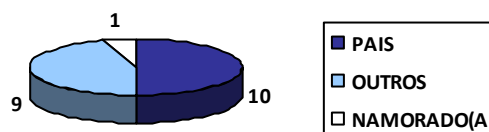
Questionário Social: resultados

A idade média dos 20 entrevistados é de 26,5 anos e todos os entrevistados declararam-se solteiros, formalmente, (no entanto informalmente declararam ter relacionamentos longos). Dos 20 entrevistados, 3 são mulheres, os outros 17 são homens, segundo gênero. Não foram questionadas opções sexuais.

Questão 2: Estado Civil

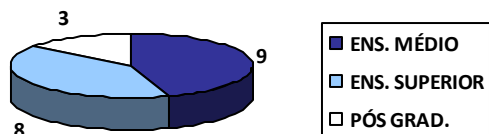


Questão 3: Você mora com alguém?

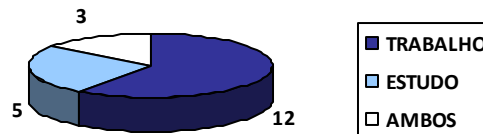


Nenhum dos entrevistados mora sozinho, no entanto, a maior parte dos entrevistados, independente da idade, mora com os pais e também com irmãos ou outros parentes. Apesar de declararem-se em um relacionamento estável onde um dos entrevistados mora com o companheiro (a), a opção casado não aparece em nenhuma das respostas dos sujeitos. Nenhum dos entrevistados tem filhos e todos já completaram o ensino médio, sendo que alguns dos entrevistados também já completaram o ensino superior. A grande parte dos entrevistados trabalha ou ocupa-se como estudante. O trabalho em sua maioria é formalizado e é exercido pelos entrevistados a mais de um ano. Pequena parte se declarou autônomo.

Questão 6: Grau de Instrução



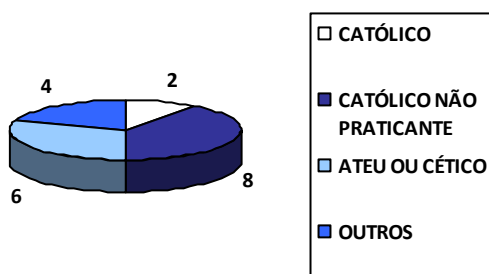
Questão 10: Ocupação



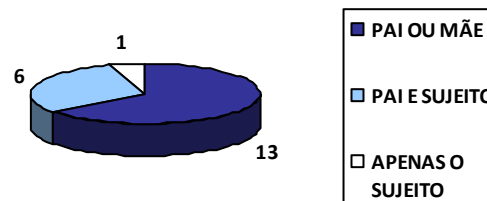
Grande parte dos entrevistados se diz não praticante, mas pertencente à família católica. Outra parte dos entrevistados disse não acreditar em nenhuma religião e declararam-se como ateus ou céticos.

Os pais dos entrevistados aparecem como chefe da família, na maior parte das respostas. Outros declararam uma espécie de chefia compartilhada da família, por entenderem serem responsáveis pela manutenção do orçamento familiar, juntamente com o pai, a mãe, ou os dois. Os pais responsáveis pela chefia da família em grande parte das respostas têm nível de instrução no ensino médio, sendo raro pais com nível de instrução no ensino superior.

Questão 7: Pratica alguma religião?

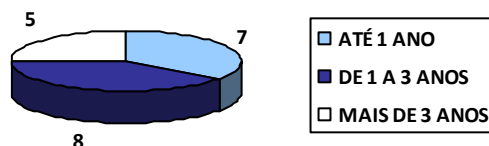


Questão 11: Quem é o chefe da família?



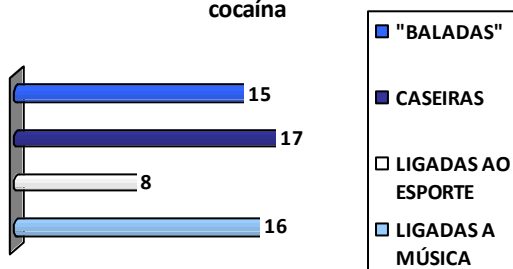
O tempo médio de uso da cocaína entre os entrevistados é de 2 anos. O sujeito que declarou usar a droga há mais tempo, declarou usar a droga a 5 anos. O entrevistado com menor tempo de uso da droga, declarou fazer uso de cocaína a 6 meses.

Questão 18: Há quanto tempo você usa cocaína?

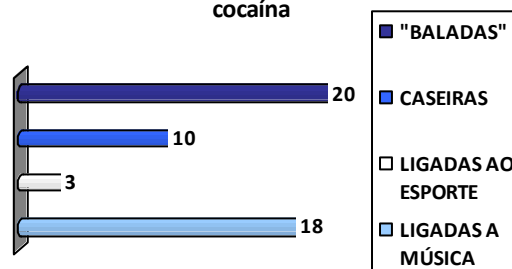


Todos entrevistados declararam terem atividades de lazer semelhantes às atividades praticadas antes de iniciarem o uso da cocaína. Os finais de semana surgem como momento onde o uso da cocaína acontece, porém alguns entrevistados declararam fazer uso da droga também durante a semana, no entanto, tais sujeitos são minoria entre os entrevistados.

Questão 17: Atividades de lazer praticadas antes do início do uso da cocaína

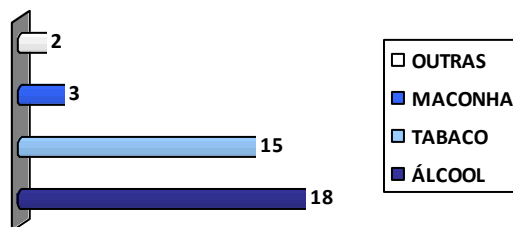


Questão 17: Atividades de lazer praticadas depois do início do uso da cocaína



O uso combinado de cocaína com outras drogas apontou em maior incidência para o álcool e o tabaco. Apenas 5 dos 20 entrevistados declarou usar outro tipo de droga que não seja álcool e tabaco, concomitantemente ao uso da cocaína.

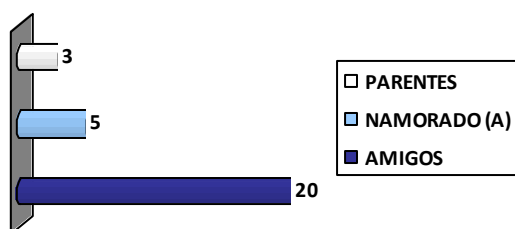
Questão 21: Que drogas você usava ou usa, além da cocaína?



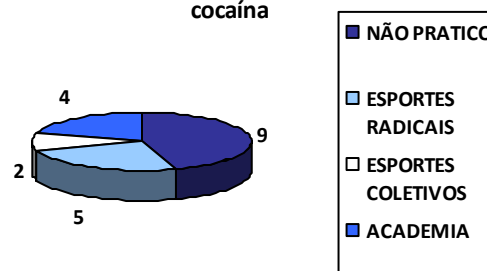
A principal companhia quando o uso da cocaína acontece apontou para os amigos como presença constante, que compartilha do uso. Alguns sujeitos declararam fazer uso da droga também na companhia de namoradas e parentes, porém nenhum dos sujeitos questionados sobre quais parentes compartilham do uso da droga citou fazer uso da cocaína na presença dos pais ou irmãos. Os parentes citados em sua maioria são os primos dos entrevistados.

Quando questionados sobre a prática de atividades físicas, uma minoria de sujeitos declarou ter uma atividade física regular, porém, a atividade física mais praticada pelos usuários da droga está em sua maioria associada principalmente à prática de esportes radicais e à musculação.

Questão 22: Com quem costumava ou costuma usar drogas?

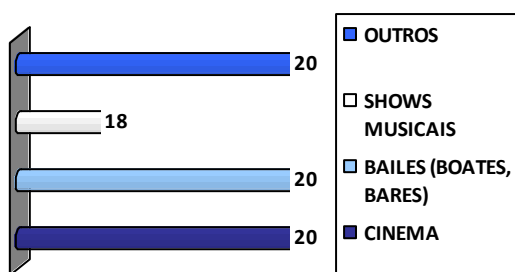


Questão 17: Atividades de lazer praticadas antes do início do uso da cocaína

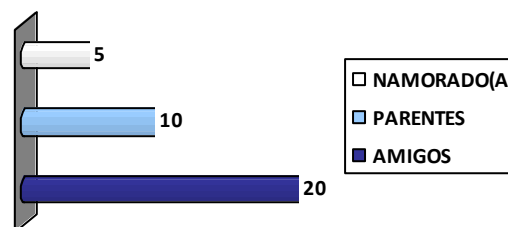


As atividades culturais que os entrevistados declararam ter maior participação são cinema, bailes e shows musicais. Quando questionados sobre quais as companhias mais frequentes nessas atividades, grande parte dos entrevistados indicou principalmente amigos, namoradas e primos.

Questão 29: Você já foi ou assistiu...

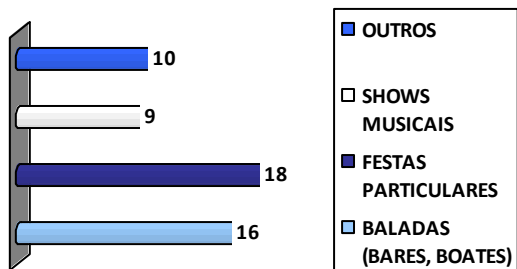


Questão 31: Com quem você frequenta os eventos culturais?

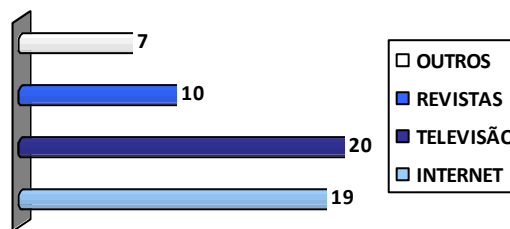


Os entrevistados também declararam que, bares e festas em casas de amigos são as atividades de lazer que mais incentivam os usuários a fazer o uso da cocaína. Os principais meios de comunicação usados pelos entrevistados são Internet, televisão e revistas.

Questão 29: Você já foi ou assistiu...

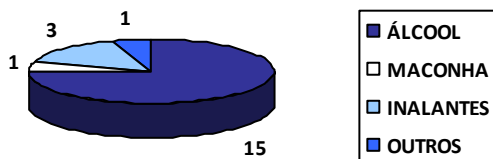


Questões 27 e 28: Quais meios de informação você utiliza?

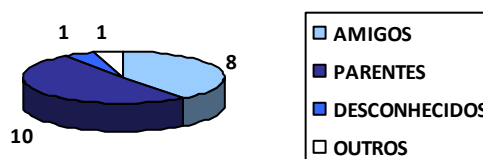


A primeira droga usada por grande parte dos entrevistados foi o álcool. Em relação ao uso da primeira droga, em sua maior parte, os sujeitos declararam estar na companhia de amigos e parentes mais velhos do que eles e os principais locais/situações onde aconteceu este consumo foram carnaval, festas particulares (na casa de amigos) e réveillon.

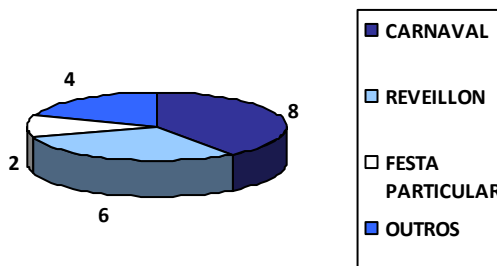
Questão 33: Qual foi a primeira droga que você usou?



Questão 35: Com quem você estava ao consumir a primeira droga?

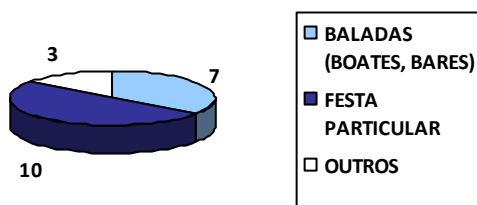


Questão 34: Onde você estava quando usou a primeira droga?

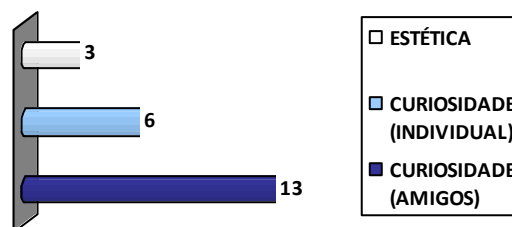


Ao serem questionados sobre o primeiro uso da cocaína, os lugares mais indicados pelos sujeitos foram as “baladas” (festas, danceterias, bares). O principal motivo indicado foi a curiosidade, através do conhecimento da experiência de amigos que já haviam usado a droga. Novamente, os principais parceiros de uso foram os amigos.

Questão 32: Onde você estava quando usou cocaína a primeira vez?



Questão 32: Qual o motivo que o levou a usar cocaína?



Questionário Social: perguntas abertas

Para esta análise, verificou-se a relação entre os questionamentos inicialmente propostos e seus desdobramentos, cujas expressões (e/ou palavras) dentro das respostas dos participantes foram consideradas como dados importantes para composição da análise. As principais incidências de palavras e expressões estão demonstradas nas tabelas abaixo:

QUESTIONAMENTOS LIGADOS À NOÇÃO DE LAZER
<p>Ócio, diversão, relaxamento, descanso, “fazer o que gosto”</p> <p>“Recompensa pelo trabalho”, merecimento, necessidade</p> <p>Interagir, colaborar, “conhecer novas pessoas”, sociabilização</p>

QUESTIONAMENTOS LIGADOS À VIVÊNCIAS DE LAZER	
VIVÊNCIAS INDIVIDUAIS	VIVÊNCIAS EM GRUPO
<p>Dormir, ler, “usar a Internet”, “ver televisão”</p> <p>Correr (esportes), organizar (casa)</p>	<p>“Ir à baladas”, cinema, bares, churrascos</p> <p>Festas em família, festas do trabalho</p>

QUESTIONAMENTOS LIGADOS A DROGA ASSOCIADA AO LAZER
Amigos, parentes, interesse sexual/afetivo, “tribo”, costumes “Stress do trabalho”, brigas com amigos/companheiro (a), “problemas financeiros” Amigos, bebida, desinibir-se, auto-afirmação, testar limites, comemorações

QUESTIONAMENTOS LIGADOS AO COTIDIANO E AS DROGAS
“Apenas em festas e comemorações”, “apenas com amigos e/ou outros usuários” “para aliviar o stress”, “para produzir”, “sinto vontade”

Desta forma, ficaram estabelecidos os parâmetros propostos neste estudo para a análise dos conteúdos dos discursos, uma vez que através da análise dos questionamentos abertos, foi possível definir e expor o conteúdo mais relevante do questionário social. Partindo dessas informações e resultados da aplicação dos instrumentos da metodologia usada na pesquisa, será feita a análise dos dados coletados e expostos, combinando-os, de maneira que os cruzamentos destes dados colaborem para um maior esclarecimento do contexto, das nuances e dos desdobramentos dos questionamentos levantados pelo estudo.

ASSIST: resultados

O instrumento ASSIST surgiu como possibilidade de verificar o grau de dependência, mesmo que latente, do entrevistado em relação à cocaína. Também colaborou para ratificar algumas passagens do questionário social ou contrapô-las, uma vez que é sabido das limitações de um questionário bem como da entrevista, sendo que o sujeito participante pode conduzir o discurso de acordo com aquilo que entende que seja mais aceito socialmente ou ainda com o intuito de chocar. Da mesma forma, essa “contaminação” dos instrumentos, devido a limitação dos mesmos, pode colaborar fortuitamente para contextualizar o espaço onde o fenômeno estudado ocorre, bem como as relações que se delineiam neste mesmo fenômeno. O entorno da presença da cocaína pode não surgir translúcido ao pesquisador, no entanto seus desdobramentos

notavelmente se dão através do reconhecimento do comportamento que norteia e conduz o usuário a usar, justificar e argumentar segundo seu entendimento do meio no qual interage. Desta forma, o ASSIST nos conduziu, ao ser aplicado concomitantemente aos outros instrumentos de levantamento dos dados, para um entendimento da condição e do comprometimento da saúde e do cotidiano do usuário, elementos que são manipulados pelo próprio entrevistado tanto no questionário social, quanto na entrevista. Seguem os resultados encontrados no ASSIST, apoiados através da demonstração através da tabela abaixo:

NA SUA VIDA, QUAL (IS) DESSAS SUBSTÂNCIAS VOCÊ JÁ USOU? (somente uso não prescrito pelo médico)	NÃO	SIM
1. DERIVADOS DO TABACO	0	3
2. BEBIDAS ALCOÓLICAS	0	3
3. MACONHA	0	3
4. COCAÍNA, CRACK	0	3
5. ANFETAMINAS OU ÊXTASE	0	3
6. INALANTES	0	3
7. HIPNÓTICOS/SEDATIVOS	0	3
8. ALUCINÓGENOS	0	3
9. OPIÓIDES	0	3
10. OUTRAS, ESPECIFICAR	0	3

Questionário inicial ASSIST para identificação de uso concomitante de drogas

Com a pontuação inicial desta tabela, fica estabelecido quais entrevistados faziam uso concomitante de mais de uma droga, além da cocaína. Dos vinte usuários entrevistados, 15 pontuaram para tabaco, 18 pontuaram para álcool, 3 para maconha, 20 para cocaína, crack (no entanto nenhum dos entrevistados disse fazer uso do crack, todos afirmaram usar apenas cocaína, neste item), 1 para anfetaminas ou êxtase e 1 para inalantes. As demais

drogas não obtiveram pontuação por nenhum dos entrevistados.

Constatou-se que o álcool aparece diretamente ligado ao consumo de cocaína, uma vez que o pré-requisito inicial para a participação na pesquisa é o consumo de cocaína. Também concomitante ao uso da cocaína, aparece o tabaco, e na ausência do consumo de tabaco, 3 usuários optam por usar maconha. O usuário que declarou fazer uso de anfetaminas/êxtase declarou também usar inalantes, porém não afirmou usar tabaco. E um dos usuários entrevistados declarou fazer uso exclusivamente de cocaína. Esta visualização fica mais clara demonstrada na tabela seguinte:

DROGAS CITADAS	SUJEITOS																			
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
COCAÍNA	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•
ÁLCOOL	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•
TABACO	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•					
MACONHA																		•	•	•
ANFETAMINA/ÉXTASE																				
INALANTES																				

Demonstração das características de consumo de drogas relativas aos sujeitos participantes

Para tabela dois do questionário ASSIST, (em Anexos, p. 106), a frequência de uso do tabaco, demonstra que dos 20 entrevistados, 13 afirmam usar diariamente ou quase todos os dias e apenas 2 declararam usar semanalmente. Para bebidas alcoólicas, dos 18 usuários de bebidas, 8 declaram usar mensalmente, 11 declaram usar semanalmente e apenas 1 declarou usar bebidas alcoólicas quase todos os dias. Quanto a maconha, todos os 3 usuários afirmaram consumir a droga mensalmente. Vale salientar que um dos entrevistados faz o uso simultâneo de cocaína e maconha, na forma de cigarros de “freebase” ou “mesclados”³⁰, segundo o próprio usuário. Portanto, o uso mensal da maconha declarado por este sujeito, corresponde ao uso da droga sem a mistura com a cocaína.

Durante a aplicação do questionário ASSIST, foram realizados questionamentos específicos para cada sujeito da pesquisa (usuário de cocaína), relativos a cada droga citada anteriormente como droga de uso concomitante à cocaína, independente da frequência de uso ser diferente entre as drogas. Depois de respondidas as questões relativas aos respectivos usos, ficou determinado por pontuação de cada sujeito, o grau de comprometimento dos mesmos em relação às drogas citadas pelos entrevistados, no início do questionário. O resultado aparece demonstrado na tabela seguinte, onde para cada pontuação, segundo a necessidade de intervenção, tem-se que:

³⁰ Freebase: [...] formas base de las cocaínas fumables, químicamente iguales entre ellas, que difieren fundamentalmente por su proceso de elaboración. Ambas se obtienen a partir del clorhidrato de cocaína mediante procedimientos empíricos y rudimentarios de laboratorio que los mismos consumidores incluso pueden realizar[...] Mesclado: [...] La pasta básica, Basuco [...] generalmente se consume fumado, armado en cigarrillos con filtro, a los cuales les extraen más o menos la mitad de la picadura (tabaco), para completarlo con el polvo del basuco. El filtro se parte por la mitad para lograr una mayor aspiración. También lo consumen mezclado con marihuana para disminuir los efectos “angustiantes” y “paranoides” de la pasta básica. (CASTAÑO, G.A., 2000, p.541-550)

- ✓ Para tabaco, maconha, cocaína, anfetamina/êxtase e inalantes, a somatória de 0 à 3 pontos significam nenhuma necessidade de intervenção (cor branca na tabela), de 04 à 26 pontos, receber intervenção em breve (cor verde na tabela) e com 27 ou mais pontos (cor vermelha na tabela), encaminhar para tratamento mais intensivo.
- ✓ Para álcool, de 0 à 10 pontos, nenhuma necessidade de intervenção (cor branca na tabela), de 11 à 26 pontos (cor amarela na tabela), receber intervenção em breve e com 27 ou mais pontos (cor vermelha na tabela), encaminhar para tratamento mais intensivo.

DROGAS CITADAS	SUJEITOS																			
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
COCAÍNA																				
ÁLCOOL																				
TABACO																				
MACONHA																				
ANFETAMINA/ÊXTASE																				
INALANTES																				

Pontuação de cada sujeito para cada droga usada, ao final da aplicação do ASSIST

É importante lembrar que para cada pontuação considerada, existe uma diferença de comprometimento em relação aos usuários enquadrados nestes mesmos intervalos numéricos. Desta forma, sujeitos que aparecem com necessidade de intervenção breve e pontuam 26 pontos, podem estar mais comprometidos que sujeitos que aparecem com necessidade de encaminhamento mais intensivo (acima de 27 pontos), uma vez que um sujeito com menor comprometimento pode estar fazendo uso de mais drogas concomitantemente do que os outros sujeitos mais comprometidos com uma única droga. Desta forma, o instrumento ASSIST colabora para a identificação da presença de outras drogas e combinado aos outros instrumentos, para a identificação de possíveis conexões entre hábitos, costumes, situação socioeconômica, etc., que culminam no uso da droga estudada, a cocaína.

4.2. Análise dos Resultados

Durante a análise do questionário social, fica evidente que grande parte dos entrevistados possui boa condição financeira, independente de sua formação. Entenda-se por razoável, neste contexto, o acesso ao ensino superior, o fato de grande parte dos sujeitos trabalharem e estudarem, portanto, serem geradores de renda. Como nenhum dos entrevistados tem filhos, identifica-se que, apesar da maioria e de alguns dos entrevistados terem declarado viverem relacionamento estável, não existe aparentemente a intenção de formação familiar tão breve, dado reforçado pelo fato de grande maioria coabitar com os pais ou parentes. Outro fator importante a ser considerado quando citada escolaridade dos pais, é a baixa taxa de formação superior por parte dos pais dos entrevistados o que não impede, no entanto, muitos dos entrevistados declararem como chefe da família o pai, ainda que muitas vezes a formação dos filhos e até mesmo o emprego sejam mais bem remunerados do que a própria fonte de renda dos pais dos entrevistados.

O número de entrevistados pertencentes à família católica é o maior entre as religiões declaradas durante a aplicação do questionário social. Porém, quase a metade dos filhos de católicos diz ateu ou cético. Em contrapartida, os entrevistados que disseram ser católicos são maioria ao afirmar que, apesar de fazerem parte de uma família católica, não praticam os preceitos da religião declarada. Esta afirmação contém dois indicativos interessantes: o fato de que possivelmente a religião imposta pela família não consegue até o momento, colaborar na construção da identidade dos sujeitos e desta forma, repele os entrevistados, que entendem buscar “soluções” diretamente opostas às propostas pela religião da família ou; de que a ausência de um componente de identificação do jovem junto à religião praticada pela família, pode afastá-lo da interação com o meio familiar.

A média de uso da cocaína pelos sujeitos participantes é de 2 anos, o que demonstra uma certa adaptação dos usuários da droga em relação ao cotidiano. Combinados os resultados do ASSIST, nota-se que nenhum dos usuários de cocaína entrevistados obteve pontuação equivalente a níveis preocupantes quando considerado o comprometimento em relação à cocaína. É possível afirmar que ainda que se

declarem usuários de recreio, o tempo de uso dos entrevistados demonstra o oposto. Outro importante aspecto é que as atividades de lazer dos usuários entrevistados não se modificaram em relação à droga, segundo declaração dos mesmos no questionário social. Porém é preciso lembrar que durante a categorização das entrevistas semi-estruturadas, foi identificada a presença de características de lazer próprias de sujeitos que buscaram através do uso da cocaína interagir, desinibir-se, identificar-se, o que pode ser um indicativo de que a droga colaborou de certa forma, para modificar as atividades. Ainda que sejam as mesmas, tais atividades passaram a ser vivenciadas de maneira diferente, provavelmente para poder contemplar determinados aspectos da vida social dos entrevistados que não eram satisfatórios antes da presença da droga.

O uso concomitante de outras drogas também aparece como fator importante para compreensão do contexto do uso da cocaína. Considerando ser superior a presença do álcool e do tabaco em relação às outras drogas, é preciso levantar o aspecto da legalidade de ambas (tanto tabaco quanto álcool), como possivelmente um dos fatores que impulsiona a propagação deste uso. Conseqüentemente, se o uso de tabaco e álcool pode ser entendido como “facilitador” ou ainda como estimulante para o uso de uma nova droga, pode-se afirmar que a legalidade de determinadas drogas implica na facilitação do processo de experimentação e uso de novas drogas, legais ou não, como por exemplo, a cocaína. Cabe lembrar que na aplicação do ASSIST, bem como na categorização da entrevista semi-estruturada, é possível identificar dois aspectos que levam a esta conclusão: O efeito depressor do álcool, após o estágio inicial de euforia, encontra na cocaína o “parceiro perfeito” para combinação química, uma vez que a cocaína voltaria a estimular o sistema nervoso central, quando o organismo já não suporta mais a ingestão do álcool. Da mesma forma, a busca pela sensação eufórica, de atenção, de vigilância, pode ser conseguida através do álcool, mas não mantida. Quando o interesse dos sujeitos, segundo categorização das entrevistas semi-estruturadas, indica aspectos que os mesmos gostariam de modificar em seu comportamento social e interação com os membros de seu grupo, (ou do grupo cujo sujeito pretende fazer parte), como desinibição, interação, interesse sexual/afetivo, fica evidente o papel da cocaína neste contexto, enquanto estimulante químico. Salvo fatores químicos, o simples ato de usar a droga e compartilhar deste hábito com os

partícipes, também aponta para o status que se busca atingir através de uma intimidade infligida pelo compartilhamento de hábitos e costumes entre partes interessadas por uma mesma sensação, ou simulação destas sensações.

Quando indagados sobre quem seriam estes companheiros de hábitos, invariavelmente surge a palavra “amigos”, cuja incidência constante colaborou para determinar que o “amigo” em questão, não implica necessariamente em alguém cuja presença é indispensável. O que não se dispensa, é a droga. E aqueles cujo uso da droga é partilhado, são denominados amigos. Portanto, existe aqui uma ressalva em relação ao entendimento do usuário ao categorizar outros usuários, independente do tempo de convivência ou grau de intimidade, como amigos.

Outra questão verificada através dos gráficos do questionário social, é que poucos usuários entrevistados declararam fazer prática regular de esportes coletivos, estando inseridos na prática de esportes radicais em sua maioria. Isso compactua com a idéia de “transpor limites”, citada pelos entrevistados. Também colabora para a construção do perfil do sujeito desta pesquisa. Uma vez compreendidos, grande parte, em atividades individuais de lazer e compreendidos posteriormente ao início do uso da cocaína, em atividades em grupo, os entrevistados repetem este padrão ao identificarem-se imediatamente com esportes onde a cooperatividade não é direta, onde o sujeito praticante não depende diretamente de outro sujeito para prática. Logo após, declaram que as atividades de lazer praticadas em grupo, grande parte das vezes, estão relacionadas a eventos culturais, como cinema, teatro, festas e bares. Portanto, podemos entender que as atividades de lazer na maior parte das vezes, quando associadas a um grupo, tendem a ser culturais, unicamente. Já quando se trata da prática de esportes, a maior parte do grupo demonstrou optar por esportes individuais, reiterando a idéia de que ao consumir a droga, o usuário pretende *a priori*, reforçar os laços com o grupo, muito antes de destacar-se e/ou impor-se. Ao compor esta declaração, novamente identificamos o “amigo”, principalmente, como companheiro para o uso da droga nas ocasiões onde os entrevistados participam de atividades em grupo. Reforça-se a idéia da necessidade do usuário em se sentir parte integrante de um grupo.

Notadamente, este mesmo grupo onde diversos usuários interagem e se relacionam por compactuarem do uso de cocaína, (obviamente considerando que outras drogas podem compor este panorama e também podem estreitar estas ligações), concordam quando questionados sobre lugares que estimulam este uso. Ao verificar-se que as “festas particulares” surgem como principal local de reunião destes grupos, (entenda-se festas particulares por locais onde o consumo acontece em ambiente privado, sem a exposição de um local público), fica delineada outra característica deste usuário e uma importante característica de suas vivências de lazer. É possível concluir que uma vez inserido neste grupo e reconhecido como parte dele, o usuário passa a compartilhar de uma sensação de unidade coletiva. O grupo se auto-sustenta. A sensação do sujeito que compõe este grupo é de que efetivamente está inserido em um contexto onde reconhece outros sujeitos semelhantes da mesma forma como é reconhecido como tal. No entanto, é preciso lembrar que o fio condutor destas relações do grupo é, não unicamente, mas principalmente, a droga. O lazer deste grupo, e desta forma, do sujeito parte deste grupo, é semelhante às suas relações. Ocorre principalmente através de uma quantidade restrita de pessoas, cujas características socioeconômicas se parecem e cujas carências emocionais convergiram na droga como uma possibilidade de compensação.

Quando o lazer do grupo surge coletivamente em ambientes públicos, ainda assim o fio condutor das relações está normalmente atrelado a alguma possibilidade do grupo identificar enquanto coletivo, por exemplo, através da música.

Por terem características econômicas e emocionais semelhantes, (não se trata de identificar uma única característica emocional, mas sim notar que independente do histórico emocional do sujeito, todos os indivíduos do grupo buscaram novas possibilidades através da droga), pode-se afirmar que o sujeito usuário da cocaína vivencia o seu lazer principalmente, culturalmente, tanto quando parte do grupo como quando sozinho. Os entrevistados têm acesso à informação através dos meios mais modernos, portanto, o uso não pode ser justificado, ao menos no grupo deste estudo, por desinformação. É possível inclusive afirmar que esta informação, quando mal conduzida, (como dito anteriormente a escolaridade dos pais é inferior a dos

entrevistados, o que pode limitar o diálogo e o entendimento entre pais e usuários), pode estimular o uso.

O álcool é a primeira droga utilizada pela maior parte dos entrevistados em situações familiares, em boa parte dos casos. Portanto, muitas vezes, os pais partilham desta primeira experiência, no entanto sem intervir no sentido de informar, e não proibir. Os excessos são condenados, mas não parecem serem alvos de diálogo e debate entre pais e filhos, na maior parte dos casos. Os entrevistados declararam que, ainda que tenham feito uso do álcool enquanto primeira droga, experimentada em situações familiares, este consumo raramente se deu na presença dos pais, no entanto aconteceu algumas vezes na presença de parentes.

Quando indagados sobre os motivos pelos quais a cocaína surgiu como alternativa de lazer, os entrevistados declararam principalmente a curiosidade aflorada pelo conhecimento de pessoas próximas que já faziam o uso de cocaína. Esta afirmação compactua com a idéia de um coletivo que surge e se mantém através da presença da droga. Quando declaram como individual este interesse, outros interesses estão somados a este consumo individual. Alguns sujeitos citam inclusive, motivos estéticos para o uso da droga, uma vez que é sabido que o usuário contumaz de cocaína tende ao emagrecimento, já que a cocaína tem como propriedade ser um estimulante.

A aplicação do formulário ASSIST, acresceu alguns dados aos supracitados. O álcool e o tabaco surgiram como drogas combinadas ao uso da cocaína em grande parte dos casos. A incidência do uso de álcool, segundo resposta dos entrevistados, é maior do que o uso da cocaína. Desta forma, configura-se um interessante quadro: Os usuários entrevistados afirmaram que estar coletivamente em festas particulares, bares e shows, (e isso pressupõe o consumo de álcool), bem como declararam em sua maioria que o álcool foi à primeira droga que os sujeitos experimentaram, estimula o consumo de cocaína. Portanto, uma droga legalizada, cujo comprometimento dos sujeitos entrevistados neste estudo, é maior que o comprometimento em relação à cocaína, é identificada pelos usuários como um dos principais fatores de estímulo ao uso de cocaína. Também foi possível identificar, segundo o mesmo instrumento (ASSIST), que raras outras drogas surgem em combinação ao uso de cocaína e álcool,

que não o tabaco, outra droga legalizada. Desta forma sabemos que o usuário de cocaína prima por beber, fumar e usar cocaína, quando está com seu grupo de amigos ou individualmente. No entanto, segundo respostas dos sujeitos para o questionário social, o uso de coca raramente se dá individualmente. Portanto, quando em um grupo onde grande parte dos “amigos” fumam e bebem, tanto usuário quanto grupo encontram a motivação para o consumo da cocaína, uma vez que anteriormente a esta droga, já estão partilhando outros hábitos, como beber e fumar.

O significado de lazer dos entrevistados é bastante restrito quando comparado às possibilidades e ao entendimento de lazer encontrado na literatura específica da área. A maior incidência para compreensão de lazer dos sujeitos está no contraponto do trabalho *versus* lazer. O lazer é entendido por grande parte dos sujeitos como oposição à obrigação cotidiana, que na faixa etária dos entrevistados é principalmente o trabalho. Ainda assim, alguns sujeitos conseguiram identificar neste lazer (no entanto sem descartar esta relação de oposição às obrigações), a possibilidade de interação, formação de grupos com identidades e gostos semelhantes e também como mérito para a dedicação ao trabalho. No entanto, a idéia de oposição ao que se faz por prazer oposto ao que se faz por obrigação está sempre presente, nas declarações dos sujeitos.

Ainda assim, alguns sujeitos, quando questionados sobre como vivenciam esse tempo de lazer, conseguiram fragmentar este “prazer”, “mérito” ou “interação” como compromisso ou escolha. A escolha visivelmente está pautada em ações mais próprias do entendimento de ócio encontrado na literatura do lazer, do que no entendimento de lazer propriamente dito. Os sujeitos demonstraram que suas escolhas de lazer, quando individuais ou coletivas, porém ainda assim, sem a interferência de compromissos, são configuradas em extremos. Individualmente os sujeitos parecem escolher ações que apontam para a ociosidade, no entanto coletivamente os entrevistados escolhem atividades em ambientes públicos, como festas, churrascos, bares, “baladas”, etc. No entanto, tais questionamentos não contemplaram, no momento da aplicação, a presença da cocaína. É visível que os entrevistados responderam ao questionamento sobre vivências de lazer muitas vezes idealizando um lazer que, como demonstrado anteriormente nesta análise, apesar de coletivo, escolhe ser privado ao grupo que

compactua do uso de cocaína. Portanto, o lazer citado como em grupo e em ambiente público pelos sujeitos, não é o lazer efetivamente vivenciado após a presença da cocaína nas vivências do indivíduo. Os entrevistados afirmaram anteriormente não terem notado mudanças nas práticas de lazer após o início do consumo de cocaína, porém ainda que as atividades incluam um grupo, elas são restritas a este determinado grupo de usuários. Quando os sujeitos identificam vivências de lazer compromissadas a presença de familiares ou de situações onde a droga não parece figurar como possibilidade, (como atividades esportivas ou festas familiares), fica claro que o uso de cocaína, para este sujeito, é um descompromisso, uma fuga ou um distanciamento daquilo que o usuário faz por obrigação. Desta forma, a associação que o usuário faz da droga, está diretamente ligado a momentos de prazer.

O espaço da droga para o usuário é nitidamente, o espaço entendido por este sujeito como de lazer. O uso de cocaína favorece, segundo os entrevistados, possibilidades de potencialização dos “prazeres” associados as suas necessidades de lazer. Este indivíduo costuma pretender se desinibir, interagir, se autoafirmar, conquistar, ser reconhecido, sentir-se parte, criar laços de um habito coletivo para estreitar vínculos e muitas vezes testar seus limites. Estas necessidades são parte de um ritual onde os indivíduos buscam sensações que não consegue perceber em outras vivências. Isso pode ser determinante para a recorrente fragmentação de lazer *versus* trabalho. Portanto a droga é um antídoto, uma forma de, ao menos nos momentos onde tais sujeitos entendem estar fazendo escolhas próprias, privilegiar o prazer acima de tudo. A droga então é viabilizadora deste privilégio.

Poucos usuários afirmam usar a droga cotidianamente, o que colabora ainda mais para afirmação de que a droga realmente está atrelada ao entendimento de lazer do usuário. No entanto, ainda que de forma latente, a droga cumpre outros papéis que não apenas o do prazer associado ao lazer. A droga aparece associada ao alívio do estresse e a produtividade, questões reconhecidamente cotidianas e associadas ao trabalho. Ainda que a maior parte dos entrevistados negue o uso cotidiano da droga, a “indicação” do uso de alguns entrevistados aponta para um uso cotidiano que está diretamente ligado ao trabalho. Desta forma, a droga está associada ao lazer, ao cotidiano, ao coletivo e ao indivíduo, que quer ser reconhecido por determinado grupo,

que quer ser produtivo, que quer sentir mais prazer. É para o sujeito, a fórmula de uma realidade alterada instantaneamente. Prazer imediato, alívio imediato.

5. Conclusões

O perfil do usuário de cocaína delineado pelo estudo não é marginal, tampouco pobre e carente financeiramente. Este indivíduo tem acesso a diferentes opções de lazer, tem acesso a tecnologias, trabalha e estuda. Também compartilha interesses com parceiros, se relaciona afetivamente, possui pai e mãe bastante presentes, muitas vezes provedores, ainda que todos os sujeitos entrevistados sejam maiores de idade.

E ao apontarmos a maioridade, estamos falando de um sujeito que claramente tem adiado sua vida adulta, porque ainda privilegia a liberdade de sentir-se jovem e a possibilidade de tramitar entre o acesso às coisas adultas sem as responsabilidades e preocupações de um adulto.

Da mesma forma, o lazer vivenciado por estes sujeitos se delinea perpassando essa aparente isenção de responsabilidade, porque é um lazer em sua maior parte, vivenciado, segundo os próprios entrevistados, de forma descompromissada e buscando o prazer efêmero, rápido, como um alívio imediato.

Seguindo este raciocínio, é possível acreditar que são então, os sujeitos, àqueles cuja presença da droga se justifica. Porque suas necessidades, as necessidades dos sujeitos, estão concomitantemente atreladas à eterna juventude e à busca do prazer instantâneo. Como se este usuário construísse convicções baseado em motivações artificialmente produzidas. No entanto é preciso lembrar que da mesma forma que este indivíduo constrói, enquanto ator, ele se compõe porque, ainda que não se sinta parte de um todo, faz parte de um ambiente compartilhado, rico em significantes que também o constroem. Portanto este sujeito que constrói sua identidade através das drogas, é construído por uma sociedade que aponta como devem ser e agir tais sujeitos.

A busca por estar enquadrado nesta sociedade, pois afinal é nela que o usuário se insere, pode não compactuar com as verdades cotidianas do sujeito em seu ambiente familiar, trabalho, relações, com si mesmo. Tais conflitos são necessários, é sabido, para formação da identidade da pessoa, individual e coletivamente. Mas a urgência e a “descartabilidade” das coisas e dos homens que vivem nesta sociedade tecnológica e contemporânea, denota certa urgência neste exercício de adaptação. Portanto ou este sujeito é e está como se quer, hoje, ou não haverá mais tempo.

Também é preciso considerar que a característica desta sociedade é ser ágil, dinâmica, global. E da mesma forma com que esta característica faz desta sociedade um espaço que privilegia estar conectado o momento que quiser ao que quer que seja, também parece estabelecer que os sujeitos precisam sobrepor-se, reinventar-se, freneticamente.

Por estar inserido nesta sociedade e ser vivenciado por indivíduos que tem o “dever” subliminarmente imposto de ser sempre mais do que são, o lazer inevitavelmente, contrai tais características. Também é efêmero, passageiro, descartável e precisa ser global, moderno, tecnológico, de feito rápido, semelhante à demanda da sociedade onde se dá.

Não é um exercício fácil o proposto pela modernidade aos sujeitos que tramitam entre aspirações reais e criadas, vontades reais e infligidas, independente deste sujeito aparentemente estar compondo suas relações em um ambiente familiar saudável e considerado normal. Normalidade esta, padronizada pela moral discursada em crenças religiosas, escolas engessadas, feita *para as massas e não pelas massas*³¹.

A regra parece não surtir efeito, quando é possível observar os indivíduos que buscam na droga sua felicidade imposta. Como foi possível observar por diversas vezes no estudo, este sujeito que flerta com a cocaína para poder relacionar-se com o mundo, é para o mundo aquilo que a sociedade entende que ele deva ser: produtivo, ativo socialmente, educados formalmente e com possibilidades de sucesso futuro construídas através de sua participação e enquadramento ao que foi normatizado como necessário para ser feliz.

Desta forma, emerge uma questão de difícil resposta: Onde está o indivíduo nesta sociedade? O indivíduo sujeito único, como as escolas proclamam em aulas de ensino religioso, ciências e outras disciplinas que usam o homem biológico para tentar explicar o homem social.

A questão da droga no tempo de lazer é uma questão social, que se desdobra através de sujeitos cuja individualidade foi ferida por esta sociedade normatizante.

³¹ Créditos a conceitualização frankfurtiana encontrada na Teoria Crítica, na descrição do conceito de Indústria Cultural, por T.W. Adorno.

A questão da educação pelo lazer e para o lazer nas escolas e em outros ambientes onde este lazer se representa, pode colaborar para amenizar a profundidade do problema das drogas, porém não irá solucioná-lo, uma vez que o contexto onde este lazer surge, é criado e vivenciado, está contaminado por vontades e necessidades criadas. No entanto, essas necessidades outrora sugestionadas, podem ter passado a serem realmente necessidades que o sujeito sente e quer realizar para poder sentir-se pleno e feliz. A educação para e pelo o lazer deve acontecer em todos os recortes, formais e informais, nas escolas e em casa, porque são estes ambientes também construídos por idéias e ideais de outros indivíduos muitas vezes tomados pelas mesmas dúvidas dos usuários de droga.

A droga é um desdobramento, uma manifestação, uma materialização das incertezas tão condenadas pela sociedade que só dá chance a sujeitos prontos, certos e neutros.

É preciso lembrar que historicamente, nada se construiu na neutralidade, nada aconteceu porque as partes envolvidas em questões decisórias para a humanidade deram as mãos e entenderam trilhar o caminho menos complicado ou o mais pacífico.

Também não se trata de atacar e ferir. O exercício a ser feito é o de educar para a criticidade construtiva. E que essa educação se dê no lazer, porque o lazer deve perpassar o cotidiano, mas também pode ser espaço exclusivo de prazer. O que é preciso aceitar nos sujeitos é que não há obrigatoriedade na felicidade cotidiana nem em tudo que se faz. O lazer pode ser para determinada pessoa uma vivência cotidiana, porém pode também, ser escolhido para ser vivenciado em determinado momento. Ainda assim, ambos serão *lazer*. Portanto o que deve ser privilegiado na questão do lazer é a qualidade da vivência, é não a categorização deste lazer. Como será possível educar através do lazer se este lazer insiste em normatizar-se, assim como a sociedade onde ele é vivenciado?

O problema químico da droga é incontestável, no entanto este mesmo fato químico existente no uso da cocaína existe no uso de medicamentos, nos excessos em relação à bebida e cigarros, na compensação das frustrações através de vícios alimentares. Quaisquer sejam os excessos, ou a intensidade destes excessos, existem riscos evidentes. A droga, no entanto, perpassa outras facetas de um problema que,

muito além da preocupação dos poderes com o povo, vai de encontro às preocupações dos poderes com a manutenção do próprio poder. A droga foi condenada, a princípio, porque surgiu como instrumento de contestação. Era através da droga “ideológica” que a geração Beat³² contestava. Buscava por uma liberdade atacada pela necessidade de conter o povo para manutenção do poder. E da mesma forma que a questão da droga ganhou novos olhares, porque cada vez mais estudiosos passaram a apontar para as implicações do uso de entorpecentes na saúde do usuário, a abordagem do estado para a questão das drogas também privilegiou o higienismo, pois passou a desviar a atenção dos cidadãos para a questão da saúde. No entanto a questão das drogas só existe porque ela começa muito antes do problema de saúde. O problema da saúde pública é consequência do uso, não a causa. Como aplacar a manifestação de um problema através da consequência e não da causa?

Cidadãos doentes são custosos para o estado, economicamente falando. Mas cidadãos doentes não interferem na manutenção do poder, porque estão demasiado comprometidos com sua saúde para privilegiar direitos que tem enquanto indivíduo, para pleitear ações do governo no sentido de trabalhar em prol das necessidades dos cidadãos.

A manutenção desta apatia política faz parte da educação dos cidadãos deste país. É hereditária, salvo raras exceções. E esta apatia é particularmente um dos componentes que viabilizam a entrada das drogas na vida dos indivíduos. Porque não há debate entre os familiares, porque não há nada a ser debatido. O que se quer dos filhos está dado e pré-concebido pela sociedade, independente das aspirações do sujeito. Porque não há incentivo para o questionamento na educação formal, apenas para reprodução daquilo que se pretende que o estudante saiba. Não há espaço para reflexão, porque a sociedade precisa urgentemente de sujeitos prontos para agir, independente da ação que se pretenda.

O lazer também é pretendido, portanto, pela sociedade. Pretende-se que o lazer seja, na literatura, crítico, criativo e engajado. Que perpassse todos os momentos da

³² Consultar nota de rodapé 17.

vida do indivíduo. Porém a sociedade e o grupo de convívio dizem que o lazer do sujeito que está em conformidade com os bem-sucedidos sociais e aceitos no grupo, é caro, excêntrico, limítrofe. Lazer que todos têm acesso, independente de raça, cor, gênero e condição social, são lazeres menores, dispensáveis.

O uso da cocaína é uma espécie de ritual de aceitação e passagem. Concordar em usar uma droga cujo poder viciante e cuja possibilidade de morte (devido a excessos ou a um histórico de abuso em relação ao consumo) são constantes, significa que estar no grupo pode significar mais do que a própria vida, porque talvez a própria vida seja tão previsível, automatizada e constante, que seja passível de se por em risco. E este risco denota sentido a esta vida. Possibilita provar-se vivo, uma vez que socialmente o que se espera do sujeito é que viva de acordo com as regras, e não da maneira que se deseja viver.

Porque então, não buscar este sentido, esta aceitação, através de outras possibilidades? Porque através da droga e não através do esporte, da ciência, da música?

Porque ainda que através de quaisquer outros caminhos escolhidos, sempre haverá um momento, e esta é a sensação do sujeito que faz uso da droga, em que o indivíduo terá que privilegiar o coletivo, em detrimento do indivíduo. E este é outro árduo exercício, porque o indivíduo quer fazer parte de um grupo com afinidades e aspirações comuns e quer se manter único.

A tríade se repete. O núcleo do problema da droga é a necessidade de um sujeito de participar sem se anular. E a droga parece simular um estado das coisas onde este sujeito se sente parte de algo grande sem se anular uma vez que decidiu usar a droga, escolheu isso. O sujeito que usa a cocaína neste estudo, sabe dos problemas acerca do uso e muitas vezes parece estar no controle de seu relacionamento com a droga. No entanto, ainda que possa decidir quando, como e com quem irá consumir cocaína, não pode controlar, (até porque normalmente desconhece a causa de suas frustrações), suas necessidades, seus medos e anseios, pois não foi educado para isso. Foi educado para enquadrar-se e esforçar-se o máximo para isso.

A droga é a busca pelo prazer que não se encontra nas tarefas diárias, em família ou em outros grupos cuja cocaína não faz parte dos hábitos de seus partícipes.

Este prazer não está nesses lugares porque invariavelmente a composição destes grupos se faz pautada em tradições cujos desvios, as diferenças, as exceções, não são bem vindos. A proposta de, através do lazer, educar o sujeito para que ele possa exercer um papel social efetivo, deve ser considerada, porém é preciso conduzir a realidade deste lazer perpassando a realidade das sociedades. O sujeito, usuário de cocaína, bem como de outras drogas, tramita entre ser o sujeito social e ser o sujeito individual. Quando se pensa em educar para e pelo o lazer, sabendo que a droga encontra neste lazer espaço para esta catarse (a droga é catarse, porque é facilitadora da manifestação dos anseios do indivíduo), é preciso pensar então, em educar para um lazer que pode ser engajado ou não, pode ser crítico ou não, pode ser compromissado ou não. Porque ao privilegiar ambas possibilidades, em diversas esferas do lazer, educa-se para a compreensão de que a sociedade só se faz viável através das diferenças entre os sujeitos, que voltam a se construir cotidianamente e consequentemente, a construir cotidianamente a sociedade em que vivem.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALVES, R. **Caracterização dos adolescentes internados por álcool e outras drogas na cidade de Curitiba**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR, 2001.

AMARAL, A. **Cyberpunk e pós-modernismo.**, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/amaral-adriana-cyberpunk-posmordenismo.pdf>>. Acesso em 06 de janeiro de 2011.

ATKINSON, F.; FLINT, J. **Accessing Hidden and Hard-to-Reach Populations: Snowball Research Strategies**. Department of Sociology: University of Surrey, United Kingdom, 2001. Disponível em: < <http://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU33.pdf>>. Acesso em 07 de janeiro de 2011.

BAHLS, F.C. & BAHLS, S.C. **Cocaína: origens, passado e presente**. Interação em Psicologia. Curitiba, PR: 2002, 6(2), p. 177-181.

BALLONE, G. J. Dependência Química. In: PsiqWeb, (2003). Disponível em <<http://sites.uol.com.br/gballone/psicossomatica/drogas.html>>. Acesso em 17 de maio de 2011.

BAPTISTA, L.V. **Territórios lúdicos (e o que torna lúdico um território): Ensaio um ponto de partida**. Atas do Vº Congresso Português de Sociologia, Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção: Universidade do Minho - Campus Gualtar, Braga, Portugal: 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

BATISTA, N. A penalização do prazer In: SABINA, Maria (Org.) **Maconha em debate**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1995.

BAUER, M.W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. In: Bauer, M.W., Gaskell, G: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático: Petrópolis, R.J.: Vozes; 2002, 3ª ed., p.189-217.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais: os pólos da prática metodológica**. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1982.

BUCHER, R. **A Função da Droga no (Dis) Funcionamento Social**. In: Drogas e Sociedade nos Tempos da AIDS. Brasília: UnB, 1996. p. 45-62.

BUCHER, R. (1989). **Visão Histórica e Antropológica das Drogas**. In: Bucher, R. (Org.), Prevenção ao Uso Indevido de Drogas (vol. 2, pp. 17-30). Brasília: Universidade de Brasília.

BUENO, A.; GÓES, F. **O que é a Geração Beat**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003.

BURNS, E.J. **Freud, Cocaína e a sua Noiva**, (2002). Disponível em <<http://www.rubedo.psc.br/artigosb/frdcocai.htm>>. Acesso em 06 de janeiro de 2011.

BUZZI, C. (1993). **Transgressão, desvio e droga**. In: Peralva, A.T.; Sposito, M.P. Juventude e Contemporaneidade - Revista Brasileira de Educação, São Paulo, S.P.: ANPEd, 1998, p. 167-179. Edição Especial, Mai/Dez 1997, nº 5 e 6.

CAILLOIS, R. **Os Jogos e Homens: A máscara e a vertigem**. Tradução José Garcez Palha. Lisboa: Ed. Cotovia, 1990.

CAMPOS, C.J.G. **Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde**. In: Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, D.F.: 57(5), p. 611-614, set-out/2004.

CANCLINI, N.G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

CARLINI, E.A.; GALDURÓZ, J.C.F.; NOTO, A.R. & NAPPO, A.S. **Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país – 2001**. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), S.P., 2001.

CARLINI, E.A.; NOTO, A.R.; GALDURÓZ, J.C. F & NAPPO, A.S. **Visão histórica sobre o uso de drogas: passado e presente**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria: Rio de Janeiro e São Paulo, 1996, 45(4), p. 227-236.

CARNEIRO, B.H.S. **A vertigem dos venenos elegantes [tese]**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.

CARVALHO, V.A.; CARLINI-COTRIM, B. **Atividades extra-curriculares e prevenção ao abuso de drogas: uma questão polêmica**. In: Revista de Saude Pública, São Paulo, S.P.: vol. 26, nº 3, junho/1992.

CASTAÑO, G.A. **Cocaínas fumables en Latinoamérica.** In: Adicciones, Colômbia: vol.12, nº 4, p. 541-550, 2000.

CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, 2009. **Folhetos sobre Drogas: Cocaína.** Disponível em <<http://200.144.91.102/cebridweb/default.aspx>>. Acesso em 16 novembro de 2009.

CEREGNATO, R.C.A.; MUTTI, R. **Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo.** In: Texto Contexto Enferm., Florianópolis, S.C.: 2006, vol.15, nº4, p. 679-684.

COSTA, A.M.N. **O Campo da Pesquisa Qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS).** Psicologia, Reflexão e Crítica: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, R.S., 2007. nº1, vol. 20, p. 65-73.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999, p. 114.

DE GRAZIA, S. **Tiempo, trabajo y ocio.** Madrid: Tecnos, 1966.

DESLANDES, S.F.; MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** Petrópolis, R.J.: Vozes, 2008, 27ª ed.

DUALIB, L.B., RIBEIRO, M., LARANJEIRA, R. **Profile of cocaine and crack users in Brazil.** Cad. Saúde Pública: Rio de Janeiro, R.J., 2008. 24 (supl.).

DUMAZEDIER, J. **As drogas e a revolução social do lazer.** In: Licere, v.6, n.2, p. 11-16, Belo Horizonte, M.G., 2003.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador – Uma História dos Costumes (vol. 1)**. Rio de Janeiro, R.J.: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, N. **The Civilizing Process: Sociogenetic and Psychogenetic investigations**. Massachusetts: Blackwell, 2000.

ESPINHEIRA, C. G. D. **Os tempos e os espaços das drogas**. In: Tavares, L.A.; Almeida, A.R.B.; Filho, A.N. (Org.). *Drogas: tempos, lugares e olhares sobre o seu consumo*. Salvador, Bahia: EDUFBA, 2004, p. 11-26.

FERREIRA, P.E.M.; MARTIN, R.K. **Cocaína: lendas, histórias e abuso**. *Revista Brasileira de Psiquiatria*: São Paulo, SP. Jun / 2001, vol. 23, nº 2, p. 96-99.

FONTANELLA, B.J.B.; RICAS, J.; TURATO, E.R. **Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas**. *Cadernos de Saúde Pública*: Rio de Janeiro, R.J. Jan / 2008, vol. 24, nº 1, p. 17-27.

GEBARA, A. **Sociologia Configuracional: as emoções e o lazer**. In: Brunhs, H.T.: *Lazer e Ciências Sociais: Diálogos Pertinentes*. São Paulo, S.P.: Chronos, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1989.

GIACOMELLO, S.L.; REIS, H.H.B. **A Busca da Excitação no lazer**. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador – Tecnologia e Civilização: Ponta Gossa, P.R., 2005.

GOMIDE, P.I.C.; PINSKY, I. **A Influência da Mídia e o uso das Drogas na Adolescência**. In: PINSKY, I.; BOSSA, M.A. (Org.). *Adolescência e drogas*, São Paulo, SP: Contexto, 2004, p. 54-67.

GOODMAN, L., 1961. **Snowball Sampling**. *Annals of Mathematical Statistics*: University of Chicago, nº 1, vol. 32, p.148-170.

GURFINKEL, D. **O episódio de Freud com a cocaína: o médico e o monstro.** In: Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental: São Paulo, v. 11, nº 3, p. 420-436, setembro/2008.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo.** In: Educação & Realidade: Porto Alegre, v. 22 , nº 2, p. 15-46, jul/dez 1997.

KANT, I. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes.** São Paulo, S.P.: Editora Abril, Coleção: Os Pensadores, 1973.

KARCH, S.B. **Celebrity drug endorsements.** In: Karch S.B.: A brief history of cocaine. Boca Raton: CRC Press, 1998.

KHEL, M.R. **A juventude como sintoma da cultura.** In: Outro Olhar, Belo Horizonte, M.G.: ano V, nº 6, novembro/2007, p. 44-55.

KON, A. **Economia Industrial.** São Paulo, S.P: Nobel, 1999.

LA MENDOLA, S. **O sentido do risco.** Tradução de Norberto Luiz Guarinello, (2005). Publicação Original. In: Diamanti, I. (Org.). A geração invisível. Milão: Il sole 24 Ore, 1999.

LANDINI, T.S. **A Sociologia Processual de Norbert Elias.** IX Simpósio Internacional Processo Civilizador – Tecnologia e Civilização: Ponta Gossa, P.R., 2005.

LE BRETON, D. **Condutas de Risco: Dos jogos de morte ao jogo de viver.** Campinas, S.P.: Autores Associados, 2009.

LEFEBVRE, H.A. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo,S.P.: Ática, 1991.

MAC RAE, E. **Antropologia: Aspectos Sociais, Culturais e Ritualísticos**. In: Seibel, S. D. e Toscano Jr., A. Dependência de drogas, São Paulo, S.P.: Editora Atheneu, 2001, p., 25-34.

MAC RAE, E. J. B. N. **Aspectos socioculturais do uso de drogas e políticas de redução de danos**. In: XIV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2007, Rio de Janeiro. Anais de resumos e de trabalhos completos do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO. Rio de Janeiro, R.J.: ABRAPSO, 2007. v. 1.

MARCELLINO, N.C. **Estudos do Lazer - uma introdução**, Campinas, SP: Autores Associados, 1996. Coleção educação física e esportes.

MARCELLINO, N.C. **Estudo do Lazer: uma introdução**. Campinas, S.P.: Autores Associados, 2ª ed., 2000.

MARCELLINO, N.C. **Lazer e Educação**, Campinas, S.P.: Papyrus, 4ª ed., 1998.

MARCELLINO, N.C. **Algumas aproximações entre Lazer e Sociedade**. In: Animador Sociocultural: Revista Iberoamericana, v.1, nº 2, mai/ set. 2007.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio da Pesquisa Social**. IN: MINAYO, M.C.S, (org). Pesquisa Social, 28ª ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2009, p. 9-29.

MINAYO, M.C.S. **Trabalho de Campo: Contexto de observação, interação e descoberta**. IN: MINAYO, M.C.S, (org). Pesquisa Social, 28ª ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2009, p. 61-77.

NOWLIS, H. **A verdade sobre as drogas**. Rio de Janeiro: IBECC-UNESCO, 1982.

OLIVENSTEIN, C. **O não-dito das emoções**, Rio de Janeiro, R.J.: Zahar, 1989.

OLMO, R. **A face oculta da droga**. Rio de Janeiro: Revan, 1990.

PARKER, S.A. **A Sociologia do Lazer**. Rio de Janeiro, R.J.: Zanhar, 1969.

QUEIROZ, V.E. **A Questão das Drogas Ilícitas no Brasil**. Florianópolis, SC: Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

RIESMAN, D. **A multidão solitária**. São Paulo, S.P.: Perspectiva, 1975.

ROJEK, C. Deviant Leisure: **The dark side of free-time activity**. In: Jackson, E.L.; Burton, T.L. (Ed.) *Leisure Studies: prospects for the twenty-first century*. State College, Pennsylvania: Venture Publishing, 1999.

ROMERA, L.A. **Juventude, lazer e uso abusivo de álcool**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, S.P.: [s.n], 2008.

ROSZAK, T. **A contracultura**. Petrópolis: Vozes, 1972.

SANTOS, B.S., (1987). **Um Discurso sobre as Ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1998.

SCHIVELBUSCH, W. **Historia de los estimulantes**. Barcelona: Anagrama, 1995.

SILVA, P.L. **As Representações Sociais do uso de drogas entre familiares de usuários em tratamento (dissertação)**. Universidade Federal Da Bahia: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de Psicologia: Salvador, B.A., 2007.

SOUZA, M.L. **As Drogas e a "Questão Urbana" no Brasil. A dinâmica sócio-espacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos**. In: Castro,

I.E.; Gomes, P.C.C.; Corrêa, R.L. (orgs.). Brasil: Questões Atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro, R.J: Bertrand Brasil, 1996. 5ª ed., p. 419-464.

TRAD, S. Controle do uso de drogas e prevenção no Brasil: revisitando sua **trajetória para entender os desafios atuais**. In: Filho, A.N., MacRae, E., Tavares, L.A., Rêgo, M. Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas, Salvador : EDUFBA : CETAD, 2009, p. 97-112.

UNESCO – **United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization**. Disponível em <<http://www.unesco.org/pt/brasilia/>>. Acesso em 05 abril de 2010.

UNODOC Brasil e Cone Sul, 2009. **Relatório Mundial sobre Drogas**. Disponível em <http://www.unodc.org/brazil/pt/pressrelease_20080626.html>. Acesso em 16 novembro de 2009.

WHO - ASSIST Working Group. **The alcohol, smoking and substance involvement screening test (ASSIST)**: development, reliability and feasibility. *Addiction*, 2002; 97: 1183-94.

Anexos A: Questionário Social

1. Idade _____ anos.
2. Estado civil: Solteiro () Vive junto () Casado () Separado () Viúvo ()
3. Você mora com alguém? Sim () Não ()
4. Com quem? Esposa () Namorada () Pai () Mãe () outros () Quem? _____.
5. Tem filhos? Quantos? _____.
6. Grau de instrução: Estudou até a _____ série.
7. Pratica alguma religião? Sim () Não ()
8. Qual? Nenhuma () Católico() Evangélico () Espírita () Outra () _____.
9. Você trabalha? Sim () Não ()
10. Qual sua ocupação profissional? _____ Há quanto tempo? _____.
11. Quem é o chefe de sua família? _____.
12. Qual o grau de instrução do chefe da família? _____ série.
13. Qual a ocupação profissional do chefe da família? _____.
14. Qual a religião do chefe da família? _____.
15. Em que situações e momentos do dia você costuma usar cocaína? _____
_____.
16. Antes de começar usar drogas, você praticava ou não atividades de lazer? Sim () Não ()
17. Quais atividades você mais gostava? _____
_____.
18. Há quanto tempo você usa drogas? _____ ano (s).
19. Em algum tipo de atividade de lazer você se sentia incentivado a usar drogas? Sim () Não ()
20. Se sim, em quais? _____
_____.
21. Quais drogas você usava ou usa, além da cocaína? _____.
22. Com quem costumava usar drogas? _____.
23. Depois que começou usar drogas, você pratica ou não alguma atividade de lazer? Sim () Não ()
24. Se sim, quais atividades? _____
_____.
25. Você pratica alguma atividade física? Sim () Não ()
26. Se sim, quais? _____
_____.
27. Você utiliza algum meio de informação? Sim () Não ()
28. Se sim, quais? Jornal () Revista () Rádio () TV () Computador () Internet ()
29. Você já foi ou assistiu:

a.Cinema	sim () não ()	b.Baile	sim () não ()
c.Teatro	sim () não ()	d.Circo	sim () não ()
e.Clube	sim () não ()	f.Museu	sim () não ()
g.Estádio de futebol	sim () não ()	h.Biblioteca	sim () não ()
i.Apresentação de dança	sim () não ()	j.Show musical	sim () não ()
l.Orquestras e sinfônicas	sim () não ()		
30. Há quanto tempo (cite os eventos pela letra)? _____
_____.

31. Com quem (cite os eventos pela letra)? _____
_____.

32. Como você começou usar cocaína? Local, motivo, parceiros, situação _____

_____.

33. Qual foi a primeira droga que você usou? _____.

34. Onde você estava? _____

_____.

35. Com quem você estava? _____

_____.

Use o espaço abaixo para outras informações que ache necessário.

_____.

Agradecemos a colaboração.

Anexo B: ASSIT (OMS)

Atividade: _____ Data: ___/___/___

Sexo: () M () F Idade: _____ Escolaridade: _____

QUESTIONÁRIO PARA TRIAGEM DO USO DE ÁLCOOL, TABACO E OUTRAS SUBSTÂNCIAS.

1. Na sua vida qual (is) dessa (s) substâncias você já usou? (*somente uso não prescrito pelo médico*)

	NAO	SIM
a. derivados do tabaco	0	3
b. bebidas alcoólicas	0	3
c. maconha	0	3
d. cocaína, crack	0	3
e. anfetaminas ou êxtase	0	3
f. inalantes	0	3
g. hipnóticos / sedativos	0	3
h. alucinógenos	0	3
i. opióides	0	3
j. outras, especificar	0	3

- SE "NÃO" em todos os itens investigue: Nem mesmo quando estava na escola?
- Se "NÃO" em todos os itens, pare a entrevista.
- Se "SIM" para alguma droga, continue com as demais questões.

2. Durante os três últimos meses, com que frequência você utilizou essa (s) substância (s) que mencionou? (*primeira droga, depois a segunda droga, etc*).

	NUNCA	UMA OU DUAS VEZES	MENSALMENTE	SEMANALMENTE	DIARIAMENTE OU QUASE TODOS OS DIAS
a. derivados do tabaco	0	2	3	4	6
b. bebidas alcoólicas	0	2	3	4	6
c. maconha	0	2	3	4	6
d. cocaína, crack	0	2	3	4	6
e. anfetaminas ou êxtase	0	2	3	4	6
f. inalantes	0	2	3	4	6
g. hipnóticos / sedativos	0	2	3	4	6
h. alucinógenos	0	2	3	4	6
i. opióides	0	2	3	4	6
j. outras, especificar	0	2	3	4	6

- Se "NUNCA" em todos os itens da questão 2 pule para a questão 6, com outras respostas continue com as demais questões.

3. Durante os três últimos meses, com que frequência você teve um forte desejo ou urgência em consumir? (*primeira droga, segunda droga, etc*).

	NUNCA	UMA OU DUAS VEZES	MENSALMENTE	SEMANALMENTE	DIARIAMENTE OU QUASE TODOS OS DIAS
a. derivados do tabaco	0	3	4	5	6
b. bebidas alcoólicas	0	3	4	5	6
c. maconha	0	3	4	5	6
d. cocaína, crack	0	3	4	5	6
e. anfetaminas ou êxtase	0	3	4	5	6
f. inalantes	0	3	4	5	6
g. hipnóticos / sedativos	0	3	4	5	6
h. alucinógenos	0	3	4	5	6
i. opióides	0	3	4	5	6
j. outras, especificar	0	3	4	5	6

4. Durante os três últimos meses, com que frequência o seu consumo de (*primeira droga, depois a segunda droga, etc*) resultou em problema de saúde, social, legal ou financeiro?

	NUNCA	UMA OU DUAS VEZES	MENSALMENTE	SEMANALMENTE	DIARIAMENTE OU QUASE TODOS OS DIAS
a. derivados do tabaco	0	4	5	6	7
b. bebidas alcoólicas	0	4	5	6	7
c. maconha	0	4	5	6	7
d. cocaína, crack	0	4	5	6	7
e. anfetaminas ou êxtase	0	4	5	6	7
f. inalantes	0	4	5	6	7
g. hipnóticos / sedativos	0	4	5	6	7
h. alucinógenos	0	4	5	6	7
i. opióides	0	4	5	6	7
j. outras, especificar	0	4	5	6	7

POPULARES OU COMERCIAIS DAS DROGAS

- a. produtos do tabaco (cigarro, charuto, cachimbo, fumo de corda).
- b. bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, champagne, licor, pinga uísque, vodca, vermouthes, caninha, rum tequila, gim).
- c. maconha (baseado, erva, liamba, diamba, fuminho, fumo, mato, bagulho, pango, manga-rosa, massa, haxixe, skank, etc).
- d. cocaína, crack (coca, pó, branquinha, nuvem, farinha, neve, pedra, caximbo, brilho).
- e. estimulantes como anfetaminas (bolinhas, rebites, bifetamina, moderine, MDMA).
- f. inalantes (solventes, cola de sapateiro, tinta, esmalte, corretivo, verniz, tinner, clorofórmio, tolueno, gasolina, éter, lança perfume, cheirinho da loló).
- g. hipnóticos, sedativos (ansiolíticos, tranqüilizantes, barbitúricos, fenobarbital, pentobarbital, benzodiazepínicos, diazepam).
- h. alucinógenos (LSD, chá-de-lírio, ácido, passaporte, mesalina, peiote, cacto).
- i. opiáceos (morfina, codeína, ópio, heroína elixir, metadona)
- j. outras – especificar.

5. Durante os três últimos meses, com que frequência, por causa do seu uso de (*primeira droga, depois a segunda droga, etc*), você deixou de fazer coisas que eram normalmente esperadas de você?

	NUNCA	UMA OU DUAS VEZES	MENSALMENTE	SEMANALMENTE	DIARIAMENTE OU QUASE TODOS OS DIAS
a. derivados do tabaco	0	5	6	7	8
b. bebidas alcoólicas	0	5	6	7	8
c. maconha	0	5	6	7	8
d. cocaína, crack	0	5	6	7	8
e. anfetaminas ou êxtase	0	5	6	7	8
f. inalantes	0	5	6	7	8
g. hipnóticos / sedativos	0	5	6	7	8
h. alucinógenos	0	5	6	7	8
i. opióides	0	5	6	7	8
j. outras, especificar	0	5	6	7	8

• FAÇA as questões 6 e 7 para todas as substâncias mencionadas na questão 1.

6. Há amigos, parentes ou outra pessoa que tenha demonstrado preocupação com seu uso de (*primeira droga, depois a segunda droga, etc...*)?

	NÃO, NUNCA	SIM, NOS ÚLTIMOS 3 MESES	SIM, MAS NÃO NOS ÚLTIMOS 3 MESES
a. derivados do tabaco	0	6	3
b. bebidas alcoólicas	0	6	3
c. maconha	0	6	3
d. cocaína, crack	0	6	3
e. anfetaminas ou êxtase	0	6	3
f. inalantes	0	6	3
g. hipnóticos / sedativos	0	6	3
h. alucinógenos	0	6	3
i. opióides	0	6	3
j. outras, especificar	0	6	3

7. Alguma vez você já tentou controlar, diminuir ou parar o uso de (*primeira droga, depois a segunda droga, etc...*) e não conseguiu?

	NÃO, NUNCA	SIM, NOS ÚLTIMOS 3 MESES	SIM, MAS NÃO NOS ÚLTIMOS 3 MESES
a. derivados do tabaco	0	6	3
b. bebidas alcoólicas	0	6	3
c. maconha	0	6	3
d. cocaína, crack	0	6	3
e. anfetaminas ou êxtase	0	6	3
f. inalantes	0	6	3
g. hipnóticos / sedativos	0	6	3
h. alucinógenos	0	6	3
i. opióides	0	6	3
j. outras, especificar	0	6	3

8- Alguma vez você já usou drogas por injeção? (Apenas uso não médico).

NÃO, NUNCA	SIM, NOS ÚLTIMOS 3 MESES	SIM, MAS NÃO NOS ÚLTIMOS 3 MESES

PONTUAÇÃO PARA CADA DROGA

	Anote a pontuação para cada droga. Questões 2, 3, 4, 5, 6 e 7	Nenhuma Intervenção	Receber Intervenção em breve	Encaminhar para tratamento mais Intensivo
Tabaco		0-3	4-26	27 ou mais
Alcool		0-10	11-26	27 ou mais
Maconha		0-3	4-26	27 ou mais
Cocaína		0-3	4-26	27 ou mais
Estimulantes tipo Anfetamina		0-3	4-26	27 ou mais
Inalantes		0-3	4-26	27 ou mais
Hipnóticos, Sedativos		0-3	4-26	27 ou mais
Alucinógenos		0-3	4-26	27 ou mais
Opióides		0-3	4-26	27 ou mais

Nome: _____

Endereço: _____ CEP: _____

Telefone: _____ E-mail: _____

Anexo C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

“Lazer e uso de drogas ilícitas: um diálogo com usuários de cocaína”

Esta pesquisa, coordenada pela pesquisadora Daniella Marchese, tem por objetivo conhecer melhor os hábitos de lazer e ocupação do tempo por parte do usuário de cocaína em seu convívio social. Para que os objetivos do estudo sejam atingidos é necessária a aplicação de questionários e entrevistas junto aos usuários.

Este documento está impresso em duas vias, sendo que uma ficará com o pesquisador responsável e outra será entregue ao participante. Informe que:

A qualquer momento poderá buscar junto ao Pesquisador Responsável esclarecimentos quanto ao objetivo da pesquisa e relativos ao método e/ou quaisquer outras dúvidas que surgirem durante as sessões;

As entrevistas serão registradas em questionário, gravação e posteriormente citadas no corpo do trabalho, portanto, solicito sua autorização para a divulgação do conteúdo de sua entrevista, que muito contribuirá para a realização desse trabalho.

Caso concorde em participar de estudo, sua identidade e os dados coletados serão mantidos em sigilo, sendo os mesmos utilizados somente para o desenvolvimento da pesquisa, mantendo-se a confiabilidade e a privacidade dos sujeitos;

Os voluntários da pesquisa poderão se recusar a continuar a participar da pesquisa e retirar seu consentimento em qualquer fase da mesma;

Não existem riscos previsíveis para a participação na pesquisa. Entretanto, serão tomados todos os cuidados éticos no sentido de se evitar qualquer tipo de exposição desnecessária na condução da pesquisa, assim como será garantido o direito de obter indenização, caso essa garantia seja violada;

Não haverá gastos decorrentes da pesquisa para os entrevistados e que os resultados serão utilizados apenas para fins científicos.

Os dados desta pesquisa poderão beneficiar os sujeitos pesquisados de forma indireta, uma vez que os resultados alcançados poderão subsidiar futuras políticas de prevenção ao uso abusivo de drogas assim como políticas de lazer.



Profª. Daniella Marchese

Pesquisadora Responsável (Fone para contato: (19) 35233698/ Celular: (19) 97951766)

Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, _____

R.G. _____, abaixo assinado, concordo voluntariamente em participar do estudo “Lazer e cocaína no convívio social”, declaro ainda que fui devidamente informado e esclarecido pelo Pesquisador Responsável sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data: _____, ____/____/____.

Endereço: _____.

Assinatura: _____

DECLARAÇÃO DE IDENTIDADE DE CONTEÚDO

Eu GUANIS DE BARROS VILELA JUNIOR ,
declaro que o projeto de pesquisa LAZER E USO DE DROGAS
ILÍCITAS: UM DIÁLOGO COM USUÁRIOS DE COCAÍNA do qual
sou pesquisador responsável, aqui apresentado para obtenção de parecer do
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNIMEP), possui conteúdo idêntico ao
projeto de mesmo título apresentado à(o) CAPES - COMITÊ DE
APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR para
obtenção de apoio financeiro para a sua execução. Através desta também
me comprometo a comunicar ao CEP-UNIMEP quaisquer modificações ou
interrupção da proposta do projeto, ora apresentada, que aconteçam
durante seu julgamento.

Piracicaba, 13 de ABRIL de 2010




(Assinatura)

 GUANIS DE BARROS VILELA JUNIOR

(Nome)

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1-Projeto de Pesquisa: Lazer e uso de Drogas Ilícitas: Um diálogo com Usuários de Cocaína				
2-Área do Conhecimento: (conforme relação no verso): Ciências da Saúde		3.Código: 4.09	4.Nível: (Só áreas do Conhecimento 2 a 4) N	
5. Áreas Temática(s) Especial (s) (Ver fluxograma no verso) N		6.Código(s): N	7.Fase:(Só área temática 3) N I () II () III () IV ()	
8.Unitermos: (3 opções) Lazer, Drogas, Sociedade.				
SUJEITOS DA PESQUISA				
9. Número de sujeitos Nº -Centro: 15 a 20 Total: nº máx. 25		10. Grupos Especiais: < 18 anos () Portador de Deficiência Mental () Embrão/Feto () Relação de Dependência (Estudantes, Militares, Presidiários, etc) () Outros () Não se aplica (X)		
PESQUISADOR RESPONSÁVEL				
11. Nome: Guanis de Barros Vilela Junior				
12..Identidade: 9597561		13.CPF: 068897158-02	19.Endereço: (Rua, nº): Rodovia do Açúcar, km 156	
14.Nacionalidade: Brasileira	15.Profissão: Professor	20.CEP 13400-911	21.Cidade: Piracicaba	22.U.F. São Paulo
16.Maior Titulação: Doutor	17.Cargo: Professor	23.Fone: 19/31241515	24 Fax: ***	
18. Instituição a que pertence: Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP/Taquaral			25. E.mail: guanis@gmail.com	
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas Complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Data: <u>13</u> / <u>04</u> / <u>2010</u> Assinatura: 				
INSTITUIÇÃO ONDE SERÁ REALIZADO				
26.Nome: UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba		29.Endereço(Rua, nº): Rodovia do Açúcar, km 156		
27.Unidade/órgão Campus Taquaral – FACIS / Faculdade de Ciências da Saúde		30.CEP: 13400-911	31.Cidade: Piracicaba	32.U.F. São Paulo
28. Participação Estrangeira: Sim () Não (X)		33.Fone: 19/31241515	34. Fax:***	
35..Projeto Multicêntrico: Sim () Não (X) Nacional () Internacional () (Anexar a lista de todos os Centros Participantes)				
Termo de Compromisso: (do Responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução. Nome: _____ Cargo _____ Data _____ Assinatura: _____				
PATROCINADOR Não se aplica ()				
36.Nome:		39.Endereço:		
37.Responsável:		40.CEP:	41.Cidade:	42.U.F.
38.Cargo/Função:		43.Fone:		44.Fax:
COMITE DE ÉTICA EM PESQUISA – COEP				
45. Data de entrada: ____/____/____	46. Registro no CEP:	47.Conclusão. Aprovado:() Data: ____/____/____	48.Não Aprovado: () Data: ____/____/____	
49. Relatório(s) do Pesquisador Responsável previsto(s) para: ____/____/____				
Encaminho a CONEP 50. Os dados acima para registro () 51.O projeto para apreciação () 52. Data: ____/____/____		53.Coordenador/Nome _____ Assinatura	Anexar o parecer Consustanciado	
COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA				
54. Nº Expediente:	56. Data Recebimento:	57.Registro na CONEP:		
55. Processo:				
58. Observações:				

CÓDIGO – ÁREAS DO CONHECIMENTO

1-CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA

- 1.01-MATEMÁTICA
- 1.02-PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA
- 1.03-CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO
- 1.04-ASTRONOMIA
- 1.05-FÍSICA
- 1.06-QUÍMICA
- 1.07-GEOCIÊNCIAS
- 1.08-OCEANOGRAFIA

2-CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (*)

- 2.01-BIOLOGIA GERAL
- 2.02-GENÉTICA
- 2.03-BOTÂNICA
- 2.04-ZOOLOGIA
- 2.05-ECOLOGIA
- 2.06-MORFOLOGIA
- 2.07-FISIOLOGIA
- 2.08-BIOQUÍMICA
- 2.09-BIOFÍSICA
- 2.10-FARMACOLOGIA
- 2.11-IMUNOLOGIA
- 2.12-MICROBIOLOGIA
- 2.13-PARASITOLOGIA
- 2.14-TOXICOLOGIA

3-ENGENHARIAS

- 3.01-ENGENHARIA CIVIL
- 3.02-ENGENHARIA DE MINAS
- 3.03-ENGENHARIA DE MATERIAIS E METALÚRGICA
- 3.04-ENGENHARIA ELÉTRICA
- 3.05-ENGENHARIA MECÂNICA
- 3.06-ENGENHARIA QUÍMICA
- 3.07-ENGENHARIA SANITÁRIA
- 3.08-ENGENHARIA DE PRODUÇÃO
- 3.09-ENGENHARIA NUCLEAR
- 3.10-ENGENHARIA DE TRANSPORTES
- 3.11-ENGENHARIA NAVAL E OCEÂNICA
- 3.12-ENGENHARIA AEROSPAÇIAL
- 3.13-ENGENHARIA BIOMÉDICA

4-CIÊNCIAS DA SAÚDE(*)

- 4.01-MEDICINA
- 4.02-ODONTOLOGIA
- 4.03-FARMÁCIA
- 4.04-ENFERMAGEM (E)
- 4.05-NUTRIÇÃO
- 4.06-SAÚDE COLETIVA
- 4.07-FONAUDIOLOGIA
- 4.08-FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
- 4.09-EDUCAÇÃO FÍSICA

5-CIÊNCIAS AGRÁRIAS

- 5.01-AGRONOMIA
- 5.02-RECURSOS FLORESTAIS E ENGENHARIA FLORESTAL
- 5.03-ENGENHARIA AGRÍCOLA
- 5.04-ZOOTECNIA
- 5.05-MEDICINA VETERINÁRIA
- 5.06-RECURSOS PESQUEIROS E ENGENHARIA DE PESCA
- 5.07-CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS

6-CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

- 6.01-DIREITO
- 6.02-ADMINISTRAÇÃO
- 6.03-ECONOMIA
- 6.04-ARQUITETURA E URBANISMO
- 6.05-PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
- 6.06-DEMOGRAFIA
- 6.07-CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
- 6.08-MUSEOLOGIA
- 6.09-COMUNICAÇÃO
- 6.10-SERVIÇO SOCIAL
- 6.11-ECONOMIA DOMÉSTICA
- 6.12-DESENHO INDUSTRIAL
- 6.13-TURISMO

7-CIÊNCIAS HUMANAS

- 7.01-FILOSOFIA
- 7.02-SOCIOLOGIA
- 7.03-ANTROPOLOGIA
- 7.04-ARQUEOLOGIA
- 7.05-HISTÓRIA
- 7.06-GEOGRAFIA
- 7.07-PSICOLOGIA
- 7.08-EDUCAÇÃO
- 7.09-CIÊNCIA POLÍTICA
- 7.10-TEOLOGIA

8-LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

- 8.01-LINGUÍSTICA
- 8.02-LETRAS
- 8.03-ARTES

(*) NÍVEL: (P) Prevenção (D) Diagnóstico (T)Terapêutico

Epidemiológico
(N) Não se aplica

CÓDIGO – ÁREA TEMÁTICA ESPECIAL (Resolução CNS 196/96 – item VIII. 4.c)

- 1. GENÉTICA HUMANA
- 2. REPRODUÇÃO HUMANA
- 3. FARMÁCOS, MEDICAMENTOS, VACINAS E TESTES DIAGNÓSTICOS NOVOS (FASES I, II E III) OU NÃO REGISTRADOS NO PAÍS (AINDA QUE FASE IV), OU QUANDO A PESQUISA FOR REFERENTE A SEU USO COM MODALIDADES, INDICAÇÕES, DOSES OU VIAS DE ADMINISTRAÇÃO DIFERENTES DAQUELAS ESTABELECIDAS, INCLUINDO SEU EMPREGO EM COMBINAÇÕES;
- 4. EQUIPAMENTOS, INSUMOS E DISPOSITIVOS PARA A SAÚDE NVOS, OU NÃO REGISTRADOS NO PAÍS;
- 5. NOVOS PROCEDIMENTOS AINDA NÃOCONSAGRADOS NA LITERATURA;
- 6. POPULAÇÕES INDÍGENAS;
- 7. PROJETOS QUE ENVOLVAM ASPECTOS DE BIOSSEGURANÇA;
- 8. PESQUISAS COORDENADAS DO EXTERIOR OU COM PARTICIPAÇÃO ESTRANGEIRA E PESQUISAS QUE ENVOLVAM REMESSA DE MATERIAL BIOLÓGICO PARA O EXTERIOR; E
- 9. PROJETOS QUE, A CRITÉRIO DO CEP, DEVIDAMENTE JUSTIFICADO, SEJAM JULGADOS MERECEDORES DE ANÁLISE PELA CONEP/MS.

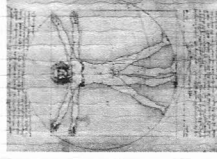
Dados do Projeto
Título do Projeto: Lazer e Uso de Drogas Ilícitas: Um diálogo com Usuários de Cocaína
Pesquisador: Daniella Marchese
Orientador: Prof. Dr. Guanís de Barros Vilela Junior
Instituição Responsável: UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba
Local da Realização da Pesquisa: Piracicaba / SP, Rio Claro / SP
Pesquisa relacionada a: Lazer, Drogas, Sociedade

Contatos
Pesquisador: Daniella Marchese Fone: 19 / 35233698 – 19 / 97951766 e-mail: dani.marchese@gmail.com
Orientador: Guanís de Barros Vilela Junior Fone: 19 / 31241515 e-mail: guanís@gmail.com

CheckList	
✓ Folha de Rosto	OK
✓ Declaração de Identidade de Conteúdo	OK
✓ Declaração de Responsabilidade do Pesquisador	OK
✓ Projeto:	
Título em Inglês: Leisure And Illicit Drug Use: A Dialogue With Users Of Cocaine	
Paginação	
Questionário	OK
Orçamento	OK
Cronograma	OK
Bibliografia	OK
✓ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	OK
✓ Autorização do Local da Pesquisa	OK
✓ Curriculum Lattes	OK
✓ Arquivo em cd (Projeto e TCLE)	OK

Protocolo de recebimento

Recebemos o processo sob o **Protocolo nº 29 / 04** este será submetido aos membros do Comitê de Ética e estará sujeito à análise conforme a resolução 196/96. Diante da ocorrência de pendências ele será devolvido ao proponente, que deverá respondê-las de acordo com os itens VII.13.6 da Resolução 196/96.

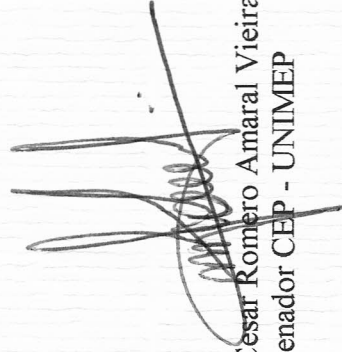


CERTIFICADO

Certificamos que o Projeto de pesquisa intitulado “**LAZER E USO DE DROGAS ILÍCITAS: UM DIÁLOGO COM USUÁRIOS DE COCAÍNA**”, sob o protocolo nº 29/10, da Pesquisadora **Daniella Marchese** está de acordo com a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS, de 10/10/1996, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – UNIMEP.

We certify that the research project with title “**LEISURE AND ILLICIT DRUG USE: A DIALOGUE WITH USERS OF COCAINE**”, protocol nº 29/10, by Researcher **Daniella Marchese** is in agreement with the Resolution 196/96 from Conselho Nacional de Saúde/MS and was approved by the Ethical Committee in Research at the Methodist University of Piracicaba – UNIMEP.

Piracicaba, SP, 14 de dezembro de 2010.



Prof. Dr. César Romero Amaral Vieira
Coordenador CEP - UNIMEP